

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

RAFAEL DA SILVA FIRME

**A REVOLUÇÃO NACIONAL SAUDITA E A POLÍTICA EXTERNA DE
MOHAMMED BIN SALMAN AL SAUD**

Porto Alegre

2024

RAFAEL DA SILVA FIRME

**A REVOLUÇÃO NACIONAL SAUDITA E A POLÍTICA EXTERNA DE
MOHAMMED BIN SALMAN AL SAUD**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

da Silva Firme, Rafael
A Revolução Nacional Saudita e a Política Externa
de Mohammed bin Salman Al Saud / Rafael da Silva
Firme. -- 2024.
90 f.
Orientador: José Miguel Quedi Martins.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Ciências Econômicas, Curso de Relações
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Integração Regional. 2. Mohammed bin Salman Al
Saud. 3. Reino da Arábia Saudita. 4. Revolução
Nacional. 5. Saudi Vision 2030. I. Quedi Martins, José
Miguel, orient. II. Título.

RAFAEL DA SILVA FIRME

**A REVOLUÇÃO NACIONAL SAUDITA E A POLÍTICA EXTERNA DE
MOHAMMED BIN SALMAN AL SAUD**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 06 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins – Orientador

UFRGS

Prof^ª. Dr^ª. Analúcia Danilevicz Pereira

UFRGS

Prof. Dr. Paulo Gilberto Fagundes Visentini

UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço à República Federativa do Brasil e ao povo brasileiro, pois graças à sociedade e à Lei de Cotas consegui ingressar e me manter na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a quem estendo os agradecimentos pela acolhida e pelo ambiente de excelência. Só mesmo através da universidade pública um cidadão como eu conseguiria acessar o ensino superior. Espero poder retribuir para a sociedade e para a instituição.

Agradeço ao meu orientador, o Prof. José Miguel Quedi Martins, o Zé, que em 2022 me recebeu com cordialidade e gentileza no Escritório, local onde expandi a minha trajetória acadêmica fora da sala de aula. Além dos aprendizados em Relações Internacionais, no Escritório amadureci e aprendi sobre a vida, tendo evoluído como pessoa. Estendo o agradecimento à Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS e à Oficina de Estudos Estratégicos (OEE), Programa de Extensão e espaço de aprendizagem coletiva coordenado pelo Prof. Zé. No último ano de graduação tive a felicidade de ser bolsista da OEE, onde fiz muitos amigos.

Agradeço aos companheiros de Escritório e OEE, em especial: Prof. João Gabriel Burmann da Costa, Prof. Júlio César Giacomini Spido, Prof. Felipe Dalcin Silva, Felipe Werner Samuel, Igor Estima Sardo, Lucas Lixinski Arnhold, Maria de Fátima Quedi Martins e Thyago Frizzo Lopes.

Agradeço aos professores Analúcia Danilevicz Pereira e Paulo Gilberto Fagundes Visentini por participarem da minha Banca. Fiquei honrado em ter a oportunidade de apresentar a minha pesquisa que trata de Oriente Médio aos especialistas no assunto.

Agradeço à minha família, os Silvas e os Faleros, mas em especial à Janaina Falero da Silva e Leila Regina Monfroni Falero, mulheres que são responsáveis pela minha formação como homem. Na boa e na ruim éramos nós três. Todo o sacrifício se justifica por elas.

Agradeço aos amigos do curso de Relações Internacionais, em especial: Claudio Albino Sotero Faes, Gabriel Nascimento de Alcântara Benites, Guilherme de Lima Ferri, João Luis Meneghetti, João Vittor Pereira Müllemaister, Miguel Gil Araujo, Pedro Henrique Atiense Alves, Pedro Henrique de Almeida Longo e Tales Augusto Wallauer de Leão.

Agradeço à minha companheira Paula Pimenta dos Santos, pois após a sua chegada, minha vida mudou pra melhor.

RESUMO

Este trabalho analisa a Revolução Nacional Saudita e a política externa de Mohammed bin Salman (MBS). O período de análise se dá entre 2010 e 2023, visto que o ano de 2010 marcou o início da Primavera Árabe, fenômeno motivador da Revolução Nacional Saudita, iniciada após a ascensão de Salman bin Abdulaziz Al Saud, em 2011. Já o ano de 2023 marcou a pacificação do Reino da Arábia Saudita com a República Islâmica do Irã e com a Síria, além de ser o ano em que a Arábia Saudita esteve próxima de reconhecer diplomaticamente o Estado de Israel. No entanto, as negociações foram interrompidas após os atentados de 7 de Outubro, quando o Hamas realizou ataques em solo israelense. A pergunta norteadora da pesquisa foi a seguinte: a progressiva ascensão de Salman e MBS é a causa das alterações nas tomadas de decisões da Arábia Saudita? A resposta hipotética confere à Salman e MBS a responsabilidade pelas mudanças de agenda econômica, política e social na Arábia Saudita, isto através de ações como a limitação da influência dos clérigos wahhabis e o lançamento do Saudi Vision 2030, projeto de infraestrutura saudita que visa fazer do país um hub logístico e industrial através da obtenção do Centro de Decisão Econômica. Assim, além de conectar África, Ásia e Europa, o principal objetivo do Saudi Vision no Oriente Médio é romper com a conflagração e promover a integração regional através de investimentos e bem-estar social, preenchendo o vácuo deixado pela Guerra ao Terror e pela Primavera Árabe. Em perspectiva doméstica os sauditas têm êxito, visto que na esfera política MBS consegue agradar a Casa de Saud, os teólogos muçulmanos e à juventude civil, ao tempo em que na esfera econômica os empreendimentos de engenharia do Saudi Vision estão sendo executados normalmente. Em perspectiva regional os sauditas buscam maior integração no Conselho de Cooperação do Golfo e o fim das tensões entre potências regionais como Irã e Israel para que o Saudi Vision seja bem sucedido. Em perspectiva global os sauditas usam de Política Externa Independente e barganha para se equilibrar entre China, Estados Unidos e Rússia, posto que em um mundo multipolar a política externa alinhada é ineficaz. Em conclusão, as reformas promovidas por Salman e MBS fizeram com que a Arábia Saudita buscasse pela autonomia no Sistema Internacional, influenciando o Oriente Médio através da infraestrutura, da integração e da pacificação e o mundo através de sua presença em fóruns de governança global.

Palavras-chave: Análise de Política Externa. Integração Regional. Mohammed bin Salman. Reino da Arábia Saudita. Revolução Nacional. Saudi Vision 2030. Teoria dos Complexos Regionais de Segurança.

ABSTRACT

This work analyzes the Saudi National Revolution and the foreign policy of Mohammed bin Salman (MBS). The period of analysis takes place between 2010 and 2023, as the year 2010 marked the beginning of the Arab Spring, a phenomenon that motivated the Saudi National Revolution, which began after the rise of Salman bin Abdulaziz Al Saud, in 2011. The year 2023 marked the pacification of the Kingdom of Saudi Arabia with the Islamic Republic of Iran and Syria, in addition to being the year in which Saudi Arabia came close to diplomatically recognizing the State of Israel. However, negotiations were interrupted after the October 7 attacks, when Hamas carried out attacks on Israeli soil. The guiding question of the research was the following: is the progressive rise of Salman and MBS the cause of changes in decision-making in Saudi Arabia? The hypothetical answer gives Salman and MBS responsibility for changes in the economic, political and social agenda in Saudi Arabia, through actions such as limiting the influence of Wahhabi clerics and the launch of Saudi Vision 2030, a Saudi infrastructure project that aims to make of the country a logistical and industrial hub through obtaining the Economic Decision Center. Thus, in addition to connecting Africa, Asia and Europe, the main objective of Saudi Vision in the Middle East is to break the conflagration and promote regional integration through investment and social well-being, filling the vacuum left by the War on Terror and the Arab Spring. From a domestic perspective, the Saudis are successful, since in the political sphere MBS manages to please the House of Saud, Muslim theologians and civilian youth, while in the economic sphere Saudi Vision's engineering ventures are being carried out normally. From a regional perspective, the Saudis seek greater integration in the Gulf Cooperation Council and an end to tensions between regional powers such as Iran and Israel so that the Saudi Vision can be successful. From a global perspective, the Saudis use an Independent Foreign Policy and bargaining to balance between China, the United States and Russia, since in a multipolar world aligned foreign policy is ineffective. In conclusion, the reforms promoted by Salman and MBS made Saudi Arabia seek autonomy in the International System, influencing the Middle East through infrastructure, integration and pacification and the world through its presence in global governance forums.

Key Words: Foreign Policy Analysis. Regional Integration. Mohammed bin Salman. Kingdom of Saudi Arabia. National Revolution. Saudi Vision 2030. Regional Security Complexes Theory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Legado dos reis sauditas (1953–2015).....	18
Quadro 2: Legado de MBS (2015–2023).....	19
Quadro 3: Alterações no Democracy Index.....	21
Quadro 4: Impactos da Primavera Árabe no CCG.....	22
Quadro 5: Príncipes cotados a substituírem o Rei Abdullah.....	24
Figura 1: CRS do Oriente Médio.....	27
Quadro 6: Comparativo entre ASEAN, CCG, Mercosul e UE.....	36
Figura 2: Estrutura do aparato securitário saudita.....	39
Quadro 7: Principais ministérios e ministros sauditas.....	40
Quadro 8: Órgãos subordinados ao MOD, MNG, MOI, GIP e PSS.....	40
Figura 3: Mapa da Síria em março de 2023.....	41
Figura 4: Mapa do Iêmen em agosto de 2023.....	42
Figura 5: Ramos e Denominações do Islã.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APE	Análise de Política Externa
Aramco	Saudi Arabian Oil Group
ASEAN	Association of Southeast Asian Nations
CCG	Conselho de Cooperação do Golfo
CIA	Central Intelligence Agency
CRS	Complexos Regionais de Segurança
EAU	Emirados Árabes Unidos
EUA	Estados Unidos da América
GIP	Presidência Geral de Inteligência
MBN	Muhammad bin Nayef Al Saud
MBS	Mohammed bin Salman Al Saud
MBZ	Mohamed bin Zayed Al Nahyan
MC	Mercado Comum
MNG	Ministério da Guarda Nacional
MOD	Ministério da Defesa
MOI	Ministério do Interior
OAPEP	Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo
OPEP	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PEI	Política Externa Independente
PIF	Public Investment Fund
PSS	Presidência de Segurança do Estado
RI	Relações Internacionais
SANG	Guarda Nacional
SI	Sistema Internacional
TCRS	Teoria dos Complexos Regionais de Segurança
TPI	Teoria de Política Internacional
UA	União Aduaneira
UE	União Europeia
UEM	União Económica e Monetária
ZLC	Zona de Livre Comércio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 ESTRUTURA DA PESQUISA.....	15
1.2 A CONSTRUÇÃO DO REINO DA ARÁBIA SAUDITA.....	17
2 A REVOLUÇÃO NACIONAL SAUDITA.....	20
2.1 CAUSAS E EFEITOS DA PRIMAVERA ÁRABE.....	20
2.2 COMPLEXOS REGIONAIS DE SEGURANÇA E INTEGRAÇÃO.....	25
2.3 CONCEITO DE REVOLUÇÃO NACIONAL.....	28
2.4 SAUDI VISION EM PERSPECTIVA DOMÉSTICA.....	33
3 A POLÍTICA EXTERNA DE MBS NO NÍVEL REGIONAL.....	34
3.1 ESTRUTURA, AVANÇOS E COMPETIÇÃO NO CCG.....	34
3.2 APARATO SECURITÁRIO SAUDITA E GUERRAS REGIONAIS.....	39
3.2.1 O papel saudita na Guerra da Síria.....	41
3.2.2 O papel saudita na Guerra do Iêmen.....	42
3.3 POLÍTICA EXTERNA INDEPENDENTE.....	43
3.3.1 Relações entre Riade e Teerã.....	44
3.3.2 Relações entre Riade e Tel Aviv.....	46
3.4 SAUDI VISION EM PERSPECTIVA REGIONAL.....	48
4 A POLÍTICA EXTERNA DE MBS NO NÍVEL GLOBAL.....	50
4.1 PETRÓLEO COMO DISPOSITIVO POLÍTICO.....	50
4.2 DISSIDÊNCIA E LEALDADE.....	55
4.3 POLARIDADE E POLARIZAÇÃO.....	58
4.3.1 Relações entre Riade e Washington.....	58
4.3.2 Relações entre Riade e Pequim.....	60
4.3.3 Relações entre Riade e Moscou.....	61
4.4 SAUDI VISION EM PERSPECTIVA GLOBAL.....	62
5 CONCLUSÃO.....	64
REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como cerne o exame da Revolução Nacional Saudita, que tornou-se possível em virtude de mudanças da situação internacional no âmbito regional e no supercomplexo da Ásia. Do ponto de vista interno, ela coincide com a ascensão de Salman bin Abdulaziz Al Saud e Mohammed bin Salman Al Saud (MBS), o que situa o período examinado entre dezembro de 2010 e outubro de 2023, que marcam o começo da Primavera Árabe e o início da conflagração entre o Estado de Israel e o Hamas, respectivamente. Esses e outros eventos no período em análise impactaram a estrutura do Reino da Arábia Saudita, que a partir de modernização sem precedentes, vive transformações em sua agenda política.

A pesquisa foi construída através da seguinte pergunta: a progressiva ascensão de Salman e MBS é a causa das alterações nas tomadas de decisões da Arábia Saudita? A hipótese, resposta parcial a esta questão, é que a ascensão de Salman e MBS é a causa, conquanto não exclusiva, das alterações substanciais nas tomadas de decisões dos sauditas em âmbito interno e externo. Isto é, a Revolução Nacional Saudita é causalidade da modernização promovida pela atual linhagem governante da Casa de Saud, que visa limitar a influência dos clérigos wahhabis ao tempo em que promove inserção internacional do país através de projetos como o Saudi Vision 2030, idealizado por MBS em janeiro de 2016.

O principal objetivo é investigar o papel de Salman e MBS nas transformações em andamento, seja de política interna ou externa, observando o impacto das ações de ambos na mudança de agenda. Assim serão examinadas duas situações:

- a) após fracassar ao tentar obter a hegemonia regional através da guerra, isto é, em derrotar os *proxys*¹ iranianos, o novo governo adotou a pacificação como meio principal — através da busca pela integração regional;
- b) as reformas internas promovidas por MBS impactaram a política externa saudita, visto que a Revolução Nacional e o Saudi Vision transcendem fronteiras, conectando Riade às potências regionais e aos Estados capazes de escreverem as regras do Sistema Internacional (SI).

Examinar a modernização saudita importa como estudante brasileiro em razão da relação entre os países, tendo em vista que entre os Estados árabes, a Arábia Saudita é a principal parceira comercial do Brasil. Além disso, a Arábia Saudita lidera o Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), organização similar ao Mercado Comum do Sul (Mercosul),

¹ São grupos alinhados e que atuam em parceria com o seu financiador. No caso proposto, se faz referência aos Hamas na Faixa de Gaza, ao Hezbollah no Líbano e aos Houthis no Iêmen.

atualmente presidido pelo Brasil. No cenário global, a importância saudita se justifica pela sua pujança energética, pois Riade é quem mais exporta petróleo no mundo, ao passo em que é o lar da segunda maior reserva global da mercadoria — atrás da Venezuela —, produzindo menos do que os Estados Unidos da América (EUA) (United States of America, 2021).

A metodologia de pesquisa pode ser classificada como histórico explicativa, com base em Van Evera (2002, p. 106). Assim, teorias produzidas por acadêmicos renomados nas Relações Internacionais (RI) aliadas à revisão de artigos e livros publicados por autores que estudam o Oriente Médio foram utilizadas na construção do trabalho. Deste modo, a pesquisa ganha face descritiva, ainda que ele seja explicado de ponta a ponta. Cada contexto histórico apresentado no trabalho tem por finalidade extrair análise e construir cenários, para que assim se compreenda o que foi realizado no passado, o que está sendo feito no presente e como será a condução dos processos no futuro.

O marco teórico da pesquisa baseia-se em autores que contribuíram para os estudos sobre integração, Revolução e Análise de Política Externa (APE). Para analisar a integração regional, serão utilizados os seguintes autores:

- a) Ernest B. Haas (1958), que considerava a integração como processo inevitável;
- b) Louise Fawcett (2008), que considerava a integração viável a partir de organizações de segurança;
- c) Barry Buzan e Ole Wæver (2003), que se afastaram do otimismo de Haas e das ressalvas de Fawcett ao construírem a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS), um modelo que examina a segurança em perspectiva regional, levando ao surgimento dos Complexos Regionais de Segurança (CRS) — que são os espaços onde podem ocorrer diversos desdobramentos, inclusive a integração.

Para examinar o conceito de Revolução Nacional, serão utilizados os seguintes autores:

- a) Celso Furtado (1962), que conceitua o Centro de Decisão Econômica, isto é, a capacidade de uma determinada sociedade produzir endogenamente, o que é uma condição para a emancipação;
- b) Marco Cepik (1995), que explica os diferentes tipos de Revolução na literatura de Sociologia, isto é, as causas e os objetivos de tal fenômeno;
- c) Maria da Graça Hahn (2006), que de forma anti intuitiva, demonstra que a Revolução Nacional é concluída com a integração regional;
- d) Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto (1967), que conceituam os tipos de Estado existentes e as suas fases de evolução.

Para traçar as mudanças de política externa, serão utilizados os seguintes autores:

- a) Kenneth Waltz (2022), a partir do modelo de “imagens”, isto é, as decisões políticas estão condicionadas ao que ocorre no SI, ao âmbito doméstico e também à pessoa;
- b) Robert Putnam (2010), a partir do modelo dos “jogos de dois níveis”, ou seja, para obter êxito na mudança de política externa, o Estado deve atender as demandas das elites que fazem pressão na política interna.

Assim, entende-se que a Revolução Nacional Saudita — que visa ser consolidada nos sub-complexos do CRS do Oriente Médio — tem duas finalidades:

- a) a integração regional, tendo em vista a mudança na tomada de decisão saudita;
- b) a construção de infraestrutura — através do Saudi Vision — para a integração.

O vácuo de poder no Oriente Médio e a destruição deixada pela Guerra ao Terror e pela Primavera Árabe pode ser preenchido por planos de infraestrutura que integrem a região. A alternativa de MBS é o Saudi Vision, que é a versão saudita de projetos como o *International North–South Transport Corridor*, a *Belt and Road Initiative*, o *Lapis Lazuli corridor*, a *Next Generation EU*, o *Build Back Better World* e o *India-Middle East-Europe Economic Corridor*.

Em todos esses planos, incluindo o Saudi Vision, a globalização é a alternativa à guerra endêmica e por isso a Revolução Nacional Saudita é também um evento de alcance internacional, incidindo sobre o CRS do Oriente Médio e, dada a importância dessa, sobre a própria estabilidade estratégica no SI.

A estrutura de um CRS é baseada em quatro fatores:

- a) fronteiras;
- b) anarquia;
- c) polaridade;
- d) construção social.

A partir disso, um CRS tem três futuros:

- a) manutenção do *status quo*;
- b) transformação interna;
- c) transformação externa.

Destaca-se neste trabalho a transformação interna, pois as mudanças na estrutura ocorrem dentro do contexto das fronteiras externas existentes. Isto poderia significar mudanças na estrutura anárquica (devido à integração regional); à polaridade (devido à desintegração, fusão ou conquista); ou aos padrões dominantes de amizade/inimizade (devido a mudanças ideológicas e/ou de liderança ou cansaço da guerra) (Buzan; Wæver, 2003, p. 53).

Operacionalizando as teorias para que se apliquem ao caso proposto no trabalho, pode-se inferir que se a Revolução Nacional Saudita for bem sucedida, terá como meio direto o Saudi Vision, que prioriza elementos econômicos e políticos. Os elementos econômicos da Revolução Nacional Saudita são:

- a) a endogeneização da III e da IV Revolução Industrial, isto é, sendo os sauditas os líderes regionais e detentores do Centro de Decisão Econômica;
- b) a infraestrutura, visto que o Saudi Vision se propõe a fazer da Arábia Saudita e do Oriente Médio um hub industrial que conecte África, Europa e Ásia.

Os elementos políticos da Revolução Nacional Saudita são:

- a) a participação de Riade em fóruns multilaterais de governança como a Organização de Cooperação Islâmica (OCI), a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), a Organização de Cooperação Xangai (OCX) e os BRICS;
- b) a integração regional, com o fortalecimento do CCG e da Liga Árabe, bem como a pacificação com a República Islâmica do Irã e o possível reconhecimento a Israel, o que poderia estabilizar a região mais conflagrada do mundo não através do atrito e sim do engajamento.

Entende-se que a Revolução Nacional Saudita surge como resposta aos eventos no Grande Oriente Médio, ainda que fora das fronteiras da Arábia Saudita, como a Guerra ao Terror e a Primavera Árabe, que deixaram vácuo de poder regional e instabilidade. Assim, a partir da ascensão de Salman como ministro da Defesa em 2011, os sauditas passaram a buscar uma mudança de agenda interna para conter os efeitos externos. Essa transformação foi formalizada com o lançamento do Saudi Vision cinco anos mais tarde, programa que visa pacificar a região mais conflagrada do mundo através de investimentos e bem-estar social. Se o Saudi Vision for exitoso, os sauditas poderão influenciar a estabilidade estratégica modificando o seu conteúdo atual e destacando fatores econômicos e políticos.

A partir da pesquisa realizada, pode-se concluir parcialmente que a consecução da Revolução Nacional Saudita poderá gerar efeitos sistêmicos. Se a integração regional de fato ocorrer no Oriente Médio, um espaço tradicionalmente conflagrado em que não só as Grandes Potências podem se confrontar mas também as potências regionais, a Revolução Nacional Saudita poderá incidir na estabilidade estratégica, modificando seu conteúdo, tornando-a multidimensional e concedendo protagonismo à economia e às instituições. Assim, o engajamento tornar-se-ia estratégia central de inserção internacional, configurando-se como exemplo para a política externa brasileira

1.1 ESTRUTURA DA PESQUISA

O trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro, a Revolução Nacional Saudita será o destaque. Esta é uma contribuição brasileira, em específico, de Furtado, Cepik e Hahn, que terão o devido destaque na terceira seção do capítulo 2. A Revolução Nacional será conceituada a partir de três seções principais:

- 1) um breve histórico da Primavera Árabe, evento que é a consequência da ascensão de Salman e MBS;
- 2) com base em Haas e Fawcett, será avaliada a possibilidade de integração, que ganhou modelo a partir da TCRS e do CRS de Buzan e Wæver;
- 3) a transformação do Estado saudita, com base na teoria dos tipos de Estado de Cardoso e Faletto.

Por fim, com o objetivo de estudar a mudança na tomada de decisão a partir de Salman e MBS, duas perspectivas serão examinadas: a tipologia das “três imagens” de Waltz e a lógica dos “jogos de dois níveis” de Putnam.

No segundo capítulo será analisado o contexto regional em meio à ascensão de Salman e MBS. O capítulo conta com três seções que tratam das seguintes situações:

- 1) o papel saudita no CCG;
- 2) o aparato securitário saudita e o papel do país nas guerras de Síria e Iêmen;
- 3) a política externa de MBS para com Irã e Israel.

No que diz respeito à primeira seção, a competição entre os Estados-membros do CCG será examinada ao passo em que se destaca a liderança saudita do bloco. O evento que marcou a mudança nas relações entre os países do CCG ocorreu em 2017, quando uma coalizão que contava com a Arábia Saudita, o Reino do Bahrein e os Emirados Árabes Unidos (EAU), congelaram as relações diplomáticas com o Estado do Catar; o Estado do Kuwait e o Sultanato de Omã, também membros do CCG, adotaram postura mediadora — ambos foram decisivos no fim das tensões, em 2021 (Haq, 2021).

A segunda seção aborda o aparato securitário saudita e a ambígua participação do país nas guerras regionais, com destaque para as guerras de Síria e Iêmen. Na Síria, a atuação saudita foi figurativa, tendo como principal ação o financiamento de facções de oposição ao regime de Bashar al-Assad. Atualmente, o papel saudita na Síria vem diminuindo, visto que os governos de Riade e Damasco estão se aproximando. No Iêmen, os sauditas têm papel protagonista, sendo a principal frente opositora aos Houthis², que controlam a capital Saná. Os

² Surgido na Escola Zaydi do islã, os Houthis são um movimento próprio dentro do xiismo (Riedel, 2017).

sauditas estão envolvidos no conflito desde o momento em que o então presidente do Iêmen, Abdrabbuh Mansur Hadi, perdeu o controle de Saná, se auto-exilando na Arábia Saudita. O líder inicial da coalizão saudita no Iêmen foi Muhammad bin Nayef Al Saud (MBN), que tornou-se príncipe herdeiro um mês após o início da intervenção (Partrick, 2015).

A terceira seção examina a Política Externa Independente (PEI) de MBS. Sem se desfazer da histórica parceria com os EUA, mas visando diminuir a dependência, MBS buscou se aproximar de players importantes. Um desses atores foi a China, que mediou o restabelecimento de relações diplomáticas entre sauditas e iranianos, chancelado em 10 de março de 2023 (SPA, 2023). Se por um lado a retomada saudí-iraniana desagradou cataris e turcos, por outro lado abriu espaço para que EUA e Israel planejassem a entrada da Arábia Saudita nos Acordos de Abraão. Em meio às negociações, MBS afirmava que Riade estava “cada dia mais próxima” de Tel Aviv, no entanto, em 7 de outubro de 2023, o Hamas realizou incursão sem precedentes em Israel, motivando resposta do Estado judeu na Faixa de Gaza. A partir desse momento, as conversas entre sauditas e israelenses esfriaram (Aitken, 2023; Magid, 2023; Gause III, 2023).

No terceiro capítulo a política externa de MBS será examinada em perspectiva extrarregional. O capítulo conta com três seções que tratam das seguintes situações:

- 1) o petróleo como dispositivo político;
- 2) a oposição saudita e os aliados de MBS fora do governo;
- 3) o lugar da Arábia Saudita no SI.

Na primeira seção, será examinada a posição saudita na OPEP e, na mesma seção, o relacionamento interorganizacional entre OPEP e OPEP+³. Assim, a cooperação saudí-russa será analisada pela ótica de Riade, que com pragmatismo e PEI, desafia a ordem ocidental comandada pelas potências da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e da União Europeia (UE). Essa afirmação baseia-se na postura saudita, que não aderiu às sanções do Ocidente contra a Rússia durante a Guerra da Ucrânia (Turak, 2023; Chivvis; Miller; Geaghan-Breiner, 2023).

A segunda seção examinará o papel de três personagens notáveis na política saudita: Jamal Khashoggi, Bandar bin Sultan Al Saud e Turki bin Faisal Al Saud. Voz leal à Casa de Saud, Khashoggi foi um jornalista que gozou de bom trânsito na elite saudita, chegando a trabalhar para Turki quando este fora embaixador nos EUA e no Reino Unido. No entanto, ao buscar o exílio nos EUA, Khashoggi adotou posição ambígua, ao passo em que elogiava as reformas de MBS e criticava-o pessoalmente. Em 2 de outubro de 2018, Khashoggi foi

³ Grupo de 10 países — incluindo México e Rússia — que são associados da OPEP (Nakamura, 2023).

assassinado no consulado saudita de Istambul, evento que arranhou a imagem de MBS no SI (Frontline PBS, 2019). Embaixador nos EUA por 22 anos, Conselheiro de Segurança Nacional⁴ por 10 anos e chefe da inteligência saudita por outros 2 anos, Bandar foi figura que representou a oligarquia saudita. Tendo lidado com a ascensão da Al-Qaeda, a Guerra do Golfo, o 11 de setembro e as invasões de Afeganistão e Iraque, a última missão de Bandar como tomador de decisão tinha como propósito coordenar a posição saudita na Guerra da Síria, armando e financiando a oposição à Assad (Ansari, 2014). Se Khashoggi foi o crítico e Bandar o “faz tudo”, Turki foi e segue sendo o diplomático. Filho do Rei Faisal, além de ter sido o chefe da inteligência saudita por 22 anos, Turki substituiu Bandar como embaixador dos EUA após o 11 de setembro. Atualmente, ele é a principal voz da Casa de Saud — fora do governo — em fóruns globais, onde aborda questões domésticas e externas, como o papel do Saudi Vision. Ao lado do ministro das Relações Exteriores saudita Faisal bin Farhan Al Saud, Turki foi uma rara voz árabe a condenar o Hamas pelos eventos de 7 de outubro de 2023 e Israel pela resposta ilimitada na Faixa de Gaza, o que lhe confere uma posição privilegiada dada a sua relação estreita com MBS (Gardner, 2023; Fattah, 2023).

Na terceira seção serão examinadas as relações da Arábia Saudita com EUA, China e Rússia no mundo multipolar que vivemos hoje. Ainda que o histórico seja positivo para os EUA, as relações da Casa de Saud com George W. Bush, Barack Obama e Donald Trump foram distintas. A partir da multipolaridade, MBS expandiu a visão saudita nas três principais esferas dos estudos estratégicos: a economia, a política e a segurança. É nesse contexto — o qual a Rússia já está inserida — que entra a China, país que responde por 20% das exportações sauditas e 20% das importações; os chineses também apoiaram a adesão dos sauditas nos BRICS e na OCX, onde os sauditas são parceiros de diálogo (Chiappa, 2023; Barakat, 2023). Os sauditas fazem parte da *Belt and Road Initiative* (Nedopil, 2023).

1.2 A CONSTRUÇÃO DO REINO DA ARÁBIA SAUDITA

O atual Reino da Arábia Saudita é a resultante de um processo de unidade tribal firmado nos primeiros trinta anos do século XX. Antes disso, existiram outros dois Estados sauditas (Wynbrandt, 2004, p. 158-159). O Primeiro Estado Saudita⁵ compreende ao período entre 1744 e 1818, quando foi firmada a aliança entre as famílias Al Saud e Al ash-Sheikh

⁴ Criado pelo Rei Abdullah, o Conselho tinha poderes internos e externos, como investigar agências internas, aprovar estratégias militares e reduzir ou aumentar relações diplomáticas com outros países (Lima, 2022, p. 239).

⁵ O Primeiro Estado Saudita incluía também o que hoje são Bahrein, Catar e EAU (Riedel, 2018, p. 17).

(Riedel, 2018, p. 12); o Segundo Estado Saudita⁶ existiu entre 1824 e 1891, ficando marcado pela expansão territorial (Al-Rasheed, 2010, p. 7); o Terceiro Estado Saudita remonta ao ano de 1902, data que marca o início da unificação do país, concluída em 1932 com a proclamação do Reino; já a demarcação territorial que conhecemos hoje foi firmada em 1934, quando os sauditas venceram a Guerra Saudi-Iemenita (Al-Rasheed, 2010, p. 98).

Além das batalhas emancipatórias nos séculos XVIII e XIX, nas primeiras décadas do século XX a Casa de Saud confrontou *proxys* otomanos⁷ e a Casa Hachemita (Robins, 2019, p. 27-28), que contava com o apoio do Reino Unido. Nos dois tentos, Ibn Saud obteve a vitória e, após isso, ao proclamar o Reino da Arábia Saudita, liderou o país até 1953, quando morreu e foi substituído por seu filho Saud (Riedel, 2018, p. 24).

A Arábia Saudita teve seis reis — todos filhos de Ibn Saud — e cada um deles enfrentou desafios distintos. As únicas situações que não se alteravam eram o alinhamento com os EUA e a maximização dos ganhos da realeza com base nos lucros da Saudi Arabian Oil Group (Aramco)⁸. Observa-se no quadro a seguir as principais ocorrências em cada reinado após a morte de Ibn Saud:

Quadro 1: Legado dos reis sauditas (1953–2015)

Rei (Período)	Evento
Saud (1953–1964) Não era um Sudairi	<ul style="list-style-type: none"> • Criou o Conselho de Ministros • Foi deposto pelo meio-irmão
Faisal (1964–1975) Não era um Sudairi	<ul style="list-style-type: none"> • Idealizou o pan-islamismo • Era rei nas guerras de 1967 e 1973
Khalid (1975–1982) Não era um Sudairi	<ul style="list-style-type: none"> • Era rei durante a Revolução Iraniana • Enfrentou o radicalismo islâmico
Fahd (1982–2005) Era um Sudairi	<ul style="list-style-type: none"> • Expulsou Osama bin Laden do país • Era rei nos atentados do 11/09
Abdullah (2005–2015) Não era um Sudairi	<ul style="list-style-type: none"> • Era rei durante a Primavera Árabe • Entrevistado no Bahrein e na Síria
Salman (2015–presente) É um Sudairi	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistado no Iêmen • Tornou MBS chefe de governo

Fonte: Elaborado pelo autor com base em History of Saudi Arabia (2023).

⁶ Após o colapso do Segundo Estado Saudita, a Casa de Saud se exilou no Kuwait (Riedel, 2018, p. 18-19).

⁷ A família Al Rashidi era subserviente ao Império Otomano (Riedel, 2018, p. 21-22).

⁸ Parte de consórcio saudí-americano, a Aramco teve origem em 1933 (Al-Rasheed, 2010, p. 90).

A política externa saudita passou a sofrer mudanças drásticas quando MBS teve poder para romper com uma das duas situações então inalteradas: o alinhamento com os EUA. Antes mesmo de ser primeiro-ministro, MBS rompeu com a política externa de alinhamento automático à Washington e, logo que pôde, o príncipe expandiu canais diplomáticos com China e Rússia, principalmente no setor econômico (Al-Rasheed, 2022).

O ano de 2011 foi chave para a Arábia Saudita e para MBS, pois remonta à intervenção no Bahrein, um evento importantíssimo no contexto da Primavera Árabe. Meses após o sucesso da coalizão saudita no Bahrein, Salman, hoje rei, tornou-se ministro da Defesa, terceiro cargo mais importante na hierarquia da Casa de Saud — só atrás de rei (que geralmente acumula o cargo de premiê) e príncipe herdeiro. Mesmo a contragosto do Rei Abdullah, que avaliava MBS como um jovem ambicioso, Salman admitiu o filho em cargos burocráticos dentro da administração saudita, principalmente em seus gabinetes (Macdonald *et al.*, 2023). Quando tornou-se rei, Salman reformou o Conselho de Ministros e designou o ministério da Defesa para MBS, que em 2017 tornou-se príncipe herdeiro, e, em 2022, primeiro-ministro. Observa-se no quadro a seguir os principais eventos envolvendo MBS:

Quadro 2: Legado de MBS (2015–2023)

Cargo (período)	Eventos
Ministro da Defesa (2015) Em 2015 MBS tinha 30 anos	<ul style="list-style-type: none"> ● Participou da intervenção no Iêmen ● Limitou a influência do wahhabismo ● Lançou o Saudi Vision ● Cortou relações com o Catar
Príncipe herdeiro (2017) Em 2017 MBS tinha 32 anos	<ul style="list-style-type: none"> ● Realizou prisões na Casa de Saud ● Ampliou direitos civis para mulheres ● Retomou relações com o Catar ● Expandiu cooperação com a OPEP+
Primeiro-ministro (2022) Em 2022 MBS tinha 37 anos	<ul style="list-style-type: none"> ● Foi mediador na Guerra da Ucrânia ● Retomou relações com Irã e Síria ● Aproximou-se formalmente de Israel ● Ingressou nos BRICS+

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Mohammed bin Salman (2024).

2 A REVOLUÇÃO NACIONAL SAUDITA

O presente capítulo examinará os eventos que impactaram a Arábia Saudita e o seu entorno estratégico entre o início da Primavera Árabe, em dezembro de 2010, e a realização de prisões na Casa de Saud, ocorridas no final de 2017. O marco temporal escolhido justifica-se por duas razões:

- a) a ascensão de Salman e MBS passa pelos eventos da Primavera;
- b) Mesmo após substituir MBN em junho de 2017, MBS só consolidou o seu poder no fim do ano, quando ordenou prisões em massa, incluindo a do próprio MBN.

A análise teórica segue através de dois caminhos:

- a) no nível externo, examina-se o RSCT, de Buzan e Wæver, além de modelos específicos de APE;
- b) no nível interno, estuda-se a Revolução propriamente dita — com base em Hahn e Furtado —, bem como os efeitos de ordem econômica, política e social no país.

A análise dos níveis interno e externo tem por objetivo prover indicadores que sinalizem a busca da Arábia Saudita pela integração regional.

2.1 CAUSAS E EFEITOS DA PRIMAVERA ÁRABE

O início do século XXI foi moldado pela Guerra ao Terror, que tornou-se a resposta dos EUA aos atentados de 11 de setembro de 2001. Ainda que o 11 de setembro tenha sido uma ação direta de 19 terroristas — sendo 15 sauditas —, os árabes de modo geral — e não só os sauditas — sofreram as consequências no primeiro quarto de século. Os árabes já vinham sendo estereotipados como terroristas desde o fim da Guerra Fria e com a ação da Al-Qaeda isso piorou. Vizontini (2002) conceituou quatro sentidos para terrorismo:

- a) terrorismo de Estado;
- b) atentados contra civis;
- c) terrorismo comunal;
- d) ansiedade global.

O último dos quatro sentidos foi disseminado pelos EUA após os atentados, desencadeando a “Guerra Infinita” de Bush, com intervenções no Grande Oriente Médio com pouca ou quase nenhuma relação direta com o 11 de setembro (Vizontini, 2012, p. 95-96). Dentro do escopo da Guerra ao Terror ocorreu a Primavera Árabe, que surgiu sob uma mescla de insatisfações no Oriente Médio, com destaque para o intervencionismo norte-americano e o

desgaste dos regimes autoritários na região (Visentini, 2017b, p. 53). Os levantes abalaram o Oriente Médio em distintos graus de interação, afetando drasticamente a região mais pobre — o Magrebe⁹ e o Levante¹⁰ — e promovendo poucas mudanças no Golfo¹¹ — onde estão as petromonarquias.

À época, a Primavera Árabe foi pensada como um evento libertador, que traria esperança e liberdade para o autoritário Oriente Médio, haja visto a organização social na região. Falava-se em uma ruptura psicológica e epistemológica no Mundo Árabe, um movimento político emancipatório e que desafiava até mesmo o *status quo* regional (Gerges, 2013, p. 1). A menção ao professor Fawaz Gerges¹² importa para que se tenha a dimensão do que se esperava da Primavera. No entanto, infelizmente a realidade foi outra. Mesmo havendo mudanças no curto prazo — como ocorrera no Egito e na Tunísia —, a Primavera acabou sendo um fracasso que levou mais instabilidade ao Oriente Médio, gerou três guerras civis — Iêmen, Líbia e Síria —, manteve o Iraque dividido e concedeu vitória ao Irã, que foi quem obteve vantagem e avanços regionais (Fernández, 2015).

Quadro 3: Alterações no *Democracy Index*¹³

Região	Mudanças entre 2010 e 2020
África: Magrebe	<ul style="list-style-type: none"> • Marrocos, Tunísia e Líbia obtiveram ganhos democráticos
Oriente Médio: Levante	<ul style="list-style-type: none"> • Egito seguiu estável, enquanto a Síria regrediu
Oriente Médio: Arábia e Golfo	<ul style="list-style-type: none"> • EAU obteve ganhos democráticos, enquanto o Iêmen regrediu

Fonte: Elaborado pelo autor com base em *Democracy Index* (2021) via Statista.

A ambiguidade dos dados apresentados no Quadro 3 impressiona. No Magrebe, a Tunísia teve mudança de regime, contudo, Kais Saied, atual presidente, fechou o parlamento em 2021; sem mudança política o Marrocos obteve ganhos democráticos (Buchholz, 2021). No entanto, a situação da Líbia chama a atenção. Após a desastrosa intervenção da OTAN e o assassinato de Muammar Gaddafi, o país está dividido em três, mas obteve ganhos

⁹ Localizado no Norte da África, é a porção ocidental do Mundo Árabe (Maghreb, 2023).

¹⁰ Fachada marítima entre a Turquia e o Egito (Roche, 2012, p. 19).

¹¹ Corpo de água entre o Shatt al-Arab e o Estreito de Ormuz (Persian Gulf, 2023).

¹² Fawaz Gerges é professor de Relações Internacionais na London School of Economics (Gerges, 2013).

¹³ O Democracy Index mede a democracia no mundo. A avaliação qualitativa e quantitativa, bem como a metodologia são responsabilidades da Economist Intelligence Unit, que pertence ao Grupo Economist (The Economist Democracy Index, 2023).

democráticos. No Levante, destaca-se o Egito, que manteve-se estável entre as transições de Hosni Mubarak para Mohamed Morsi e de Morsi para Abdel Fattah el-Sisi. Nos dez anos em análise, cinco contam com Salman como rei saudita e, no período, a Arábia Saudita subiu três posições no controverso *Democracy Index*, ranking anual do britânico The Economist. Feitas as críticas, cabe reconhecer que o ranking é fiel à realidade nos casos de Iêmen e Síria.

Se a destruição e os efeitos da Primavera são mais notórios no Magrebe e no Levante, na Arábia e no Golfo os efeitos foram aprazíveis. O caso do Iêmen — país mais impactado da Arábia — se assemelha ao que ocorrera na Líbia e na Síria: guerra civil. No entanto, o caso específico do Iêmen ainda será abordado nesta monografia, visto que a resultante tem conexões diretas com a ascensão de Salman e MBS. De toda sorte, a Primavera também chegou ao Golfo levando diferentes impactos aos seis Estados-membros do CCG¹⁴ (Baabood, 2014). Essas consequências remontam aos dias de hoje e isso é evidenciado quando observamos a competição pela hegemonia regional entre os Estados-membros do CCG.

Quadro 4: Impactos da Primavera Árabe no CCG

País	Impactos
Emirados Árabes Unidos	● Perdeu autonomia
Estado do Catar	● Ganhou autonomia
Estado do Kuwait	● Manteve-se estável
Reino da Arábia Saudita	● Ganhou autonomia
Reino do Bahrein	● Perdeu autonomia
Sultanato de Omã	● Manteve-se estável

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Abdullah Baabood (2014)¹⁵.

Ainda que à época a opinião de Abdullah Baabood se assemelhe aos comunicados do governo catari, o seu parecer é bastante valioso, pois evidencia o *start* do isolamento de Doha, ratificado em 2017 (Tamkin, 2017). Ainda assim, a competição interna no CCG não se limitou ao isolamento de Doha, visto que, no mesmo período, os EAU abandonaram a coalizão saudita no Iêmen (Hearst, 2017; Walsh; Kirkpatrick, 2019; Harb, 2019).

A instabilidade causada pela Primavera Árabe traria problemas internos e externos para a Arábia Saudita. O Mundo Árabe em colapso não era interessante para Riade, pois este

¹⁴ Organização composta por Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Kuwait, Omã e EAU (Asmar, 2023).

¹⁵ O autor escreveu o texto na qualidade de diretor do Gulf Studies Centre, da Qatar University (Baabood, 2014).

é o espaço em que os sauditas exercem liderança natural em razão da Casa de Saud possuir a custódia de Meca e Medina — as duas cidades¹⁶ mais importantes do islã. No entanto, não havia uma ameaça factível no Golfo, visto que as maiores turbulências ocorriam no Magrebe e no Levante. Contudo, em meados de fevereiro, a Primavera chegou até o Bahrein, Estado-membro do CCG, majoritariamente xiita e governado por uma minoria sunita. Os sauditas precisaram agir. Em 14 de março de 2011, ao meio-dia de uma segunda-feira, 2.000 soldados sob a égide do CCG, sendo 1.200 sauditas e 800 emiradenses, entraram no Bahrein como parte da Peninsula Shield Force¹⁷ (Bronner; Slackman, 2011). Se a intervenção for considerada ação unânime do CCG, foi a primeira vez que o braço militar do bloco agiu.

Uma visão que contraria a ideia de que a intervenção no Bahrein foi do CCG é apresentada por Amy Austin Holmes¹⁸. Para Holmes (2014), a intervenção foi ilegal¹⁹ e partiu de uma coalizão saudí-emiradense, que também teria contado com o apoio da Marinha do Kuwait. Além disso, a autora menciona a silenciosa participação dos EUA através de sua Marinha, presente no Bahrein desde 1947. Autores como Gause III (2011) e Rogan (2021) entendem que a ação saudita foi parte da expansão do conflito sectário no Oriente Médio. Para ambos os autores, a coalizão saudita visava conter a expansão da influência iraniana, que teria ganhos expressivos com a queda do governo sunita no Bahrein. Isso converge com a ideia de Holmes, visto que o Catar foi um forte crítico da intervenção e Omã agiu de forma pragmática. Assim, parece não ter existido consenso real no CCG pela intervenção.

O Bahrein, por sua vez, já enfrentava instabilidade interna antes mesmo da Primavera Árabe. Em 14 de fevereiro de 2001 o país aprovou a Carta de Ação Nacional em um referendo. A Carta tinha como principal ideal restaurar o Parlamento eleito e fazer do país uma monarquia constitucional. Contudo, exatamente um ano depois, o então Emir Hamad bin Isa Al Khalifa, através de decreto, aprovou uma nova Constituição que fazia do Bahrein uma monarquia e seu governante um rei (Rogan, 2021, p. 711). Durante os protestos da Primavera, o governo do Bahrein divergia sobre como lidar com os manifestantes, visto que o premiê era favorável à contenção e o príncipe herdeiro às negociações (Rogan, 2021, p. 712-713). Assim, quando o governo do Bahrein — na figura do Rei Hamad — precisou tomar uma decisão, ela convergiu com os desejos do premiê e dos interventores externos (Rogan, 2021, p. 713).

¹⁶ Cidades berço do islã (Rogan, 2015, p. 117). São consideradas cidades santas (Hourani, 2006, p. 130).

¹⁷ Criado em 1986, é o braço militar do CCG. Sua sede fica em Hafir Al-Batin, na Arábia Saudita, próximo da fronteira entre Iraque e Kuwait (Khan, 2006).

¹⁸ Professora de sociologia na Universidade Americana do Cairo, publicou seu texto na catari Al Jazeera.

¹⁹ O CCG só deve combater ameaças externas. A autora entende o caso do Bahrein como assunto interno.

Para os sauditas, o fim da Primavera Árabe estava próximo após o êxito no Bahrein, isso por duas razões:

- a) na Arábia Saudita, o Rei Abdullah fez uma série de concessões econômicas, contendo a agitação social;
- b) no Bahrein, após a intervenção, a dinastia sunita foi mantida no poder (Visentini, 2017b, p. 54; Abdouzzohour, 2021).

O braço direito do Rei Abdullah durante a Primavera Árabe foi seu meio-irmão Sultan bin Abdulaziz Al Saud, que acumulou os cargos de ministro da Defesa (1963–2011) e príncipe herdeiro (2005–2011) até o seu leito de morte (Aboudi; Jones, 2011). Seus lugares no Conselho de Ministros foram ocupados por seus dois irmãos: Nayef bin Abdulaziz Al Saud (pai de MBN) — príncipe herdeiro — e Salman — ministro da Defesa — (Henderson, 2011; McDowall, 2011). A partir desse momento, o destino da Arábia Saudita começou a mudar.

O príncipe Nayef morreu antes mesmo de completar um ano como príncipe herdeiro. Seu lugar foi ocupado por seu irmão Salman, que passou a acumular o cargo de ministro da Defesa. Salman, que foi governador de Riade entre 1963 e 2011 e que era conhecido por perfil disciplinador, destacou-se por ser quem controlava a prisão especial para príncipes sauditas descontentes (MacFarquhar, 2012). Como príncipe herdeiro, além de lidar com a Guerra Civil da Síria e a ascensão nuclear do Irã, Salman precisou disputar a sucessão de Abdullah dentro da Casa de Saud (Ottaway, 2013). Entre 2012 e 2014 especulou-se quem seria o substituto de Abdullah, visto que Salman, ainda que príncipe herdeiro, já estava próximo dos 80 anos (Reed; Hamdan, 2012; Hawes, 2012).

Quadro 5: Príncipes cotados a substituírem o Rei Abdullah

Príncipe (idade em 2014)	Cargo no mês 12 de 2014	Cargo no mês 01 de 2015
Salman bin Abdulaziz (79)	Príncipe herdeiro	Rei e Primeiro-ministro
Mutaib bin Abdullah (62) ²⁰	Ministro da Guarda Nacional	Ministro da Guarda Nacional
Muhammad bin Nayef (55)	Ministro do Interior	Ministro do Interior
Ahmed bin Abdulaziz (72) ²¹	Sem cargo no governo	Sem cargo no governo
Muqrin bin Abdulaziz (69) ²²	Vice primeiro-ministro	Príncipe herdeiro
Khalid bin Sultan (65)	Sem cargo no governo	Sem cargo no governo

Fonte: Elaborado pelo autor com base em David Ottaway (2013) via Foreign Policy

²⁰ Sob ordens de MBS, foi preso e destituído em novembro de 2017 (Kirkpatrick, 2017).

²¹ Sob ordens de MBS, foi preso e acusado de traição em março de 2020 (Said; Scheck, 2020).

²² De mãe iemenita, é o filho mais jovem — dos que ainda estão vivos — de Ibn Saud (Henderson, 2013).

2.2 COMPLEXOS REGIONAIS DE SEGURANÇA E INTEGRAÇÃO

Ao tratar de integração regional, destacam-se a contribuição de quatro autores: Ernest B. Haas, Louise Fawcett, Barry Buzan e Ole Wæver. Os dois primeiros apresentam as possibilidades de integração, enquanto os dois últimos são os pais fundadores do modelo da TCRS e dos CRS. Assim, pode-se inferir que parte da teoria e do conceito de Buzan e Wæver é a operacionalização e a modelagem da contribuição de Haas e Fawcett.

Haas destacou-se como um dos principais nomes do neofuncionalismo, abordagem de destaque em RI na década seguinte ao fim da Segunda Guerra Mundial (Silva, 2021, p. 18). Em 1958, Haas publicou o livro *The Uniting of Europe: Political, Social, and Economic Forces, 1950-1957*, onde o autor analisou o papel do neofuncionalismo na integração europeia à época. Também em 1958 entrou em vigor o Tratado de Roma, responsável pela criação da Comunidade Económica Europeia, que estabeleceu a União Aduaneira (UA) na Europa Ocidental, bem como a Política Agrícola Comum (Carisio, 2006, p. 24). Eufórico, Haas (1958) inferiu que os processos de integração seriam naturais, tendo completa adesão para além da economia, isto é, os Estados europeus estariam destinados à integração militar e política. No entanto, a confiança nos “processos” fez com que Haas ignorasse o sujeito como tomador de decisão e sua projeção acabou tornando-se imprecisa.

Fawcett e a sua contribuição foram selecionadas com base na crítica da autora ao posicionamento de Haas, que foi referenciado por Fawcett como um dos primeiros teóricos sobre integração (Fawcett, 2008, p. 312). Se por um lado Haas ficou marcado pelo excessivo otimismo, Fawcett carrega consigo um ceticismo contundente. Para Fawcett (2008), nem toda instituição econômica desenvolveu o provisionamento de segurança e nem toda instituição securitária estipula a cooperação econômica (OTAN é um exemplo disso). Contudo, se considerarmos que o Tratado de Paris — que estabeleceu a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço — evitou uma conflagração entre Alemanha e França e que a França foi favorável ao ingresso da Alemanha Ocidental na OTAN em 1955, pode-se inferir que as organizações da Europa Ocidental influenciaram na integração regional, tendo culminado no nascimento da UE a partir da assinatura do Tratado de Maastricht em 1992.

Em razão da importante contribuição de Haas e Fawcett que o modelo teórico de Buzan e Wæver torna-se imprescindível, visto que os autores são pragmáticos em meio a euforia de Haas e ao ceticismo de Fawcett. Para Buzan e Wæver, são as mudanças internas em países de peso regional — *e.g.* Arábia Saudita no CRS do Oriente Médio — que possibilitam a integração regional.

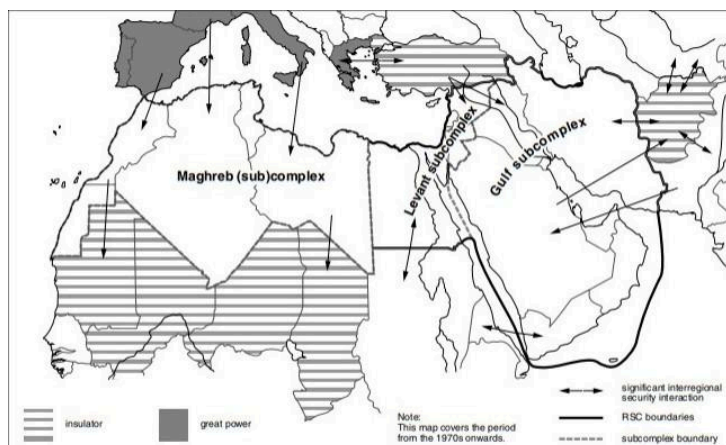
Buzan e Wæver são membros fundadores da Escola de Copenhague de RI. A Escola de Copenhague ganhou destaque na obra *People, States and Fear*, publicada por Buzan em 1983. O livro tem a seguinte proposta: questões ambientais, econômicas, políticas e sociais passam a ser consideradas para a análise de segurança internacional. Assim, em conjunto com as questões militares, a segurança coletiva dos comuns e dos Estados estaria conectada como um mesmo problema (Thudium *et al.*, 2016, p. 5).

O livro *People, States and Fear* ganhou uma segunda edição em 1991, quase que simultaneamente ao fim da Guerra Fria. Isso importa para a consolidação da TCRS, consagrada no livro *Regions and Powers: The Structure of International Security*, com autoria de Buzan e Wæver e publicado em 2003, onde os CRS foram remodelados. O objetivo da TCRS é fornecer um quadro conceitual para que se compreenda a nova estrutura de segurança internacional no pós-Guerra Fria (Buzan; Wæver, 2003, p. 40); a TCRS contém um modelo para que se analise a segurança e suas implicações na esfera interna, regional e internacional. A aplicabilidade da TCRS em todo o SI faz dela um mecanismo para que se analise a ordem mundial e também regiões específicas (Buzan; Wæver, 2003, p. 40).

Menciona-se a remodelação dos CRS considerando que o conceito tem a sua origem em 1983, na obra *People, States and Fear*. Conforme Buzan e Wæver (2003), um CRS se definia em um grupo de Estados cujas principais preocupações de segurança estão suficientemente interligadas para que os seus títulos nacionais não possam razoavelmente ser considerados separados uns dos outros; em 1998, no livro *Security: A New Framework for Analysis*, com autoria de Buzan, Wæver e Jaap de Wilde, os autores reformularam o conceito de CRS. Na versão de 1998, o enfoque centrado no Estado e nas questões político-militares foi abandonado para que a concepção básica do conceito fosse reparada, inserindo o papel de diferentes atores nos debates de segurança; na versão de 2003, é mantida a ideia de que partes substanciais dos processos de titularização e dessecuritização no SI se manifestarão em clusters regionais (Buzan; Wæver, 2003, p. 44).

A ideia dos clusters regionais têm em imagem o CRS do Oriente Médio. Este CRS possui três sub-complexos: Levante, Golfo e Magrebe (Buzan; Wæver, 2003, p. 188). Na ilustração a seguir, destaca-se o papel da Turquia, que não faz parte do CRS em questão. No entanto, os turcos possuem interações no Levante e no Golfo. Essa é a realidade política atual do Oriente Médio, tendo como base a dinâmica de inserção internacional da Turquia (Cook, 2021 p. 3). Isso mostra quão complexos são os CRS.

Figura 1: CRS do Oriente Médio



Fonte: Buzan e Wæver (2003, p. 189).

A menção anterior sobre a possibilidade de integração regional importa neste trabalho, pois as iniciativas sauditas para solucionar o conflito israelo-palestino são um ganha-ganha: os palestinos terão o seu Estado e Israel ganha o reconhecimento do Mundo Árabe (United Nations, 1981; United Nations, 2002). Mesmo não sendo realista mencionar a possível paz entre Israel e os Estados árabes, a ideia não pode ser deixada de lado e, de certa forma, ela é bastante razoável. Ao reconhecer padrões já estabelecidos, pode-se inferir que a paz e a integração regional no Oriente Médio é possível e benéfica. Talvez o melhor exemplo de que a paz e a integração são factíveis é a relação entre os países da Europa Ocidental, em especial a Alemanha e a França, que por séculos nutriram ódio mútuo mas que assinaram o Tratado de Paris em 1951, que foi o embrião da UE (Peres; Naor, 1994, p. 93-95).

Outro exemplo é a pacificação entre Argentina e Brasil, consolidada entre o fim da bipolaridade e o início da unipolaridade, à época em que o setor econômico assumia maior proeminência na dinâmica da segurança sul-americana (Buzan; Wæver, 2003, p. 322). O primeiro movimento ocorreu ainda durante a Guerra Fria, quando o Brasil propôs o Pacto Amazônico que objetivava desenvolver a Bacia Amazônica e resolver os contenciosos no Rio Paraná; a partir daí a competição militar ficou em segundo plano, tendo a cooperação civil assumido o protagonismo e, adicionadas a essa mudança de interação, nasceu o ideal do Mercosul, que foi formalizado através do Tratado de Assunção em 1991 (Buzan; Wæver, 2003, p. 323). Para os autores, a mudança de interação entre Argentina e Brasil transformou o padrão de amizade e inimizade dentro do Cone Sul, mudando a estrutura do sub-complexo.

Mais uma vez, ao reconhecer padrões, é observado que o sub-complexo do Levante — e até mesmo a sua interação com o sub-complexo do Golfo — já teve mudança de estrutura em quatro oportunidades:

- a)** em 1978, quando Anwar Sadat e Menachem Begin assinaram os Acordos de Camp David, que levaram ao tratado de paz entre Egito e Israel em 1979 (United States of America, 1980);
- b)** entre 1993 e 1995, quando Yasser Arafat e Yitzhak Rabin assinaram os Acordos de Oslo I e II, que visava alcançar um tratado de paz com base nas Resoluções 242²³ e 338²⁴ do Conselho de Segurança da ONU (United States of America, 1992);
- c)** em 1994, quando o Rei Hussein e Yitzhak Rabin assinaram o Tratado Wadi ‘Araba, que ratificou a paz entre o Reino Hachemita da Jordânia e Israel (Hashemite Kingdom of Jordan, 1994);
- d)** em 2020, quando Bahrein e EAU — mais tarde Marrocos e Sudão — reconheceram a soberania de Israel, estabelecendo relações diplomáticas com o Estado judeu (United Arab Emirates, 2023a).

2.3 CONCEITO DE REVOLUÇÃO NACIONAL

Por mais claras que sejam as mudanças ocorridas na Arábia Saudita após a ascensão de MBS, uma explicação conceitual se faz necessária ao operacionalizar autores(as) para que se compreenda como os sauditas transformaram o seu modelo político. É importante destacar que as mudanças na linha de sucessão, ou seja, a ascensão de MBS como príncipe herdeiro e primeiro-ministro antes de um dos filhos de Ibn Saud são méritos do Rei Salman, tendo em vista que esta monografia destaca que o início da Revolução Nacional Saudita se dá em meio à Primavera Árabe, principalmente quando Salman torna-se ministro da Defesa, logo após a intervenção do CCG no Bahrein.

Aqui cumpre definir o que é uma Revolução e como esta Revolução afeta a Arábia Saudita e o Oriente Médio, avançando pelas fronteiras do país não só pela influência natural que os sauditas possuem por serem os Guardiões das Duas Mesquitas Sagradas, mas sim em razão de Riade projetar tal Revolução a partir do Saudi Vision, projeto de infraestrutura que tem por objetivo promover a inserção internacional do país para além da exportação de

²³ Aprovada após a Guerra dos Seis Dias (1967), tem os seguintes pontos: **a)** que Israel desocupe os territórios ocupados na guerra; **b)** que haja reconhecimento mútuo entre os países envolvidos na guerra; **c)** que seja encontrada uma solução justa para a questão dos refugiados (Reut Group, 2006).

²⁴ Aprovada durante a Guerra do Yom Kippur (1973), reitera os compromissos da Resolução 242 (Reut Group, 2006).

petróleo, tornando o território saudita um polo industrial e logístico. Por isso importa a pacificação na região, pois além dos projetos domésticos, o Saudi Vision tem por objetivo ser a conexão da Arábia Saudita com as economias do Norte da África, do Levante, do Golfo e, até mesmo, da Anatólia, do Planalto Iraniano, do Cáucaso e da Ásia Central.

Para Cepik (1995, p. 154-155), toda mudança radical ocorrida em dimensões basilares e que tenham impactos sociais é uma Revolução, principalmente se o sistema revolucionário se difere do antigo. Pode-se interpretar que as políticas de MBS não são apenas agendas de um novo governo e sim a arquitetura de um novo modelo de país, visto que as transformações impostas pelo jovem príncipe diferem de todos os governos anteriores. Um exemplo disso é a ideia que MBS tem de retomar uma versão aberta e moderada do islã, deixada de lado em 1979, ano em que a Grande Mesquita de Meca fora tomada por extremistas islâmicos; além disso, 1979 é o ano em que ocorreram a Revolução Iraniana e a invasão do Afeganistão pela União Soviética, dois momentos que perturbaram a política saudita (Friedman, 2017). Esse destaque abre espaço para um diálogo entre as reflexões de Cepik e Friedman.

Friedman (2017) sustenta que Salman e MBS são produtos da Primavera Árabe, mas que se diferem dos outros países por uma razão: na Arábia Saudita a Revolução ocorre de cima para baixo, isto é, enquanto nos países levantinos as pressões nas ruas fizeram com que os velhos ditadores deixassem o poder, na Arábia Saudita as transformações estão tendo início dentro dos palácios, principalmente com a juventude assumindo posições importantes na Casa de Saud, que é a principal instituição saudita. Isso converge com o que apresenta Cepik (1995, p. 155) ao diferenciar os tipos de Revolução, sendo estes:

- a) burguesas-liberais — Inglaterra e França;
- b) populares-socialistas — Iugoslávia e China;
- c) burocráticas — Turquia e Alemanha;
- d) populares — Angola e Moçambique.

Assim, como aponta Friedman, pode-se inferir que a Revolução Nacional Saudita é uma Revolução Burocrática iniciada de cima para baixo, que ocorre quando um Estado exportador tenta realizar reformas estruturais, como foi o caso do Japão Meiji e da Prússia de Hohenzollern (Cepik, 1995, p. 158).

A Arábia Saudita não vive uma Revolução Socialista tampouco uma Revolução Popular, no entanto, ainda que sem movimentos violentos, os sauditas vivem um momento de transição. E no momento em que um modelo de Estado é deixado de lado e outro Estado é constituído — parte da transformação a qual passam os sauditas após a ascensão de MBS —, tem-se uma Revolução (Herz, 1994; Hahn, 2006, p. 53). Promover a Revolução Nacional é

um exercício de soberania e cidadania não só para o povo dentro das fronteiras do Estado revolucionário, mas sim para a região, principalmente na imagem da integração regional (Hahn, 2006, p. 23). Ainda que exitosa no plano doméstico, a Revolução Nacional precisa ser propagada regionalmente, visto que para ter o sucesso completo, os Estados devem ser minimamente integrados (Hahn, 2006, p. 167). Assim, faz sentido que Riade busque dar fim às guerras endêmicas no Oriente Médio, substituindo-as por um plano de infraestrutura seu, que alcance as regiões devastadas, conectando-as aos empreendimentos e à globalização.

Baseado em Cardoso e Faletto (1967), pode-se deduzir que MBS está rompendo com a ideia de Estado oligárquico que imperou na Arábia Saudita até a sua ascensão, isto é, a Revolução Nacional Saudita é econômica, social e política. Na esfera econômica, Furtado junta-se a Cardoso e Faletto e operacionalizando a teoria dos três autores aplicados ao país, encontra-se o Saudi Vision e a posse do Centro de Decisão Econômica. O Reino da Arábia Saudita é considerado o Terceiro Estado, sendo o sucessor de duas organizações sociais, como mencionado na introdução. Portanto, entende-se que o Primeiro Estado era um enclave, quando o território do Négede era disputado entre os Rashidis e os Sauds; o Segundo Estado pode ser considerado uma oligarquia, visto que após vencer os Rashidis, a Casa de Saud firmou um pacto com os Al ash-Sheikh; o Terceiro Estado passou a ser um Estado Nacional imperfeito com a proclamação do Reino, em razão do país ainda ter características de enclave e oligarquia. Por mais que Ibn Saud tenha obtido sucesso ao derrotar os seus rivais tribais, ele seguiu dependendo de um acordo²⁵ com uma grande potência para manter a estabilidade no país. Ainda que a unificação saudita tenha sido oriunda de bravura e sangue, a sua manutenção como Estado foi parte dos interesses das metrópoles.

Conforme apontam Cardoso e Faletto (1967, p. 28), a construção das nações fora do Atlântico Norte deveu-se à distribuição de zonas de influência planejadas pelas metrópoles. Um exemplo da intervenção europeia no Oriente Médio pode ser descrito no Acordo de Sykes-Picot, que deu base para as fronteiras levantinas que conhecemos hoje. As metrópoles também tinham a tarefa de organizar as elites domésticas nos Estados *proxys*, visto que essas elites não estavam integradas ao sistema financeiro internacional (Cardoso; Faletto, 1967, p. 28). Um exemplo da interação entre metrópole e colônia pode ser exemplificado na relação saudita-americana pré-MBS. Não tendo autonomia sobre os seus recursos naturais, os sauditas consultavam os norte-americanos para definir a sua política petrolífera. Washington, por sua vez, se preocupava com qualquer ação que prejudicasse os EUA e assim Riade passou anos mantendo o preço do petróleo em baixa para satisfazer o mercado norte-americano. Isso

²⁵ Proteção por petróleo. Este foi o pacto, firmado em 1945 por Franklin D. Roosevelt e Ibn Saud (Riedel, 2020).

passou a mudar com MBS, que além de realizar diversos cortes na oferta de petróleo global, firmou uma aliança com a Rússia através da OPEP+, uma competidora natural dos EUA. A mudança de postura saudita remete ao conceito de Furtado, pois mesmo sendo uma teoria econômica, a concepção do autor também é uma tese de soberania, e é isso que consagra a relevância do Centro de Decisão Econômica nas RI (Silva, 2023, p. 39).

Parte da Revolução Nacional é obter o Centro de Decisão Econômica, isto é, ser um Estado que controle as políticas econômicas e os meios de pagamentos, rompendo com o status de *proxy*. Para Silva (2023, p. 31), Revolução Nacional e Centro de Decisão Econômica estão expressas na capacidade de um Estado sair do subdesenvolvimento e se inserir no SI moderno de forma autônoma. Ao conceituar os três principais pontos da ideia de Centro de Decisão Econômica, Silva (2023, p. 37-39) traz à baila os elementos de Furtado (1962):

- a) endogeneidade;
- b) fortalecimento da economia nacional;
- c) exercício da soberania.

Ou seja, no caso saudita, a endogeneidade diz respeito ao desenvolvimento industrial que está por vir com a constituição do Saudi Vision em seu elo tecnológico, fazendo da Arábia Saudita um país presente na IV Revolução Industrial. O acesso a tecnologia de ponta justifica a aproximação de Riade com Tel Aviv, que por sua vez, detém sistemas avançados para controle e aumento da produtividade; além disso, é essencial manter as boas relações com Abu Dhabi — que é parte do CCG —, que já enviou sonda para Marte e é um formidável competidor de China e EUA pela conquista espacial (Galzo, 2021). Os três elementos estão conectados ao Saudi Vision, visto que este é um plano econômico e político não só para a Arábia Saudita e sim para a região e isto fica provado pelo pragmatismo político de MBS.

Ainda fazendo uso da operacionalização dos conceitos, o fortalecimento da economia nacional, que também está atrelado ao Saudi Vision, diz respeito ao plano de MBS em independizar o país das exportações de petróleo e assim fazer de NEOM²⁶ — o principal projeto do Saudi Vision — o pólo financeiro, industrial e turístico do país e da região (Kingdom of Saudi Arabia, 2024). O terceiro elemento a ser operacionalizado é o exercício da soberania, visto que o Saudi Vision é um plano lançado por MBS ainda à época em que o jovem príncipe era ministro da Defesa e vice-príncipe herdeiro, isto é, foi o cartão de visitas do príncipe para a comunidade internacional. Em 2018, dois anos após o lançamento do empreendimento, ao mencionar o papel dos sauditas na região MBS afirmou que em algumas

²⁶ Local onde serão construídas quatro regiões — Oxagon, Sindalah, The Line e Trojena — NEOM significa “Novo Futuro” (Kingdom of Saudi Arabia, 2024).

décadas, a nova Europa será o Oriente Médio (Al Arabiya English, 2018). O príncipe nomeou país a país do Golfo — até mesmo o Catar, com quem à época a Arábia Saudita não possuía canal diplomático ativo — e do Levante, ou seja, dando a entender que o Saudi Vision era a iniciativa que integraria o Oriente Médio. Tal ação só foi possível motivada pela ideia de se executar um plano como o Saudi Vision, que não foi lançado pelo rei e tampouco pelo príncipe herdeiro à época, o que dá sinais de que MBN estava bastante inclinado a seguir com as costumeiras diretrizes definidas por Washington.

Essa mudança na tomada de decisão saudita a partir de MBS, que rompeu a política de alinhamento implementada por MBN, requer explicações teóricas. Aqui importa definir e diferenciar a Teoria de Política Internacional (TPI) da APE, ou seja, conforme Waltz (1996, p. 54), a TPI explica a razão de Estados colocados de forma semelhante em um sistema se comportarem de maneira semelhante, apesar de suas diferenças internas, enquanto a APE explica a razão de Estados colocados de forma semelhante no mesmo sistema se comportarem de maneiras diferentes. Pode-se inferir então que a chave entre TPI e APE é o fenômeno interno, visto que o sistema é internacional e a política externa é um produto de um determinado governo (Waltz, 1996, p. 54-55). Por essa razão se faz a escolha pela utilização da APE para examinar os eventos em andamento na Arábia Saudita.

No entanto, em *O Homem, o Estado e a Guerra* (2022), o mesmo Waltz oferece elementos que podem ser adaptados para a utilização neste trabalho. Waltz oferece as noções das “três imagens” para que cada Estado seja analisado. Assim, pode-se depreender que no caso saudita o Homem é MBS; o Estado é a Revolução Nacional e o Saudi Vision; e a Guerra é a globalização. Interpretando o esquema, pode-se considerar que Waltz (2022) é útil para explicar as transformações na Arábia Saudita, ainda que a convergência teórica custe caro na prática para a MBS, tendo em vista que as decisões de política externa estão condicionadas às vontades das elites (Prates, 2016, p. 27) — no caso de Riade, a Casa de Saud e os clérigos wahhabis. Além disso, para que o Saudi Vision (segunda imagem) seja um plano de sucesso na região e no mundo (terceira imagem), MBS (primeira imagem) precisa atender às demandas internas e superar os constrangimentos externos.

Ainda que Waltz seja um grande colaborador para o sucesso da APE, talvez o pai fundador do ramo tenha sido Putnam ao conceituar a tese dos “jogos de dois níveis”. Para Putnam (2010), o primeiro nível é o interno e o segundo nível é o externo e ambas as frentes precisam ser atendidas suficientemente para que um acordo final seja fechado. O conceito de Putnam é o mais lúdico para sinalizar o que ocorre neste momento na Arábia Saudita, tendo em base que dias antes da conflagração entre Israel e Hamas, MBS se mostrou próximo de

Israel, um Estado que não é reconhecido pelos sauditas; dias após a sinalização de MBS, dois ministros israelenses visitaram Riade, mas ainda assim a tomada de decisão saudita sobre reconhecer a soberania israelense não depende apenas da vontade de um cauteloso MBS, visto que as pressões internas e externas influem nas decisões do jovem príncipe.

Se a Arábia Saudita reconhecer Israel, o Saudi Vision se expande do Golfo ao Mediterrâneo, contudo, Riade deve pressionar Tel Aviv para que se encontre uma solução justa para os palestinos, mantendo assim o status saudita como voz e potência árabe-islâmica.

2.4 SAUDI VISION EM PERSPECTIVA DOMÉSTICA

Ainda que a Primavera Árabe tenha destruído a estabilidade no Oriente Médio, ela serviu como oportunidade para que a Arábia Saudita fizesse avanços que talvez não tivesse realizado não fossem as revoluções no Levante. Para Atta (2023), o Saudi Vision não só é a emancipação do país, como é o *America First* saudita, isto é, além de atrair turistas, MBS quer fazer do país um centro comercial, financeiro, industrial e logístico que conecte o Grande Oriente Médio. Por isso importam as ideias descritas por Haas, Fawcett, Buzan e Wæver, isto é, ainda que a integração não seja o destino de todas as nações, ela se mostra possível com base nas ações de MBS, que está buscando a pacificação com os rivais regionais.

O Saudi Vision é composto por 41 projetos que vão impactar a estrutura econômica, política e social do país. Além de NEOM, que é o principal empreendimento do Saudi Vision, destacam-se outros projetos como a fundação de uma cidade cultural, de entretenimento e esportiva no país, chamada Al-Qiddiya; há também o projeto ROSHN, que é o principal projeto imobiliário dentro da Arábia Saudita, que tem por objetivo fazer com que 70% dos sauditas tenham casa própria (Kingdom of Saudi Arabia, 2022); também está no cronograma do empreendimento a construção de duas usinas de dessalinização — AlKhafji e Rabigh —, além de cinco zonas econômicas especiais (Vision 2030, 2023).

3 A POLÍTICA EXTERNA DE MBS NO NÍVEL REGIONAL

O presente capítulo tem por objetivo estudar a tomada de decisão de MBS no espaço geoestratégico saudita, ou seja, no CRS do Oriente Médio. Ainda que a análise seja feita examinando o período em que MBS está no poder, breves contextualizações históricas se fazem necessárias, como por exemplo a origem do CCG e das guerras da Síria e do Iêmen, que são anteriores à ascensão do atual príncipe herdeiro e primeiro-ministro do país. No que se refere ao CCG, a estrutura organizacional do bloco será analisada, bem como a sua evolução; além disso, a competição entre os Estados-membros do bloco será examinada; referente às guerras da Síria e do Iêmen, destaca-se a distinta posição saudita nas duas conflagrações; nesta seção, também será examinada a estrutura das Forças Armadas da Arábia Saudita, órgão com papel decisivo na tomada de decisão saudita em âmbito interno e externo; a última seção do capítulo examinará as relações da Arábia Saudita com Irã e Israel. Essa análise será feita a partir de um breve histórico de relações oficiais e não-oficiais entre os países e será concluída — em cada um dos casos — com os eventos de 2023, que marcaram a retomada das relações diplomáticas entre Riade e Teerã e que congelaram as tratativas de reconhecimento mútuo entre Riade e Tel Aviv.

3.1 ESTRUTURA, AVANÇOS E COMPETIÇÃO NO CCG

A Carta do CCG que rege o bloco até os dias de hoje foi assinada em Abu Dhabi, nos EAU, em 25 de maio de 1981. Um dos itens do documento é a criação de um Conselho e que tal Conselho terá a sua sede em Riade; este Conselho deve buscar a unidade dos Estados-membros do bloco através da integração; em sua estrutura, o Conselho conta com uma Comissão para a Resolução de Controvérsias, um Conselho Ministerial e uma Secretaria Geral (GCC, 1981). Isso posto, em nenhum momento é mencionado na Carta a Revolução Iraniana²⁷, concluída em fevereiro de 1979 e que colocou as monarquias do Golfo em alerta. Para Oliveira (2013), a criação do CCG em 1981 é uma resposta ao que ocorreu no Irã em 1979, sendo a organização uma unidade entre países que tinham o mesmo interesse: manter intacta a sua soberania frente ao risco da expansão da Revolução para os Estados árabes.

²⁷ Iniciada no início de 1978, entende-se que a Revolução Iraniana foi o terceiro e mais exitoso levante popular no país durante o século XX. O primeiro teria sido a Revolução Constitucional (1905–1911); considera-se que o segundo seria o Movimento Nacionalista (1951–1953). Os três movimentos tinham em comum a oposição à monarquia e a intervenção estrangeira (Mackey, 2008, p. 267-268)

Outros autores destacam distintos fatores e eventos — para além da Revolução Iraniana — que teriam levado às monarquias do Golfo a tomarem a decisão de criar o CCG. É o caso de Paloma González del Miño e David Hernández Martínez, que mencionam três variáveis para que o CCG seja visto como um movimento emancipatório por parte dos Estados árabes do Golfo:

- a) na década de 1970 os protetorados britânicos²⁸ no Golfo se encerraram;
- b) cada vez mais o Oriente Médio se via como palco da Guerra Fria;
- c) se em fevereiro de 1979 a Revolução Iraniana foi concluída fazendo de Ruhollah Khomeini Líder Supremo do Irã em dezembro do mesmo ano, em julho, Saddam Hussein tornou-se presidente do Iraque e, em 1980, ambos entraram em guerra (Del Miño; Martínez, 2021, p. 9).

Assim, é natural depreender a origem do CCG como uma organização de segurança.

Conforme Del Miño e Martínez (2021), o CCG evoluiu em quatro períodos:

- a) 1º período (1981–1991): consolidação da organização;
- b) 2º período (1991–2001): aprofundamento da integração;
- c) 3º período (2001–2011): expansão política e econômica;
- d) 4º período (2011–2019): crise e confrontação interna.

Para Del Miño e Martínez (2021), os principais eventos que marcam o CCG nos quatro períodos mencionados anteriormente são os seguintes:

- a) 1980–1988: ocorreu a Guerra Irã-Iraque;
- b) 1983: o CCG estabeleceu a Zona de Livre Comércio (ZLC);
- c) 1986: foi criada a Península Shield Force;
- d) 1990–1991: ocorreu a Guerra do Golfo;
- e) 2001: ocorreu o 11 de setembro, que originou a Guerra ao Terror
- f) 2003: o CCG estabeleceu a UA;
- g) 2008: o CCG estabeleceu o Mercado Comum (MC);
- h) 2010–2012: ocorreu a Primavera Árabe;
- i) 2011: ocorreu a intervenção no Bahrein por parte do CCG;
- j) 2017: Arábia Saudita, Bahrein e EAU suspenderam as relações com o Catar.

Dos eventos mencionados, destacam-se a criação da Península Shield Force, bem como a evolução do braço econômico do bloco, o qual tornou-se um espaço para a circulação de mercadorias e capitais, que já possui uma Tarifa Externa Comum e também possibilita a livre circulação de pessoas dentro do CCG (GCC, 2003).

²⁸ O Kuwait tornou-se independente em 1961; Bahrein, Catar, EAU e Omã em 1971 (Onley, 2009, p. 11).

No CCG, considerando os braços possíveis de integração — econômico, militar e político —, o braço político é o mais atrasado, visto que as disputas dentro do bloco ainda impedem uma união como existe na UE. No entanto, o braço militar parece consolidado, tendo em vista a estrutura da Peninsula Shield Force, ou seja, ainda que a Força não tenha sido utilizada para proteger o Kuwait na Guerra do Golfo, o uso das tropas foi empregado com êxito no Bahrein — ainda que exista o debate se foi mesmo uma ação do CCG ou de uma coalizão a parte dentro do bloco. O braço econômico é o mais bem desenvolvido dentro da organização, visto que o CCG já é um bloco de 3º nível que só não avançou para o 4º nível em razão das cisões internas que tanto prejudicaram a evolução do braço político (Merzaban, 2009; Malas; Abi-Habib; Karrar, 2009).

Quadro 6²⁹: Comparativo entre ASEAN, CCG, Mercosul e UE

Bloco Econômico	1º Nível ZLC	2º Nível UA	3º Nível MC	4º Nível UEM
ASEAN	✓	✗	✗	✗
CCG	✓	✓	✓	✗
Mercosul	✓	✓	✗	✗
UE	✓	✓	✓	✓

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Trade Bloc (2023).

A TEC do CCG permanece em 5% desde 2003, ano em que os Estados-membros do bloco avançaram para o 2º nível de integração (GCC, 2023); o CCG possui acordos de livre comércio com Nova Zelândia e Singapura e, dos blocos mencionados no Quadro 6, a organização mantém diálogo constante em busca de acordos de livre comércio com Mercosul e UE (United Arab Emirates, 2023c). Em outubro de 2023, os representantes da Association of Southeast Asian Nations (ASEAN) foram recebidos em Riade para cúpula com o CCG. Foi o primeiro encontro entre as duas organizações e nele ficou definida a adesão dos Estados-membros do CCG ao Tratado de Amizade e Cooperação no Sudeste Asiático (ASEAN, 2023). Visando ampliar as parcerias, três meses antes da reunião com a ASEAN, o CCG recebeu em Jeddah os presidentes dos cinco países da Ásia Central (Wajid, 2023), região que é palco de disputas entre as potências do bloco.

A competição mencionada ocorre por parte dos Estados-membros do CCG, isto é, metade deles — visto que Kuwait e Omã são mediadores nas contendas que envolvem Arábia

²⁹ Legenda: ✓ Atingiu o nível de integração; ✗ não atingiu o nível de integração.

Saudita — que costumeiramente conta com o apoio do Bahrein —, Catar e EAU, os quais desafiam a hegemonia natural saudita, pois questionam o *status quo* de formas distintas. A primeira grande turbulência se deu ao fim da primeira década do século XXI, quando em 2009 os emiradenses recusaram a proposta saudita de estabelecer uma União Econômica e Monetária (UEM) no CCG. Acompanhados de Omã, os EAU protestaram contra a ideia do Banco Central se localizar em Riade e, para além disso, ainda em 2007 o Kuwait cortou a indexação do dinar ao dólar, violando o plano de manter a sua moeda atrelada ao dólar até a ratificação da UEM (Merzaban, 2009).

Os EAU são o processo de integração de maior sucesso no Oriente Médio, visto que o país é composto por sete emirados³⁰ que compartilham soberania; o poder político da Federação fica com as Casas Al Nahyan e Al Maktoum, respectivamente responsáveis por Abu Dhabi e Dubai. O atual responsável por Abu Dhabi — e por acordo entre os sete emires presidente do país — chama-se Mohamed bin Zayed Al Nahyan (MBZ). Para muitos, MBZ foi mentor de MBS, inclusive tendo feito lobby nos EUA em prol da ascensão do jovem príncipe saudita (Filkins, 2018). Entre MBZ e MBS a competição é novidade, visto que os EAU quase sempre estiveram alinhados à Arábia Saudita, principalmente quando foi necessário unir forças para isolar o Catar. Contudo, a relação estremeceu ao longo da Guerra do Iêmen.

Além das divergências sobre qual frente apoiar no combate aos Houthis no Iêmen, MBZ e MBS divergiram e discordaram em outras questões. Na economia, após lançar o Saudi Vision, MBS solicitou que as empresas árabes deixem os EAU para se estabelecerem na Arábia Saudita; além disso, os sauditas pressionam costumeiramente os EAU através da OPEP, seja para aumentar ou diminuir o preço do petróleo; em resposta, MBZ acusa MBS de estar muito próximo da Rússia via OPEP+; também reclama do descongelamento de relações entre sauditas e iranianos (Said *et al.*, 2023; Sallon, 2023a). A mais recente turbulência entre os dois líderes têm a conflagração no Sudão como teatro, visto que Abu Dhabi apoia os paramilitares³¹ e Riade apoia o Exército oficial³² (Mohammad, 2023).

Se por um lado a competição entre sauditas e emiradenses é momentânea, a rivalidade entre sauditas e cataris é histórica. Ao lado da Arábia Saudita, o Catar é o único país do CCG que aderiu ao wahhabismo, no entanto, Doha iniciou a abertura social antes de Riade (Dorsey,

³⁰ Os sete emirados dos EAU são: Abu Dhabi, Ajman, Dubai, Fujairah, Ras Al Khaimah, Sharjah e Umm Al Quwain. A capital do país é Abu Dhabi (United Arab Emirates, 2023b).

³¹ Comandados pelo General Mohamed Hamdan “Hemedti” Dagalo, os paramilitares — na figura das *Rapid Support Forces* — são aliados dos EAU desde as guerras no Iêmen e na Líbia (Stark; Grisé, 2023).

³² Comandados pelo General Abdel Fattah al-Burhan, o Exército oficial — na figura das *Sudanese Armed Forces* — é aliado da Arábia Saudita desde a Revolução Sudanesa de 2019 (Stark; Grisé, 2023).

2013; Henaou, 2022). Ainda que tenha havido tensão nas décadas de 1990 e 2000, a situação atual de crises e conflitos remete ao ano de 2013, quando Tamim bin Hamad Al Thani tornou-se Emir. A primeira grande crise envolvendo Tamim ocorreu em 2014, no entanto, o que despertou preocupações na comunidade internacional e redesenhou as alianças no Golfo ocorreu em 2017, após uma coalizão de países — liderados pelos sauditas — romperem com os cataris (Paris; Said, 2017).

A ruptura, justificada pelo suposto apoio de Doha ao terrorismo (Dickinson, 2017) contou com o apoio de Trump, à época presidente dos EUA; o interessante é que o Catar hospeda a maior base dos EUA no Oriente Médio³³, local onde estão aproximadamente 10.000 militares norte-americanos. Para além disso, os EUA precisavam da união dos árabes para combater o Estado Islâmico, então talvez não tenha sido a melhor escolha de política externa Trump ter sido um beligerante ao invés de um mediador na contenda entre Doha e Riade (Benjamin; Simon, 2017; Harris, 2017). Os responsáveis em lidar com a crise e convencer Trump a mudar o tom foram Rex Tillerson³⁴ — secretário de Estado — e Jim Mattis³⁵ — secretário de Defesa —, no entanto, ambos enfrentaram a paradiplomacia da Casa Branca nas figuras de Jared Kushner³⁶ e Steve Bannon³⁷ (Wong; LaFraniere, 2019).

Durante a 41ª Cimeira do CCG, em Al-Ula, na Arábia Saudita, os países que isolaram o Catar concordaram em dar fim ao bloqueio que durou quase quatro anos (GCC41, 2021). Os quatro anos de hostilidades aproximaram o Catar de Irã e Turquia, complicaram a política externa dos EUA e concederam poderes ao jovem MBS, que no início das tensões, no distante junho de 2017, tinha dias como príncipe herdeiro (Bazzi, 2021; Ramani, 2021). Talvez tenha sido a resistência de MBS durante a crise com o Catar que tenha lhe conferido o atual prestígio interno; talvez tenha sido a capacidade em articular e liderar alianças com vários países em prol de seus objetivos; e, não menos importante: MBS contou com o apoio do presidente dos EUA. Talvez esses fatores tenham feito de MBS um líder regional, que mais tarde exerceu — e segue exercendo — liderança no *front* e na diplomacia do Oriente Médio.

³³ Localizada em Al Udeid, é uma sede avançada do Comando Central dos Estados Unidos, o CENTCOM (Taylor, 2019).

³⁴ Construiu uma relação bem próxima com a Casa Al Thani quando CEO da ExxonMobil (Emmons, 2018).

³⁵ Entre 2010 e 2013 foi comandante do CENTCOM, ao substituir David Petraeus.

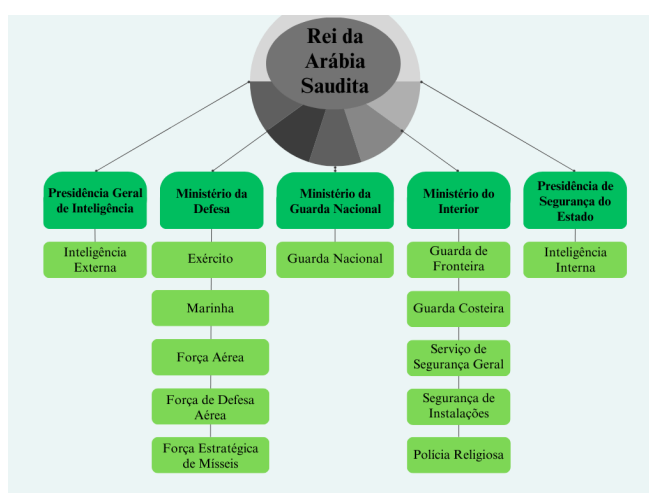
³⁶ Além de genro de Trump e amigo pessoal de MBS, foi conselheiro sênior da Casa Branca (Bazzi, 2021).

³⁷ Estrategista-chefe da Casa Branca e conselheiro sênior de Trump (Jacobs, 2017).

3.2 APARATO SECURITÁRIO SAUDITA E GUERRAS REGIONAIS

A crise com o Catar produz a seguinte dedução: a ascensão de MBS como príncipe herdeiro foi efeito da crise saudí-catari, visto que o jovem príncipe obteve o cargo dezesseis dias após o início das tensões diplomáticas entre Riade e Doha. Assim, pode-se inferir que a Revolução Nacional Saudita teve o seu início de fora para dentro, sendo consolidada principalmente após a Primavera Árabe e a crise entre Arábia Saudita e Catar. Se suportar a crise com o Catar e fazer alianças consolidou o prestígio interno e externo de MBS, outras frentes ainda precisavam ser conquistadas. Ainda que esteja buscando consolidar a centralização política e a diversificação da economia, MBS também precisa reorganizar as forças responsáveis pela defesa do país. Esse movimento, que é parte da Revolução Nacional, deve centralizar os órgãos de segurança. Atualmente, três órgãos são os responsáveis pelo aparato securitário saudita: Ministério da Defesa (MOD), Ministério da Guarda Nacional (MNG) e Ministério do Interior (MOI); ainda existem dois departamentos de inteligência: a Presidência Geral de Inteligência (GIP) e a Presidência de Segurança do Estado (PSS). O MOD controla o Exército, a Marinha, a Força Aérea, a Força de Defesa Aérea e a Força Estratégica de Mísseis; o MNG controla a Guarda Nacional (SANG); o MOI controla as polícias e serviços como a Guarda Costeira (Jarzabek, 2018, p. 161).

Figura 2: Estrutura do aparato securitário saudita



Fonte: Elaborado, atualizado e traduzido pelo autor com base em Jarzabek (2017, p. 162).

A fragmentação no aparato securitário saudita apresenta duas questões:

- a) há competição interna na Casa de Saud e isso está representado na existência de vários órgãos e agências que poderiam estar fundidas;
- b) para se manter no poder, MBS precisará aglutinar esses comandos, cortando o poder de alguns de seus primos e tios.

Além disso, as atribuições das agências e órgãos de segurança saudita não são definidas com clareza. Assim, o MOD pode atuar na esfera interna — o que intuitivamente seria atribuição do MNG e/ou do MOI — e a SANG pode atuar na esfera externa — o que deveria ser atribuição do MOD (Jarzabek, 2018, p. 171)

Quadro 7: Principais ministérios e ministros sauditas

Ministério	Ministro	Idade no mês 12 de 2023
Primeiro-ministro	MBS	38
MOD	Khalid bin Salman	35
MNG	Abdullah bin Bandar	37
MOI	Abdulaziz bin Saud	40
Ministro das Rel. Exteriores	Faisal bin Farhan	49

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Kingdom of Saudi Arabia (2023).

Quadro 8: Órgãos subordinados ao MOD, MNG, MOI, GIP e PSS

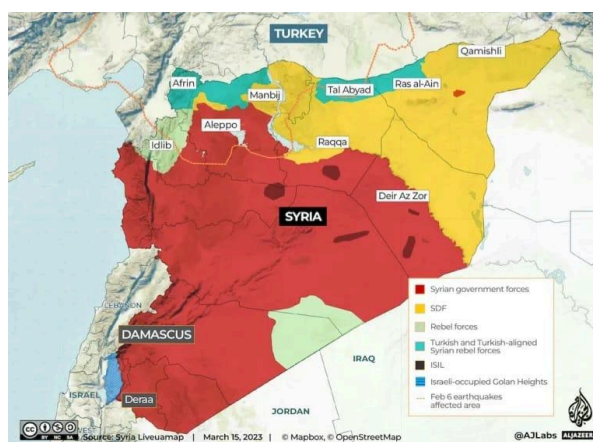
Órgão	Vínculo
Exército	MOD
Marinha	MOD
Força Aérea	MOD
Força de Defesa Aérea	MOD
Força Estratégica Mísseis	MOD
SANG	MNG
Guarda Costeira	MOI
Inteligência Externa	GIP
Inteligência Interna	PSS

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Saudi Arabian Military Forces (2023).

3.2.1 O papel saudita na Guerra da Síria

Os sauditas não tem condições de estarem envolvidos em guerras simultâneas e partindo dessa premissa compreende-se a postura do país nas duas principais conflagrações em sua zona de influência: as guerras na Síria e no Iêmen. A participação saudita na Guerra da Síria teve três fases: a primeira fase, entre 2012 e 2014, foi conduzida por Bandar bin Sultan (Riedel, 2012; Osborne, 2013). A política de Bandar baseou-se em financiar rebeldes; logo suspeitou-se que o príncipe era um colaborador chave do Estado Islâmico no Levante (Clemons, 2014; Cockburn, 2014); a segunda fase, entre 2014 e 2017, foi conduzida por MBN, que substituiu Bandar (Black, 2014; Ansari, 2014). Ao romper com as políticas de Bandar na Síria, MBN retomou o alinhamento automático à Washington, que, por sua vez, preocupava-se com a autonomia e os grandes poderes conferidos a Bandar para combater Assad (Henderson, 2014; Lippman, 2014).

Figura 3: Mapa da Síria em março de 2023



Fonte: Al Jazeera Staff (2023).

A terceira fase, entre 2017 e 2023, corresponde ao período entre a ascensão de MBS como príncipe herdeiro e o retorno de Assad para a Liga Árabe. Em maio de 2023, depois de anos de desgaste e almejando dar fim às guerras regionais, MBS reconciliou-se com Assad no mesmo mês em que retomou as relações diplomáticas com o Irã. Após 12 anos isolado, Assad estava de volta ao principal fórum árabe, mesmo que meio milhão de sírios tenham morrido e outros 14 milhões — metade da população do país — tenham sido deslocados em razão da guerra (Cohen, 2023). Assim, pode-se inferir que Assad venceu a guerra civil. O presidente

sírio manteve-se no poder — com ajuda de Irã e Rússia — e agora vencera o isolamento regional ao retomar as relações com as monarquias do Golfo (Heller, 2023).

3.2.2 O papel saudita na Guerra do Iêmen

Em outra frente, MBS tem o fardo da Guerra do Iêmen, a qual o príncipe rejeitou o rótulo de arquiteto da intervenção. Em entrevistas, MBS justificou a intervenção afirmando que os movimentos dos Houthis, ainda em 2014, alertaram os sauditas; disse também que além das ofensivas militares contra as regiões do Iêmen controladas pelos Houthis, a Casa de Saud busca fragmentar o braço político dos Houthis; e concluiu afirmando que a ação saudita é defensiva, visto que os Houthis possuem mísseis na fronteira com a Arábia Saudita (Vick, 2018). As duas principais forças de oposição aos Houthis — o Presidential Leadership Council (apoiados por Riade) e o Southern Transitional Council (apoiados por Abu Dhabi) — vivem disputa interna, ainda que tenham o mesmo objetivo: unificar a política iemenita (Ardemagni, 2022; Ali-Khan, 2023).

Figura 4: Mapa do Iêmen em agosto de 2023



Fonte: The Economist (2023).

Como ocorreu com Irã e Síria, MBS busca o diálogo com os Houthis. Esperava-se que ainda em abril de 2023 a Arábia Saudita e os Houthis dariam fim à conflagração, no entanto, durante a Conferência de Saná, foi restabelecida a trégua e o cessar-fogo, interrompidos em outubro de 2022 (Zerrouky, 2023); em setembro, uma delegação Houthis visitou a Arábia Saudita em busca de ganhos econômicos — incluindo o desbloqueio saudita do Mar Vermelho (Gambrell, 2023); em dezembro, Riade se recusou a aderir a uma coalizão liderada

pelos EUA que visa dissuadir a atuação Houthi no Mar Vermelho (Ali, 2023). Tal postura indica que MBS segue buscando a estabilidade com o governo de Saná, além de reforçar que a política externa saudita não está mais alinhada à norte-americana.

Após tornar-se primeiro-ministro, MBS passou a evitar as contendas e isso se justifica na atual conduta do príncipe para com Catar, Síria e Iêmen. Os sauditas também buscam a pacificação com a Turquia, visto que após o assassinato de Khashoggi, a relação entre Riade e Ancara estremeceu. No entanto, ainda em 2022, o presidente turco Recep Tayyip Erdoğan visitou a Arábia Saudita pela primeira vez após o assassinato do jornalista saudita no consulado do país em Istambul (Karadsheh; Tawfeeq, 2022). Menciona-se a Turquia considerando que este é um aliado de primeira ordem do Catar, que por sua vez, restabeleceu as relações com a Arábia Saudita em 2021; o que completa as relações regionais da Arábia Saudita é a postura do país para com o Irã e Israel.

3.3 POLÍTICA EXTERNA INDEPENDENTE

Tão logo pôde, MBS inseriu em sua agenda de reformas e de PEI dois conceitos:

- a) equidistância pragmática;
- b) pacificação.

A PEI foi um modelo de diplomacia brasileira executado durante a Guerra Fria, quando o Brasil buscou se aproximar de Havana e Moscou, evitando o alinhamento total com Washington (Visentini, 2013, p. 48). San Tiago Dantas (2011, p. 10) destacou a PEI em alguns tópicos que foram adaptados para esta monografia:

- a) contribuição à preservação de paz através da prática da coexistência;
- b) apoio à emancipação dos territórios não autônomos, seja qual for a forma jurídica utilizada para sua rejeição à metrópole.

Do tópico “a” de Dantas (2011), entende-se que os sauditas buscam encerrar as guerras por procuração no Oriente Médio se aproximando de Irã e Israel; do tópico “b” de Dantas (2011), entende-se que tudo isso será possível com o estabelecimento de um Estado-nação soberano para os palestinos. A Arábia Saudita tenta alcançar os dois pontos de Dantas através da equidistância pragmática. Moura (2012, p. 17), utiliza a situação do Brasil, então comandado por Getúlio Vargas, para definir o conceito de equidistância pragmática, ou seja, o Brasil era um país dependente mas autônomo e assim pôde barganhar tanto com a Alemanha Nazista como com os EUA. Assim, o Brasil conseguiu extrair dos EUA benefícios econômicos e militares expressivos e em troca o Brasil apoiou os EUA — garantindo aos

norte-americanos o apoio de outros países da América Latina (Moura, 2012, p. 21). Essa posição é muito similar ao que hoje faz MBS Oriente Médio: barganha com China e EUA para pacificar as suas relações com Irã e Israel e assim completar a Revolução Nacional no âmbito externo via Saudi Vision, integrando os mercados e provendo para a Arábia Saudita uma economia industrial de escala.

3.3.1 Relações entre Riade e Teerã

De certeza, MBS está visando os resultados finais da PEI ao promover medidas arriscadas. No entanto, as ações do príncipe nos remete à história. Nem sempre Arábia Saudita e Irã foram rivais, tendo em vista que em 1960 ambos fundaram a OPEP; em 1969, sauditas e iranianos foram considerados pilares da Doutrina Nixon, que delegou para Riade e Teerã a liderança regional (Fuser, 2005, p. 11; Mackey, 2008, p. 247; Fürtig, 2009). No entanto, após a Revolução Iraniana em 1979, os pilares se separaram e então começou a competição pela hegemonia regional; ainda em 1979, meses após a queda do Xá Mohammad Reza Pahlavi, extremistas islâmicos invadiram a Grande Mesquita de Meca (Koelbl; Shafy; Zand, 2016); um ano mais tarde, em 1980, Irã e Iraque entraram em guerra. Imediatamente, os sauditas apoiaram Saddam Hussein, ainda que discretamente (Mehdi, 2023).

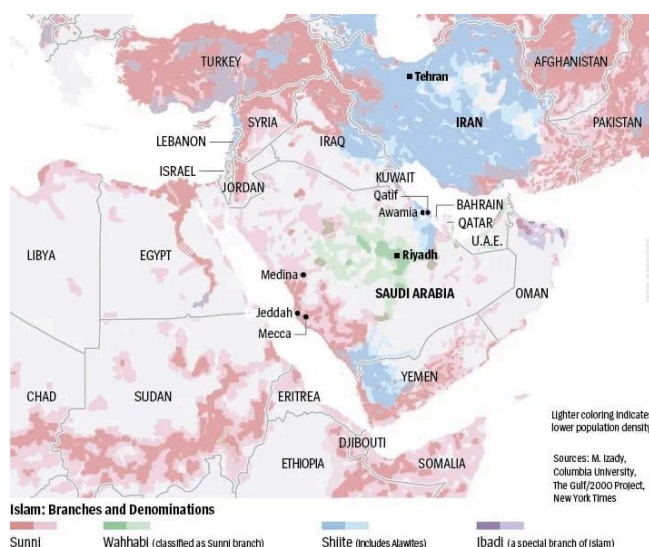
As décadas de 1990 e 2000 marcaram a estagnação nas relações saudí-iranianas. Em 1989, o Irã teve de lidar com a morte de Ruhollah Khomeini, sucedido por Ali Khamenei; os sauditas tiveram de lidar com a ascensão da Al-Qaeda. O momento mais tenso ocorreu em 1996, quando um caminhão-bomba atingiu as Torres Khobar, na Arábia Saudita. O complexo que abrigava a 4404^a Esquadrilha de Socorro da Força Aérea dos EUA foi destruído, vitimando, entre outros, dezenove soldados americanos (Wright, 2007, p. 264). Se imaginava que a autoria dos ataques pudessem ser da Al-Qaeda, no entanto, especialistas como Kenneth Pollack (1997) suspeitavam da participação iraniana. Anos após o ataque, já na década de 2000, os EUA concluíram que o Irã, através do Hezbollah Al-Hejaz, havia sido o mentor do atentado (Leonning, 2006; Duheume, 2018; Byman, 2021; Riedel, 2021).

A década de 2010 começou bastante tensa nas relações saudí-iranianas. Ainda em 2005, Mahmoud Ahmadinejad havia se tornado o primeiro presidente iraniano oriundo da classe política (Amorim, 2018, p. 24). Ahmadinejad não mediu esforços para aumentar a capacidade nuclear do país e isso angustiava os sauditas; no entanto, em 2010, o presidente iraniano foi dissuadido. Em ação conjunta de Brasil e Turquia, o Irã concordou em assinar a Declaração de Teerã, no entanto, o acordo foi renegado pelos EUA, que cinco anos mais tarde

ao lado do P5+1³⁸, criou o *Joint Comprehensive Plan of Action (JCPOA)*, o popular acordo nuclear iraniano (Amorim, 2020). As relações entre sauditas e iranianos congelaram um ano depois, quando em 1º de janeiro de 2016 o clérigo xiita Nimr al-Nimr foi executado pelo governo saudita (Koelbl; Shafy; Zand, 2016).

A morte de Nimr ocorreu um ano após Salman ter sido proclamado rei e MBS ministro da Defesa. A data exata de ruptura das relações entre sauditas e iranianos remonta ao dia 3 de janeiro de 2016, quando a embaixada saudita em Teerã foi invadida; o responsável pelo comunicado foi Adel Al Jubeir, ao informar que o governo saudita estava providenciando o retorno dos diplomatas lotados no Irã e que os diplomatas iranianos deveriam deixar o país em 48 horas. Silenciados os canais oficiais entre Riade e Teerã, restou aos países a conflagração, em uma espécie de Guerra Fria, considerando a competição entre os países no Paquistão, no Afeganistão, no Iraque, na Síria, no Líbano e no Iêmen. Contudo, em 10 de março de 2023, com mediação da China, Arábia Saudita e Irã reataram as relações diplomáticas (IRNA, 2023; SPA, 2023; CGTN, 2023).

Figura 5: Ramos e Denominações do Islã



Fonte: Der Spiegel.

Além da reabertura das embaixadas em Riade e Teerã, pactos de cooperação em segurança, investimentos, cultura e comércio foram reativados (Nereim, 2023b). A Arábia Saudita também anunciou que encerraria o apoio à rede de televisão Iran International, considerada uma dissidência interna pelo Irã; em contrapartida, o Irã confirmou que cessaria o

³⁸ Grupo composto pelos cinco países que são membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU mais a Alemanha (Amorim, 2018, p. 30).

fornecimento de armas para os Houthis; ainda segundo o acordo, em conjunto, Arábia Saudita — bem como o CCG — e Irã devem reforçar os laços econômicos e diplomáticos, criando um novo quadro de segurança na região (Fantappie; Nasr, 2023). Para selar de vez as boas novas, em 11 de novembro de 2023, Ebrahim Raisi visitou Riade para participar de sessão conjunta da Liga Árabe e da OCI. Foi a primeira vez em 11 anos que um presidente iraniano visitou o país.

3.3.2 Relações entre Riade e Tel Aviv

Israel, ao contrário do Irã, nunca teve relação com a Arábia Saudita. Em 29 de novembro de 1947, os sauditas foram um dos treze membros da ONU que votaram contra a Resolução 181 da Assembleia Geral, que criou um plano para dividir o Mandato Britânico da Palestina em dois Estados, um árabe e um judeu (State of Israel, 2013). Durante as guerras envolvendo árabes e israelenses, os Estados do Golfo contribuíam com poucos voluntários e com muito dinheiro para os Estados envolvidos na linha de frente. O grande momento envolvendo Arábia Saudita e Israel ocorreu em 1973, durante a Guerra do Yom Kippur. Sob a liderança do Rei Faisal, os países árabes proclamaram um embargo petrolífero às nações que apoiavam Israel — entre elas, os EUA, o Reino Unido e o Japão. Durante o embargo, que foi concluído em 1974, o barril de petróleo subiu de US\$ 3 para US\$ 12 (TRT World, 2020).

A Arábia Saudita passou a ver com bons olhos o fim das tensões com Israel em 1981, ano em que o Plano Fahd foi lançado. Fahd, à época príncipe herdeiro, apresentou o Plano — contido de 8 parágrafos — para os Estados da Liga Árabe, mas não obteve êxito, visto que os países árabes não concordaram com o parágrafo 7, pois nele constava que “Todos os Estados da região deverão poder viver em paz na região” (United Nations, 1981). Um ano depois, Fahd tornou-se rei e junto de seus colegas árabes criou a Declaração de Fez, um texto similar ao Plano Fahd mas sem o parágrafo 7, o que motivou Israel a rejeitar a oferta (Walsh, 1982).

Outro plano surgiu 20 anos depois. A Iniciativa Árabe de Paz, lançada em 2002 pelo então príncipe herdeiro saudita Abdullah, contava com dois pontos principais:

- a) respeito às Resoluções 242 e 338 do Conselho de Segurança da ONU.

Em troca, os árabes ofereceram:

- a) Acordo de Paz e normalização com Israel.

À época, o premiê Ariel Sharon recusou a proposta, mas líderes como Shimon Peres e Ehud Olmert saudaram a Iniciativa como um movimento revolucionário (Feierstein; Guzansky, 2022).

Após anos de estagnação, a normalização entre árabes e israelenses voltou à tona após a ascensão de Salman e MBS. O primeiro passo foi dado em 2016, quando o presidente Sisi, do Egito, cedeu as ilhas de Tiran e Sanafir no Golfo de Aqaba para os sauditas; no entanto, por ter território no Golfo, Israel precisava apoiar tal concessão. Em 2022, Israel aprovou o plano e, em 2023, a Arábia Saudita adicionou as duas ilhas em seu mapa (Ravid, 2022; Khan, 2023). Antes, em 2018, MBS reconheceu o direito do povo judeu de ter um Estado-nação próprio ao lado de um Estado palestino; além disso, MBS mencionou a importância da economia israelense e dos interesses que poderiam unir os países do CCG, o Egito e a Jordânia em uma futura cooperação com Israel (Goldberg, 2018).

O príncipe herdeiro saudita foi ainda mais contundente em 2023. Em entrevista, ele afirmou que o país estava “cada dia mais próximo” de Israel (Fox News, 2023). E as palavras de MBS eram sinceras, pois seis dias após a entrevista na Fox News, em 26 de setembro 2023, Haim Katz, ministro do Turismo de Israel, visitou a Arábia Saudita para participar de um evento da ONU; dias depois, em 1º de outubro de 2023, foi a vez de Shlomo Karhi, ministro das Comunicações de Israel, visitar o país e participar do 4º Congresso da *Universal Postal Union* (Asmar; Basaran, 2023). Parecia bastante claro: o Reino da Arábia Saudita, comandado pelo Guardião das Duas Mesquitas Sagradas, estava próximo de reconhecer o Estado de Israel. Assim, o direito de Israel existir estaria legitimado pelo Estado árabe e muçulmano mais influente do mundo e, em contrapartida, os sauditas contariam com um novo mercado, de economia pujante e exportador de alta tecnologia.

No entanto, o mundo parou a 7 de outubro de 2023. Menos de uma semana após a visita de Karhi, o Hamas, grupo responsável pela Faixa de Gaza, realizou uma incursão no sul de Israel, vitimando 1.200³⁹ pessoas e levando outras 240⁴⁰ como reféns para a Faixa de Gaza (Friedman, 2023b; Vinograd; Kershner, 2023); a resposta israelense na Faixa de Gaza já vitimou 20.000⁴¹ (Jobain; Magdy, 2023). A destruição da Faixa de Gaza fez com que os sauditas congelassem as negociações com Israel, ao tempo que Riade não endossou a ofensiva do Hamas (Hope, 2023; Ulrichsen, 2023). Isso se observa a partir de duas situações:

- a) em 19 de outubro 2023, a Al Arabiya, rede de televisão saudita, entrevistou Khaled Mashal⁴². Na entrevista, Mashal foi duramente questionado sobre os objetivos do Hamas ao assassinar civis israelenses (Al Arabiya, 2023);

³⁹ Acesso em: 20 dez. de 2023, com base nas informações do Ministério de Relações Exteriores de Israel.

⁴⁰ Acesso em: 20 dez. de 2023, com base nas informações do Ministério de Relações Exteriores de Israel.

⁴¹ Acesso em: 20 dez. de 2023, com base nas informações do Ministério da Saúde da Faixa de Gaza.

⁴² Principal líder político do Hamas entre 1996 e 2017; atualmente, vive no Catar (Alshwabkeh, 2023).

b) três dias após a entrevista de Mashal, foi a vez do influente príncipe Turki condenar o Hamas pelos ataques (Hindustan Times, 2023).

Tão logo pôde, a Arábia Saudita buscou hospedar conferências de paz. A mais importante ocorreu em 11 de novembro de 2023, em encontro conjunto da Liga Árabe e da OCI. Segundo Ehud Ya'ari — analista de assuntos árabes do Canal 12 de Israel —, sauditas, emiradenses, jordanianos, egípcios e outros, rejeitaram cinco pontos sugeridos pela maioria dos países presentes na conferência, incluindo o Catar, o Irã e a Turquia. Os pontos eram:

- a) congelamento de canais diplomáticos e econômicos com Israel;
- b) embargo petrolífero;
- c) bloqueio do espaço aéreo árabe para voos israelenses;
- d) bloqueio de transferência de equipamentos de bases dos EUA na região para Israel;
- e) utilizar delegação conjunta para pressionar o P5+1 por um cessar-fogo.

A postura de MBS como comandante de fato do país é clara: as negociações com Israel estão interrompidas mas não encerradas.

3.4 SAUDI VISION EM PERSPECTIVA REGIONAL

Se antes examinou-se os desdobramentos do Saudi Vision na esfera doméstica, agora expande-se a análise das iniciativas de MBS bem como os seus impactos na região. A primeira observação que se faz necessária sinaliza as intenções da Arábia Saudita em fazer do CCG um bloco pacífico e mais integrado à economia internacional — até porque Catar e EAU também possuem planos para se tornarem menos dependentes da exportação de gás e petróleo. Isso ficou claro com a ideia dos sauditas elevarem o status do bloco ao que hoje é a UE, no entanto, os EAU vetaram a possibilidade. Com a guerra entre Israel e Hamas, sauditas, cataris e emiradenses são protagonistas na mesa de negociações e isso faz com que o CCG ganhe destaque (Sant'Anna, 2023).

O segundo ponto de destaque conecta a complexidade da Revolução Nacional Saudita em andamento. Ainda buscando a centralização política, MBS enfrenta dificuldades em ter o controle total do aparato securitário da Arábia Saudita. Compreendendo as dificuldades em controlar todos os órgãos e agências do país, ao tornar-se príncipe herdeiro em 2017, MBS promoveu a renovação de vários quadros políticos, delegando a seus primos mais jovens cargos decisivos na administração pública (Henderson, 2017). Nunca se viu um Conselho de Ministros tão jovem como há hoje em Riade e, para além disso, em posições decisivas. A média de idade dos comandantes das quatro principais pastas do governo — ministro da

Defesa, ministro da Guarda Nacional, ministro do Interior e ministro das Relações Exteriores — é de 40 anos, e isso mostra na prática a renovação promovida por MBS.

A análise final sobre o capítulo concentra o desafio mais recente na política externa saudita, que envolve a pacificação regional. Tendo retomado as relações com Catar, Irã e Síria, MBS busca dar fim ao atoleiro que é a Guerra do Iêmen. A paz no Oriente Médio também é parte do Saudi Vision, pois não há como a região ser integrada através da infraestrutura e dos investimentos se as conflagrações seguirem em andamento. Também por isso, o marco histórico seria o reconhecimento mútuo entre sauditas e israelenses, o que levaria o estabelecimento de relações diplomáticas entre Riade e Tel Aviv, no entanto, isso foi temporariamente frustrado pela ação do Hamas e pela resposta de Israel na Faixa de Gaza (Nereim, 2023a; Frantzman, 2023; Freedman, 2023). Além de tentar melhorar e promover as suas relações bilaterais na região, MBS também está buscando maior cooperação e integração através dos fóruns de liderança saudita como o próprio CCG, a Liga Árabe, a OCI e até mesmo a OPEP+.

4 A POLÍTICA EXTERNA DE MBS NO NÍVEL GLOBAL

O presente capítulo examina a política externa de MBS como líder de fato da Arábia Saudita em um mundo multipolar. Se no capítulo 2 observou-se a política doméstica e no capítulo 3 analisou-se a política regional, o capítulo 4 tem como foco estudar a posição saudita em instituições e fóruns para além de seu espaço geoestratégico. Na primeira seção será examinada a história da OPEP, desde a sua criação até os dias de hoje, momento em que a organização expande laços com a OPEP+ e expande seus objetivos econômicos e políticos. A segunda seção se propõe a analisar o papel de três figuras importantes para a Casa de Saud, tendo em vista que mesmo estando fora do governo de MBS, tais personagens exercem e/ou exerceram influência na tomada de decisão saudita. Tratam-se de Jamal Khashoggi, Bandar bin Sultan Al Saud e Turki bin Faisal Al Saud, atores que são fundamentais para que se compreenda os rumos da tomada de decisão de MBS. A terceira e última seção trata da conceitualização de polaridade e polarização na prática. A partir dos conceitos, procura-se compreender qual o lugar dos sauditas no mundo, visto que claramente o país não é uma das potências que escreve regras, contudo, também não é apenas uma petromonarquia, pois Riade goza de considerável poder regional e influência global. Nesta seção, serão analisadas as relações da Arábia Saudita com EUA, Rússia e China, países que são as principais potências dentro do SI.

4.1 PETRÓLEO COMO DISPOSITIVO POLÍTICO

Não há como mencionar a história do petróleo sem refletir sobre a história da maior companhia estatal do mundo: a Aramco. Em 2023, completou-se 90 anos da concessão do governo saudita para a exploração de petróleo em favorecimento da Standard Oil Company of California; a partir daí, formou-se uma subsidiária — a California Arabian Standard Oil Company — para representar os interesses de ambas as partes (Kingdom of Saudi Arabia, 2023a). A perfuração na Arábia Saudita teve início em 1935, obtendo êxito em 1938, quando o sétimo local de perfuração, conhecido como Dammam No. 7, foi encontrado. Na década de 1940, a empresa passou a se chamar Arabian American Oil Company e em 1949 a produção de petróleo saudita era de 500.000 barris por dia; um ano depois, o oleoduto transárabe foi concluído, reduzindo o tempo e o custo da exportação de petróleo para a Europa (Kingdom of Saudi Arabia, 2023a). Em 1980, a Casa de Saud adquiriu 100% da empresa e, oito anos mais

tarde, um decreto real criou a Aramco, hoje listada como a empresa que mais lucra no mundo, sendo a segunda colocada em receita, só atrás do Walmart (Fortune, 2023).

A Arábia Saudita e o petróleo estão conectados desde o início de suas histórias, haja visto que a unificação saudita ocorreu em 1932 e a subsidiária saudí-americana para a exploração de petróleo foi firmada em 1933. A contextualização sobre a Aramco se fez necessária para que se note o tamanho do poder com que nasceu a OPEP em 1960. Até a fundação da organização, o petróleo mundial era controlado por multinacionais que ficaram conhecidas como Sete Irmãs⁴³ (Hoyos, 2007); os fundadores da OPEP — Arábia Saudita, Irã, Iraque, Kuwait e Venezuela — criaram o grupo visando nacionalizar as companhias petrolíferas e assim sacar das Sete Irmãs o controle de preço e oferta da indústria do petróleo (Siripurapu; Chatzky, 2022). Tendo as interações durante a Guerra Fria como pauta principal, a OPEP e seus Estados-membros gozaram de rara notoriedade política e econômica.

A principal ação dos Estados petrolíferos ocorreu através de uma organização paralela à OPEP. Fundada em 1968, a Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo (OAPEP) visava estruturar a indústria petrolífera dos Estados árabes, visto que a OPEP é uma organização inter-regional (OAPEC, 2018). Em 1973, durante a Guerra do Yom Kippur, foi a OAPEP e não a OPEP quem promoveu o embargo petrolífero aos países apoiadores de Israel, ao anunciarem a decisão de aumentar o preço do petróleo em 70%. O momento do embargo ocorreu quatro dias após o então presidente norte-americano Richard Nixon autorizar a entrega de armas e suprimentos para Israel, enquanto os soviéticos mantinham o Egito e a Síria (Verrastro; Caruso, 2013). Mesmo não tendo agido diretamente, a OPEP obteve ganhos após o embargo de 1973.

No Ocidente, esse foi o primeiro choque do petróleo, visto que entre 1973 e 1975 a economia norte-americana encolheu 6% e o desemprego duplicou; por outro lado, entre 1972 e 1977, os Estados-membros da OPEP combinados sextuplicaram seus ganhos: de US\$ 23 bilhões para US\$ 140 bilhões (Siripurapu; Chatzky, 2022). A partir do embargo e dos resultados de tal fenômeno, grande transferência de riqueza ocorreria do Atlântico Norte para o Oriente Médio e, no contexto de Guerra Fria, causando sensação de vitória e reparação pelas décadas de colonialismo na região (Jaffe; Morse, 2013). De certeza, a ação dos membros de OAPEC e OPEP não chegaram perto de causar uma Terceira Guerra Mundial — como a Crise

⁴³ Alcinha recebida pelas seguintes multinacionais: Standard Oil of New Jersey (atual ExxonMobil), Royal Dutch Shell (atual Shell), Anglo-Persian Oil Company (atual BP), Standard Oil of New York (atual ExxonMobil), Standard Oil of California (atual Chevron), Gulf Oil (atual Chevron) e Texaco (atual Chevron) (Nozaki; Leão, 2019).

dos Mísseis de 1962 — no entanto, pode-se considerar que tal ação foi o primeiro grande movimento de emancipação do Terceiro Mundo.

Contudo, após a década de 1970 as monarquias e as repúblicas muçulmanas entraram em confronto e a OPEP estagnou. Arábia Saudita, EAU e Kuwait são os países mais ricos e menos populosos da OPEP e por isso podem suportar a redução nos preços do petróleo; já Irã, Iraque e Líbia são Estados que possuem grandes populações e orçamentos mais apertados, por isso não podem ser tão flexíveis com a redução nos ganhos através da indústria petrolífera (Siripurapu; Chatzky, 2022). Além disso, entre a década de 1980 e 1990 ocorreram duas conflagrações entre Estados-membros da OPEP, que acabaram por congelar o processo decisório da organização: a Guerra Irã-Iraque (1980–1988) e a Guerra do Golfo (1990–1991). Sem decisões unânimes, a OPEP enfrenta crises estruturais.

Um caso interessante é o de chegadas e partidas dentro da organização. Enquanto o Gabão voltou a participar da OPEP em 2016 após ter abandonado a mesma em 1995, a organização aprovou as entradas de Guiné Equatorial, em 2017 e da República do Congo, em 2018; por outro lado, a Indonésia, o Catar e o Equador foram países que deixaram a organização entre 2016 e 2020 (Blas, 2023). O mais recente país a deixar a OPEP é Angola, então Estado-membro que não conseguiu cumprir os compromissos de produção da organização devido ao declínio de investimento (Lawler; Lewis, 2023). Os tomadores de decisão em Angola, por sua vez, afirmaram que os cortes na oferta afetariam a indústria petrolífera do país, então responsável por 4% da produção da OPEP (Reid, 2023). Em razão da baixa produção, pode-se inferir que a OPEP não será impactada pela saída de Angola.

Essa inconsistência nas relações dentro da OPEP fizeram com que a organização buscasse novos rumos. Bem provavelmente a Arábia Saudita tenha produção igual ou maior do que o 2º, 3º e 4º maiores produtores da OPEP juntos, por isso o poder de tomada de decisão da organização concentra-se nas mãos da Casa de Saud, pois além do prestígio político, os sauditas possuem vantagem econômica. Por isso, enquanto Riade teve política externa alinhada à Washington, a alcunha de “cartel” para a OPEP não fazia sentido, visto que havia abundância de petróleo nos mercados, não prejudicando a indústria norte-americana, tampouco os empregos de norte-americanos nos EUA (Colgan, 2015). No entanto, com a ascensão de MBS isso mudou. Ainda em 2018, quando Donald Trump era presidente dos EUA, a OPEP — em parceria com a Rússia — anunciou um grande corte na oferta de petróleo global (Dettmer, 2018). Cortes na produção são naturais, no entanto, um corte contando com a participação da Rússia era a grande novidade no processo decisório, mas não surpreendente, visto que em 1º de janeiro de 2017 foi ativada a “Declaração de Cooperação”,

que consolidou a parceria entre a OPEP e um bloco de onze países, que ficaram conhecidos como OPEP+ (OPEC, 2016).

A OPEP+ é um grupo liderado pela Rússia, que ganhou rápido protagonismo pela aliança com a OPEP. A tomada de decisão conjunta entre as duas frentes acaba por ser na maioria das vezes a decisão de Arábia Saudita e Rússia. Assim, pode-se depreender que a parceria entre OPEP e OPEP+ é uma aliança de MBS e do presidente russo Vladimir Putin (Cohen, 2018). Mas nem sempre foi assim. Ainda em 2016, MBS na figura de vice-príncipe herdeiro, foi contra um acordo liderado pelo Catar com o mesmo bloco que ficou conhecido como OPEP+; em 2018, em meio ao boicote liderado pela coalizão saudita, o Catar anunciou que deixaria a OPEP em 1º de janeiro de 2019 para se concentrar na produção de gás, ramo em que os cataris são os maiores exportadores do mundo (Alkhalisi, 2018; Economist, 2018; Ulrichsen, 2018).

Inicialmente via-se com desconfiança a parceria saudita-russa, principalmente porque ambos os países são competidores no ramo energético e também possuem objetivos distintos no ramo petrolífero. Após finalmente aceitar a ideia da união entre OPEP e OPEP+, MBS idealizou uma união duradoura, onde pudesse aumentar o seu poder de barganha, promovendo cortes na produção quando fosse conveniente para Riade; Putin, por sua vez, considerava a parceria temporária, tolerando o aumento da produção e dos preços mais baixos (Campanella, 2020). A posição da Rússia se alterou ao longo do tempo, principalmente após o início da Guerra da Ucrânia, em 2022. Isolado — como MBS já esteve em 2018 —, Putin encontrou na China e na OPEP saídas para a sua economia e para seguir realizando pressões internacionais, sendo o controle da oferta de petróleo uma delas (Gramer; Rathi; Lu, 2022).

Ainda que seja um mediador na Guerra da Ucrânia, MBS se aproveita dela para se manter como uma voz neutra e “não-alinhada” em meio às sanções do Atlântico Norte para a Rússia. O primeiro-ministro saudita aproveitou que o presidente russo precisa de canais para desafogo e assim fortaleceu os laços entre OPEP e OPEP+, movimento que é parte da PEI e da barganha saudita após a ascensão de MBS (Young, 2022). São quatro as razões principais para que MBS esteja utilizando da OPEP e da parceria com a Rússia para promover ações emancipatórias:

- a) as arrecadações através dos cortes na produção de petróleo e do aumento no preço da commodity são parte do Saudi Vision, tendo em vista os altos investimentos prometidos no programa;
- b) tais ações consolidam a Arábia Saudita como a grande líder no setor energético, sendo ela a controladora da oferta e do produto;

- c) a política externa saudita com MBS não está mais suscetível às pressões vindas do governo norte-americano e isso torna-se claro ao tempo em que Washington sequer é informada dos cortes promovidos por Riade;
- d) tal política externa aproxima os sauditas do Sul Global, afastando o país do tradicional alinhamento ao Ocidente (Bordoff, 2023).

As decisões da Arábia Saudita através da OPEP+ só reafirmam o que a renovação política consolidou: a independência. Para Feierstein (2022), a aliança entre Riade e Moscou é parte dos interesses sauditas, que não vão mais dar tanta atenção aos pedidos de Washington antes de uma tomada de decisão; ainda conforme o autor, o aquecimento das relações saudis-russas em meio a Guerra da Ucrânia é uma clara sinalização fraterna de MBS para Putin, deixando o presidente norte-americano Joe Biden em maus lençóis. Para os EUA, já não adianta mais ameaçar embargar as vendas de armas para os sauditas mudarem a postura, ainda mais considerando a posição atual de MBS na região. O príncipe está interrompendo o envolvimento saudita nas conflagrações e expandindo a pacificação com países como Irã e Israel — este, visando seus próprios interesses, ao tempo em que atende um pedido de Biden.

Para Katulis (2022), MBS compreende o tempo que está vivendo. O autor afirma que o mundo não é mais como em 1991, quando os EUA eram a superpotência mundial que, ao cessarem as pretensões regionais de Saddam Hussein, protegeram a Arábia Saudita. Agora, em um mundo multipolar, Riade se permite negociar com todas as potências que escrevem regras além dos EUA. E é isso que fazem os sauditas, tendo como base a consolidação da parceria entre OPEP e OPEP+ e o acordo saudis-iraniano mediado pela China. Tal abordagem converge com a visão de Maksad (2022), que observa a posição saudita dentro do G20 e do crescimento da influência do país no SI; além disso, o autor reforça que a tomada de decisão de Riade não se baseia mais nos “telefonemas” de Washington, uma clara menção à política externa saudita pré-MBS, que era servil aos interesses dos EUA. Para Horvath (2022), são os EUA quem devem se adequar aos pedidos dos sauditas e não o contrário, visto que as velhas ameaças já não são mais eficazes por duas razões:

- a) a Arábia Saudita segue sendo o principal aliado árabe dos EUA;
- b) se abandonados, os sauditas conseguirão formar novas alianças rapidamente.

As decisões sauditas através de OPEP e OPEP+ romperam com o alinhamento estratégico entre Riade e Washington, algo que não acontecia desde meados do século XX (Gause III, 2022). Ainda conforme Guase III (2022), que converge com a opinião dos autores anteriores, MBS apenas está seguindo uma visão realista de inserção internacional, visto que o príncipe observou que o equilíbrio global de poder se alterou e que então pode barganhar. O

mais recente relatório do Fundo Monetário Internacional apontou que em 2023 a Arábia Saudita encerrou o ano com déficits orçamentais (Egan, 2023) e isso corrobora com a ideia de que os cortes na produção de petróleo buscam a estabilidade interna e a continuidade dos projetos de engenharia propostos no Saudi Vision, tendo em vista que os sauditas precisam de muito dinheiro para seguirem construindo os mega projetos previstos no programa.

4.2 DISSIDÊNCIA E LEALDADE

A ascensão de MBS promoveu grande mudança na hierarquia da Casa de Saud, principalmente com a ação do príncipe herdeiro de rejuvenescer os ministérios e as missões da Arábia Saudita fora do país. Esse movimento foi um teste para três personagens importantes na política interna e externa saudita: Jamal Khashoggi, Bandar bin Sultan e Turki bin Faisal. Khashoggi era tido como a voz pró-Casa de Saud no Ocidente, tendo em vista a sua posição fiel tanto à monarquia como ao príncipe herdeiro (Frontline PBS, 2019). Como jornalista, foi editor do progressivo jornal saudita Al Watan e, quando demitido, passou a trabalhar como conselheiro de Turki nas embaixadas do país em Londres e Washington (Khashoggi, 2017). Em resumo, Khashoggi sempre teve um ótimo trânsito na Casa de Saud.

Defensor de MBS e de suas reformas econômicas, políticas e sociais, Khashoggi foi favorável a intervenção saudita no Iêmen como forma de conter a influência iraniana no Oriente Médio, algo que, segundo ele, não foi feito quando Hitler expandiu a influência da Alemanha na Europa em 1939 (Frontline PBS, 2019). Crítico da política externa norte-americana com Obama, Khashoggi viu com pessimismo a vitória de Trump, o que lhe custaria caro no futuro (Frontline PBS, 2019; DW Documental, 2020). MBS e Trump tinham ótima relação e as opiniões de um influente jornalista saudita com bom trânsito no Ocidente poderia arruinar os futuros negócios entre Riade e Washington. O resultado disso foi o auto-exílio de Khashoggi em 2017; nos EUA, ele passou a ser colunista do *The Washington Post*, mantendo a fidelidade à Casa de Saud e ao príncipe herdeiro. Khashoggi tinha comportamento ambíguo, pois elogiava as reformas do príncipe herdeiro e ao mesmo tempo criticava a figura MBS. Rapidamente, Khashoggi tornou-se um dissidente aos olhos de Riade.

Por várias vezes o governo saudita entrou em contato com Khashoggi tentando convencê-lo a retornar para a Arábia Saudita, indicando que no país ele teria o direito de exercer livremente a sua profissão (Al-Rasheed, 2020, p. 116; Ottaway, 2021, p. 121; Hope; Scheck, 2023, n.p). No entanto, não houve tempo para isso. Em 2 de outubro de 2018, Khashoggi, que havia viajado até Istambul para fazer os arranjos daquele que seria o seu

quarto casamento, entrou no consulado saudita e nunca mais saiu (Hope; Scheck, 2023, n.p). O governo saudita só confirmou a morte de Khashoggi dezoito dias após o assassinato do jornalista; em setembro de 2020, a justiça saudita condenou oito dos onze julgados pelo assassinato do jornalista (Gubash; Madani; Smith, 2020); no entanto, a sentença foi anulada após os filhos de Khashoggi perdoarem os condenados (Tawfeeq et al., 2020).

Se Khashoggi pode ser considerado um dissidente, a posição do príncipe Bandar é mais complexa. Por anos, Bandar foi a figura da política externa saudita, principalmente pelo seu período como embaixador nos EUA. Após a sua saída da missão em Washington, o Rei Abdullah criou um órgão para Bandar: o Conselho de Segurança Nacional, o qual Bandar chefiou entre 2005 e 2015 (Kingdom of Saudi Arabia, 2023b). Importa mencionar que o Conselho foi extinto com a saída de Bandar, que coincide com a ascensão de Salman e MBS, ou seja, a velha política e a nova política não convergiam. Pela primeira vez desde 1983, o príncipe Bandar ficou alijado do governo e isso poderia despertar o descontentamento de um personagem de perfil inconstante, errático e intempestivo (Knickmeyer; Entous, 2014). No entanto, tudo indica que Bandar não tornou-se um dissidente e sim um aliado de MBS.

As suspeitas de que Bandar colaborava em segredo com o Estado Islâmico ganharam mais solidez em maio de 2015, apenas quatro meses após o seu isolamento político, quando pela primeira vez o Estado Islâmico realizou um atentado terrorista em solo saudita, vitimando dezenas de fiéis em uma mesquita xiita (Cunningham; Murphy, 2015). Seria essa uma resposta do Estado Islâmico para a Arábia Saudita em razão da aposentadoria forçada de Bandar? Em 2017 foi lançado o Livro Branco de Contraterrorismo, um relatório saudita que apresentava os esforços em combater organizações como o Estado Islâmico e a Al-Qaeda, além de explicitar a cooperação saudita com a coalizão anti-terrorista e com programas que combatessem o financiamento do terrorismo (Kingdom of Saudi Arabia, 2017). Meses após a publicação do Livro Branco, MBS substituiu MBN — que tinha problemas com Bandar — e tomou as rédeas das decisões na política saudita. Após tornar-se príncipe herdeiro e gozar de plenos poderes como tomador de decisão, MBS buscou a lealdade de Bandar — evitando a dissidência do experiente príncipe — e isso foi demonstrado em situações que envolveram o próprio Bandar e a sua família (Henderson, 2020).

Aposentado, Bandar passou a ser voz pró-MBS. Em entrevista, o príncipe endossou a posição de Trump ao desacreditar o relatório da Central Intelligence Agency (CIA), que responsabiliza MBS pelo assassinato de Khashoggi; além disso, Bandar mencionou que os sauditas sofrem preconceito da comunidade internacional (Saudi Gazette, 2021). Dois anos antes da entrevista, a filha de Bandar, Reema bint Bandar, tornou-se a primeira mulher a

chefiar uma missão diplomática saudita, ocupando o cargo de embaixadora nos EUA (Alves, 2019); o filho de Bandar, Khalid bin Bandar, tornou-se embaixador em Londres (Henderson, 2020). Para Reema e Khalid ocuparem postos tão importantes no governo de MBS, certamente há uma relação no mínimo respeitosa entre o príncipe herdeiro e Bandar, que mesmo afastado da política, segue sendo uma voz influente em razão de suas credenciais.

Turki, por sua vez, é a antítese de Bandar. Turki é o filho mais novo do Rei Faisal e foi educado no Ocidente, ainda que tenha abandonado os estudos após a Guerra dos Seis Dias; em 1979 tornou-se chefe do GIP, cargo que ele ocupou até a semana anterior aos atentados de 11 de setembro (Wright, 2007, p. 411; Henderson 2010). Nesse período, as principais atividades de Turki foram: financiamento dos *mujahidins*⁴⁴ comandados por Osama bin Laden no Afeganistão; apoio ao Talibã; combate a expansão da influência de Saddam Hussein; cooperação com a CIA (Wright, 2007, 501). Além dos serviços prestados para a Casa de Saud, o que destaca o príncipe Turki são as suas relações com Khashoggi e Bandar, além da sua relação com Bin Laden e Al-Qaeda, bem como com o príncipe herdeiro e primeiro-ministro MBS.

Turki foi bastante responsabilizado pela ascensão de Bin Laden, no entanto, buscava se defender afirmando que teve apenas cinco vezes com o então líder da Al-Qaeda e que a organização teria surgido no Afeganistão e não na Arábia Saudita (CFR, 2006). Enquanto Turki voltava para Riade com destino de assumir funções políticas, Bin Laden e Khashoggi tornavam-se membros da Irmandade Muçulmana, movimento que era clandestino no país; conforme aponta Wright (2007, p. 94), quando jovem, Khashoggi “esperava que a Irmandade Muçulmana criasse um Estado Islâmico em qualquer parte”. Diferente de Turki, Khashoggi, que mais tarde trabalhou com Turki nas embaixadas de Londres e Washington, era amigo pessoal de Bin Laden, tendo inclusive solicitado ao terrorista que abdicasse da violência e retornasse para a Arábia Saudita (Wright, 2007, p. 412-413), movimento que segundo Bradley (2018) contou com a participação de Turki na figura de chefe do GIP.

Já as relações entre Turki e Bandar dividia a realeza. Primos e cunhados, Turki e Bandar divergiam em quase tudo, destacando a posição de ambos em relação ao Irã, visto que para Turki, Washington e Teerã deveriam retomar os canais diplomáticos, já para Bandar, a melhor alternativa era uma conflagração direta com Teerã (Lima, 2022, p. 331-332). Foi Turki quem substituiu Bandar como embaixador nos EUA, contudo, sua agenda não foi atendida por Riade e Washington e ele renunciou dezoito meses após assumir o cargo; em seu lugar entrou Adel Al Jubeir, um influente burocrata não-membro da Casa de Saud que havia

⁴⁴ Guerrilheiros muçulmanos que ficaram conhecidos por combater os soviéticos no Afeganistão (Zeidan, 2023).

trabalhado com Bandar (Hersh, 2007). Turki e Bandar só convergiram na aliança firmada com MBS, e isso está descrito em duas situações:

- a) o filho de Turki, Abdulaziz bin Turki, é ministro dos Esportes;
- b) atualmente, é Turki quem viaja o mundo participando de fóruns e apresentando as posições de Riade em assuntos delicados, como as guerras no Oriente Médio e as transformações na Arábia Saudita (London, 2022; Gardner, 2023).

4.3 POLARIDADE E POLARIZAÇÃO

A ascensão de MBS como príncipe herdeiro ocorreu em um momento de mudança no equilíbrio global de poder, isto é, houve alteração na polaridade do SI ao tempo em que o jovem príncipe tornou-se líder de fato da Arábia Saudita. Para Raymond Aron (2002), são três as possibilidades de equilíbrio internacional: unipolar, bipolar e multipolar. A unipolaridade ocorre quando um único Estado ou uma única coalizão conseguem arbitrar conflitos internacionais; a bipolaridade ocorre quando dois estados ou duas coalizões disputam a liderança global na esfera econômica, política e/ou militar; a multipolaridade ocorre quando três ou mais potências são capazes de escrever regras e então precisam arbitrar conflitos internacionais em consenso (Thudium, 2022). Um exemplo de unipolaridade é o período pós-Guerra Fria, quando a União Soviética colapsou e os EUA assumiram a liderança global; exemplo de bipolaridade é a Guerra Fria propriamente dita.

Para John J. Mearsheimer, em 2017 a polaridade foi alterada. Em palestra, Mearsheimer afirmou que a unipolaridade iniciada em 1989 terminou em 2017, quando China e Rússia tornaram-se capazes de competir com os EUA (Centre for Independent Studies, 2023). Se a polaridade refere-se ao número de potências capazes de escrever regras e arbitrar conflitos internacionais, a polarização diz respeito à configuração de alianças no SI (Buzan; Wæver, 2003, p. 32-33). Em suma, polaridade e polarização são padrões de hierarquia entre as potências do SI (Thudium, 2022). A Arábia Saudita é uma potência média e não detém as capacidades de EUA, China e Rússia, e é por isso que através de PEI e barganha, MBS rompeu com o alinhamento aos EUA, aderindo posição multipolar em um mundo multipolar.

4.3.1 Relações entre Riade e Washington

A parceria entre a Arábia Saudita e os EUA foi firmada na década de 1930 e um exemplo disso foi a fundação da Aramco, oriunda de um conglomerado saudi-americano. Em

1945, a bordo do *USS Quincy*, no Canal de Suez, Ibn Saud e Franklin D. Roosevelt firmaram o pacto de segurança por petróleo, que vigora até hoje (Riedel, 2020). Após esse momento, três situações nas relações entre Riade e Washington tiveram destaque:

- a) na década de 1970, o embargo petrolífero durante a Guerra do Yom Kippur;
- b) na década de 1980, o apoio saudi-americano aos *mujahidins* no Afeganistão;
- c) na década de 1990, a atuação conjunta para conter a ascensão da Al-Qaeda.

Em 2001 Bush tornou-se presidente dos EUA. A família Bush e a Casa de Saud tinham ótimas relações. Para Charles Freeman, ex-embaixador dos EUA em Riade, o exemplo das relações entre os Bushs e os Sauds era o ótimo trânsito do Saudi Binladin Group em Washington, um conglomerado pertencente à família Bin Laden (Unger, 2004, p. 14). No entanto, o 11 de setembro, a cruzada de Bush contra os muçulmanos e as guerras no Oriente Médio, fizeram com que os EUA perdessem a região. Da Guerra ao Terror iniciada pelos Bushs surgiu a Primavera Árabe, que deu origem às guerras na Líbia, na Síria e no Iêmen, países onde o Irã ganhou influência. Para disputar a hegemonia regional com os iranianos e preencher o vácuo de poder deixado pelas guerras norte-americanas, os sauditas precisaram fazer reformas políticas, incluindo o processo de ruptura com os EUA (Beauchamp, 2015).

A política externa de Obama para o Oriente Médio nunca caiu nas graças da Casa de Saud. Obama teve três desafios que interessavam aos sauditas, mas não foi bem sucedido:

- a) a Primavera Árabe;
- b) as guerras na Síria e no Iêmen;
- c) o JCPOA com o Irã.

Para os sauditas, Obama negligenciou a Primavera Árabe ao não proteger aliados como Hosni Mubarak (Oakford; Salisbury, 2016). A Arábia Saudita e os EUA também divergiam sobre como atuar na Síria e no Iêmen, visto que os norte-americanos eram contrários às ofensivas sauditas nos dois países (Toosi, 2016). O acordo nuclear do P5+1 com o Irã também desagradou os sauditas, visto que para os sauditas, o JCPOA conferia aos iranianos o status de um país normal, tornando-se um competidor legitimado pela comunidade internacional (Riedel, 2016). Conforme apontou Turki Aldakhil (2016), ninguém lamentaria o fim do governo Obama; já o príncipe Bandar foi além, pois afirmou que o Oriente Médio retrocedeu 20 anos com a administração Obama, encerrada em 2017.

Durante a campanha presidencial em 2016, Trump recebeu o apoio de MBS e MBZ, que temiam a vitória de Hillary Clinton e a continuidade das políticas de Obama no Oriente Médio (Mazzetti; Bergman; Kirkpatrick, 2018). Em 2017, o vitorioso Trump soube retribuir. Sua primeira viagem presidencial teve como destino Riade, para a reunião de dois dias que

ficou conhecida como “Cimeira de Riade”, tendo reunido os EUA e todos os membros da OCI (Al-Masri; Muhammed, 2017). Durante a Cimeira, um pacote militar de US\$ 110 bilhões foi fechado entre a Arábia Saudita e os EUA, em gesto que sepultou de vez o governo Obama e abriu uma nova era entre Riade e Washington (Rucker; DeYoung, 2017). MBS teve em Trump um fiel aliado em tensões internacionais como a Guerra do Iêmen e o boicote ao Catar; além disso, em 2018 Trump rompeu com o JCPOA, firmado por Obama (Ottaway, 2021).

4.3.2 Relações entre Riade e Pequim

As relações entre a Arábia Saudita e a China são recentes, visto que Riade reconheceu Pequim em 1990, após o encontro do príncipe Bandar e do premiê chinês Li Peng; esse foi o momento em que 44 anos de parceria entre Arábia Saudita e Taiwan se encerraram, pois durante a maior parte do século XX, Riade e Taipei foram grandes parceiras (Cheung, 2021; Tien-pin; Chin, 2019; Hoagl, 1979). Mesmo tendo estabelecido relações formais, Riade e Pequim só estreitaram as relações próximo da virada do século, quando em 1999 o presidente chinês Jiang Zemin tornou-se o primeiro chefe de Estado chinês a visitar Riade, país com quem Zemin firmou um acordo de cooperação estratégica em petróleo. No entanto, o ano de 2006 foi o momento em que os países consolidaram as relações, quando o Rei Abdullah visitou a China e Hu Jintao a Arábia Saudita (Jin, 2016; Kéchichian, 2016).

Com a ascensão de Xi Jinping, que tornou-se presidente da China em 2013, aproximadamente um ano após Salman tornar-se príncipe herdeiro, a China passou a ser o maior parceiro comercial do Mundo Árabe (Alhamawi, 2022a). Ainda em 2013, Xi lançou a *Belt and Road Initiative*, que coincide em modelo e tipo de projeto com o Saudi Vision, lançado por MBS em 2016, ano em que Xi visitou a Arábia Saudita pela primeira vez (Alhamawi, 2022b; Rashad, 2016). Com a ascensão de MBS como príncipe herdeiro, Arábia Saudita e China passaram a ter diálogos para além do comércio. Em 2019, ao ser perguntado sobre as detenções de muçulmanos uigures, MBS afirmou que a China tinha o direito de realizar trabalho anti-terrorismo em prol de sua segurança nacional na região do Xinjiang (Ensor, 2019). Visando aumentar a cooperação política com os chineses, os sauditas tornaram-se parceiros de diálogo da OCX em 2023 e membro efetivo dos BRICS+ em 2024, ambos fóruns onde a China goza de expressiva influência (Frantzman, 2024).

Em dezembro de 2022, quando Xi visitou a Arábia Saudita pela segunda vez, a China ampliou os laços com os árabes através da Cimeira China-Liga Árabe e da Cimeira China-CCG (Jincui; Xiaojing; Han, 2022). Ainda que vários dos acordos assinados entre Xi e

Salman sejam confidenciais, estima-se que os países ampliaram a cooperação na economia — através da disposição saudita em vender petróleo em yuan —, em segurança — com o oferecimento de ajuda chinesa na criação de um programa nuclear civil para os sauditas — e em tecnologia — com a participação chinesa no setor de telecomunicações (Kalin, 2022). A relação sino-saudita seguirá prosperando, pois projetos como a *Belt and Road Initiative* e o Saudi Vision buscam a integração pacífica da Ásia e isto é desejo mútuo de MBS e Xi.

4.3.3 Relações entre Riade e Moscou

Na década de 1920, uma Revolução reconheceu a outra. Durante o processo de unificação da Arábia, a Casa de Saud derrotou a Casa Hachemita, expandindo o seu território do Négede ao Hejaz e foi neste momento que Ibn Saud foi reconhecido como Rei do Hejaz e Sultão do Négede pela União Soviética, que havia sido formada em 30 de dezembro de 1922 (Barmin, 2017; Visentini, 2017a, p. 34). No entanto, a parceria que teve um início promissor, acabou estagnada, principalmente com a ascensão de Josef Stalin, que proibiu os muçulmanos soviéticos de realizar o Hajj⁴⁵; mais tarde, em janeiro de 1938, Stalin ordenou a execução do diplomata Karim Khakimov, o “Lawrence da Arábia soviético”, figura que representou Moscou no reconhecimento formal ao Reino do Négede e do Hejaz em 1926 (Barmin, 2017). As relações entre Riade e Moscou só foram retomadas em 1992, após o fim da União Soviética.

As décadas de 1990 e 2000 passaram em branco nas relações saudis-russas. Os sauditas ainda adotavam uma visão pró-Occidente e quando buscaram outra opção de negócios escolheram os chineses; os russos ainda estavam enfrentando problemas e buscavam a reestruturação interna. Riade e Moscou voltaram a ter contatos expressivos após a Primavera Árabe, principalmente durante a Guerra da Síria, visto que os russos foram a única grande potência a apoiar o governo de Assad, posição antagônica à do CCG (Ioanes, 2023). As relações entre a Arábia Saudita e a Rússia só melhoraram em 2017, após encontro inédito entre o Rei Salman e Putin, ocorrido em Moscou (Isachenkov, 2017). Desde então, MBS e Putin passaram da competição para a cooperação no setor energético — através da parceria entre OPEP e OPEP+ — e político, visto que ambos apoiam o General Khalifa Haftar na conflagração líbia; na Síria, Riade e Moscou passaram a cooperar de forma limitada (Belenkaya, 2020).

⁴⁵ É um dos cinco pilares do islã, sendo a peregrinação de muçulmanos até Meca (Schaer, 2023).

Com a Guerra da Ucrânia, a Rússia viu no CCG uma saída para reposicionar a sua economia. Tão logo iniciou a conflagração na Ucrânia, o conglomerado saudita Kingdom Holding investiu milhões em empresas russas do ramo de energia como a Gazprom, a Rosneft e a Lukoil (Abdallah; Goodman; Lawson, 2022); em seguida, empresas russas participaram de feiras de armas em Riade, ao lado de concorrentes ocidentais como Lockheed Martin, BAE Systems e General Dynamics (Gartside, 2022); no mesmo ano, após as sanções contra a Rússia, os oligarcas ligados à Moscou transferiram o seu capital de Londres para Dubai (Stirling, 2022; Fleming *et al.*, 2023). Com posição neutra na Guerra da Ucrânia, a Arábia Saudita não adota as sanções ocidentais contra a Rússia e, ao mesmo tempo, hospeda conferências que visam mediar a paz entre Kiev e Moscou (Santora; Nereim; Pierson. 2023).

4.4 SAUDI VISION EM PERSPECTIVA GLOBAL

Ainda que o principal objetivo do Saudi Vision seja diversificar a economia saudita através de turismo, indústrias e energia renovável, é a receita do petróleo — através da Aramco e do Public Investment Fund (PIF)⁴⁶ — que financia os empreendimentos de MBS. Em 2019, o príncipe herdeiro conseguiu cumprir uma promessa antiga: listar a Aramco na bolsa de valores. Os 2% disponibilizados aos novos acionistas renderam aproximadamente US\$ 30 bilhões, enquanto outros 4% foram transferidos para o PIF (Al Othman, 2022; Borck, 2023, p. 9-11); em 2023, mais 4% da Aramco foi transferido para a Sanabil, empresa saudita de investimentos pertencente ao PIF (Al Sayegh, 2023). Mesmo existindo transferência de riqueza da Aramco para o PIF, grande parte do poder da Casa de Saud ainda está concentrada nos ganhos com as exportações de petróleo e por isso são expressivas as ações coordenadas de OPEP e OPEP+ para controlar a oferta do produto no mercado.

A multipolaridade permite que MBS direcione os seus interesses com independência e um exemplo claro é a cooperação entre a Arábia Saudita e a Rússia no setor energético, mas também houveram mudanças que dizem respeito ao Saudi Vision e que movimentaram outros atores. Durante as negociações pelo reconhecimento de Israel pela Arábia Saudita, MBS solicitou três coisas ao presidente Biden, que é o mediador:

- a) um tratado de segurança mútua nos moldes da OTAN;
- b) um programa nuclear civil monitorado pelos EUA;

⁴⁶ Um dos maiores fundos soberanos do mundo, o PIF detém participações em empresas como a Boeing, a Disney, a Tesla e a Uber. Além disso, em 2021 o PIF adquiriu 80% do Newcastle United (Whitehead, 2024).

c) o sistema *Terminal High Altitude Area Defense*, conhecido como THAAD, para a proteção contra rivais regionais (Friedman, 2023a).

Com a hesitação dos EUA, a China entrou no negócio e ofereceu aos sauditas uma usina nuclear na fronteira com o Catar e os EAU. Isso atenderia dois desejos de MBS:

a) obter um programa nuclear como resposta ao enriquecimento de urânio no Irã;

b) reduzir a queima de petróleo no país (Said; Hua; Nissenbaum, 2023).

O sucesso da barganha saudita justifica-se pela polaridade e, claro, pelas ações de um governo reformista, que está transformando a sua sociedade e que rompeu com o alinhamento automático de política externa. Ao tempo em que Riade deseja obter a liderança regional através da pacificação, MBS busca um programa nuclear que consolide a soberania nacional. O combinado dessas ações farão da Arábia Saudita uma potência média como hoje são Brasil e Índia, com a vantagem de que os sauditas já são uma potência energética, além de ser um Estado influente para árabes e muçulmanos em razão de ter a custódia de Meca e Medina.

5 CONCLUSÃO

A fase final da Primavera Árabe marcou uma mudança de linhagem no comando da Casa de Saud, pois a ascensão de Salman como comandante do ministério da Defesa foi o início da trajetória do experiente político — que foi governador de Riade entre 1963 e 2011 — como formulador de política interna e externa, tendo em vista que no cargo anterior as suas funções eram limitadas à província designada. Ainda que Salman seja mencionado inicialmente, o destaque principal recai sobre MBS, pois este foi o coordenador dos projetos que conferiram ao pai o apoio da elite saudita. Como ministério da Defesa (2011–2015), príncipe herdeiro (2012–2015) e rei (2015–atualmente), Salman sempre teve o auxílio de seu filho, cujo qual obteve destaque ao ter habilidade suficiente para se equilibrar entre a Casa de Saud, os clérigos wahhabis e a juventude civil saudita. Assim, ao retomar a pergunta e a hipótese de pesquisa, pode-se inferir que a ascensão de Salman e MBS acarretou não só em uma alteração de governo, mas sim em uma mudança de agenda política.

O objetivo de investigar o passado, examinar o presente e prospectar o futuro é um desafio que ambiciona a construção de cenários, visando contribuir para a compreensão do quão determinantes foram Salman e MBS para as transformações promovidas pelo governo, que provém impacto no país, na região e no mundo, principalmente considerando os anseios da Revolução Nacional Saudita e do Saudi Vision, que seguem em andamento. Se a Primavera Árabe motivou a Revolução Nacional Saudita, agora as mudanças promovidas por Riade podem transcender fronteiras e mudar o *status quo* do Oriente Médio, região que pode deixar de ser conflagrada e se transformar em um exemplo de integração regional.

Para que a integração seja consolidada, o Saudi Vision precisa ter êxito interno e externo, pois o sucesso depende da construção de infraestrutura capaz de prover bem-estar social em um Oriente Médio hoje devastado pela Guerra ao Terror e pela Primavera Árabe. O vácuo de poder deixado pelas conflagrações intermináveis na região só poderá ser substituído pela pacificação com diplomacia assertiva e investimentos que possam suplantar o belicismo que impera no Oriente Médio desde a consolidação dos Estados-nações na região. No melhor cenário, a Revolução Nacional Saudita irá produzir efeitos na estabilidade estratégica através do Saudi Vision, visto que se ocorrer integração regional no Oriente Médio o modelo saudita poderá ser exportado para outras regiões. Um exemplo é o caso da América do Sul, onde não há conflagrações entre os Estados. A liderança do Brasil na região é inquestionável, visto que os brasileiros são os únicos capazes de prover infraestrutura e investimentos que conectem o espaço geoestratégico sul-americano.

Ao observar os desdobramentos da Revolução Nacional Saudita e do Saudi Vision, destaca-se a figura de MBS, que tão logo será rei. Diferente de seus tios Saud, Faisal, Khalid, Fahd e Abdullah, além de seu pai Salman, MBS será o primeiro líder saudita a ter uma longa vida de reinado no Terceiro Estado Saudita. Um dos desafios que MBS está enfrentando como tomador de decisão é a busca pela diversificação da economia saudita a partir da redução da dependência do petróleo, que segue sendo vital para as finanças do país. Tal movimento condiz com a realidade atual do mundo, considerando as mudanças climáticas e a saúde financeira da Arábia Saudita, que ao buscar pela obtenção do Centro de Decisão Econômica e se estabelecer como hub financeiro e industrial do Oriente Médio, precisa manter o Saudi Vision efetivo e funcional nas esferas doméstica, regional e global.

Ainda que os sauditas sejam assertivos ao buscarem a pacificação do Oriente Médio, o resultado final vai além dos desejos de Riade. A conflagração iniciada em 7 de outubro de 2023 envolvendo o Hamas e Israel é um exemplo disso, pois semanas antes do conflito, ministros israelenses chegaram a conhecer a Arábia Saudita em gesto que à época foi interpretado como uma sinalização de que Riade poderia formalizar relações com Tel Aviv. O pior cenário para os sauditas é uma guerra regional direta envolvendo iranianos e israelenses, pois uma conflagração neste nível possivelmente teria a participação do Hamas na Palestina, do Hezbollah no Líbano e dos Houthis no Iêmen. Se mantida a instabilidade regional, o Saudi Vision terá dificuldades para decolar, levando em consideração que este é um empreendimento que só terá êxito se houver demanda e associados na região.

Resta saber se no futuro MBS manterá o pragmatismo que lhe é característico, pois o príncipe herdeiro parece compreender bem a polaridade do mundo pós-ocidental. Com a mudança de agenda política após a Primavera Árabe, Riade buscou diminuir a influência de Washington ao romper lentamente com o alinhamento automático estabelecido ainda na década de 1930 e consolidado em 1945 por Ibn Saud. O que evidencia isso é a postura autônoma dos sauditas em sua PEI, tendo em vista a eficaz barganha promovida com chineses e russos, que também são grandes potências capazes de escrever regras como são os norte-americanos. Em perspectiva global, a Arábia Saudita busca ser um agente entre os EUA, a China e a Rússia, agindo de forma autônoma e executando a PEI através de fóruns de governança como os BRICS, o CCG, o G20, a Liga Árabe, a OCI, a OCX e a OPEP.

REFERÊNCIAS

ABDALLAH, N.; GOODMAN, D.; LAWSON, H. Saudi Arabia's Kingdom Holding invests in Russian energy companies. **Reuters**, 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/energy/saudi-arabias-kingdom-holding-invests-russian-energy-companies-2022-08-14/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

ABDOUZZOHOOR, Y. **Heavy lies the crown**: The survival of Arab monarchies, 10 years after the Arab Spring. Brookings, 2021. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/heavy-lies-the-crown-the-survival-of-arab-monarchies-10-years-after-the-arab-spring/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

AITKEN, P. Bret Baier interviews Saudi Prince: Israel peace, 9/11 ties, Iran nuke fears: 'Cannot see another Hiroshima'. **Fox News**, 2023. Disponível em: <https://www.foxnews.com/world/bret-baier-interviews-saudi-prince-israel-peace-ties-iran-nuke-fears-cannot-see-another-hiroshima>. Acesso em: 30 nov. 2023.

AL ARABIYA. مقابلة خاصة مع خالد مشعل رئيس المكتب السياسي لحركة حماس في الخارج. **AlArabiya**, 2023. 1 vídeo (62 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cE6IUOHNGxU>. Acesso em: 20 dez. 2023.

AL ARABIYA ENGLISH. Saudi Crown Prince: The new Europe is the Middle East, even Qatar. **Al Arabiya English**, 2018. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0sE9xCdfuuU>. Acesso em: 08 jan. 2024.

AL JAZEERA STAFF. Twelve years on from the beginning of Syria's war. **Al Jazeera**, 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/3/15/twelve-years-on-from-the-beginning-of-syrias-war>. Acesso em: 19 dez. 2023.

AL OTHMAN, R. Saudi Arabia Moves \$80 Billion Aramco Stake to Wealth Fund. **Bloomberg**, 2022. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-02-13/saudi-arabia-transfers-4-of-aramco-stake-to-state-wealth-fund>. Acesso em: 18 jan. 2024.

AL SAYEGH, H. Saudi Aramco 4% stake transferred to PIF's Sanabil. **Reuters**, 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/energy/saudi-aramco-4-stake-transferred-pifs-sanabil-2023-04-16/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

AL-MASRI, A.; MUHAMMED, M. S. E. US-Islamic summit opens in Saudi Arabia. **Anadolu Ajansı**, 2017. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/americas/us-islamic-summit-opens-in-saudi-arabia/822999>. Acesso em: 08 jan. 2024.

AL-RASHEED, M. **A History of Saudi Arabia**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. 317p.

AL-RASHEED, M. Saudi Arabia: MBS can get closer to China but he still needs US protection. **Middle East Eye**, 2022. Disponível em:

<https://www.middleeasteye.net/opinion/saudi-arabia-us-china-closer-protection-needs>. Acesso em: 28 nov. 2023.

AL-RASHEED, M. **The Son King: Reform and Repression in Saudi Arabia**. London: C. Hurst & Co., 2020. 394p.

ALDAKHIL, T. On Trump-phobia. **Al Arabiya English**, 2016. Disponível em: <https://english.alarabiya.net/views/news/world/2016/11/13/On-Trump-phobia->. Acesso em: 08 jan. 2024.

ALHAMAWI, L. How China became Saudi Arabia's top trading partner, revived ancient Silk Road. **Arab News**, 2022a. Disponível em: <https://www.arabnews.com/node/2213231/business-economy>. Acesso em: 08 jan. 2024.

ALHAMAWI, L. Strength in numbers: Saudi Arabia and China seal 35 deals worth \$30bn during Xi Jinping's visit. **Arab News**, 2022b. Disponível em: <https://www.arabnews.com/node/2213196/business-economy>. Acesso em: 08 jan. 2024.

ALI, R. Red Sea coalition: Why have major Arab nations opted out? **Anadolu Ajansı**, 2023. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/middle-east/red-sea-coalition-why-have-major-arab-nations-opted-out/3088087>. Acesso em: 19 dez. 2023.

ALI-KHAN, V. Yemen's Troubled Presidential Leadership Council. **International Crisis Group**, 2023. Disponível em: <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/gulf-and-arabian-peninsula/yemen/yemens-troubled-presidential-leadership-council>. Acesso em: 19 dez. 2023.

ALKHALISI, Z. Qatar is pulling out of OPEC to focus on gas. **CNN Business**, 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/12/03/business/qatar-opec-withdrawal/index.html>. Acesso em: 27 dez. 2023.

ALSHAMMARI, S. **The Impact of the Customs Union Agreement on GCC Bilateral Trade**. Riyadh: Saudi Arabian Monetary Authority, 2019.

ALSHAWABKEH, L. Hamas: Who are the group's most prominent leaders? **BBC**, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-67103298>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ALVES, V. Saudi Arabia appoints ex-diplomat's daughter and princess as its first female ambassador to the US. **Business Insider**, 2019. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/princess-reema-bint-bandar-is-saudi-arabias-first-female-ambassador-to-us-2019-2>. Acesso em: 08 jan. 2024.

AMORIM, C. Declaração de Teerã, dez anos depois. **CartaCapital**, 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/declaracao-de-teera-dez-anos-depois/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

AMORIM, C. **Teerã, Ramalá e Doha**: memórias da política externa ativa e altiva. 2. ed. São Paulo: Benvirá, 2018. 520p.

ANSARI, A. Saudi veteran intelligence chief calls it quits. **CNN**, 2014. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2014/04/16/world/meast/saudi-prince/index.html>. Acesso em: 08 jan. 2024.

ARDEMAGNI, E. Emirati-backed forces eye Yemen's energy heartland. **Middle East Institute**, 2022. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/emirati-backed-forces-eye-yemens-energy-heartland>. Acesso em: 19 dez. 2023.

ASEAN. Joint Statement of the Summit of the Association of Southeast Asian Nations (ASEAN) and the Gulf Cooperation Council (GCC). **ASEAN**, 2023. Disponível em: <https://asean.org/joint-statement-of-the-summit-of-the-association-of-southeast-asian-nations-asean-and-the-gulf-cooperation-council-gcc/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

ASMAR, A. Qatar's Emir says Gulf nations could play roles in addressing region's challenges ahead of GCC summit. **Anadolu Ajansı**, 2023. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/middle-east/qatar-s-emir-says-gulf-nations-could-play-roles-in-addressing-regions-challenges-ahead-of-gcc-summit/3073484>. Acesso em: 06 dez. 2023.

ASMAR, A.; BASARAN, E. 2nd Israeli minister visits Saudi Arabia in days. **Anadolu Ajansı**, 2023. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/middle-east/2nd-israeli-minister-visits-saudi-arabia-in-days/3005427>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ATTA, I. From Confrontational to Subtle Diplomacy: The Reorientation of Saudi Foreign Policy. **Gulf International Forum**, 2023. Disponível em: <https://gulrif.org/from-confrontational-to-subtle-diplomacy-the-reorientation-of-saudi-foreign-policy/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

BAABOOD, A. Gulf Countries and Arab Transitions: Role Support and Effects. **European Institute of the Mediterranean**, 2014. Disponível em: <https://www.iemed.org/publication/gulf-countries-and-arab-transitions-role-support-and-effects/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

BARAKAT, M. Saudi Arabia becomes Shanghai Cooperation Organization dialogue partner. **Anadolu Ajansı**, 2023. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/asia-pacific/saudi-arabia-becomes-shanghai-cooperation-organization-dialogue-partner/2858304>. Acesso em: 01 dez. 2023.

BARMIN, Y. How Moscow lost Riyadh in 1938. **Al Jazeera**, 2017. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/opinions/2017/10/15/how-moscow-lost-riyadh-in-1938/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

BAZZI, M. Trump and Kushner are claiming credit for solving a conflict they helped inflame. **The Washington Post**, 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/2021/01/07/qatar-saudi-arabia-blockade-kushner-trump-mbs/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BEAUCHAMP, Z. Yes, Bush helped create ISIS — and set up the Middle East for a generation of chaos. **Vox**, 2015. Disponível em: <https://www.vox.com/2015/6/2/8703059/bush-isis-middle-east>. Acesso em: 08 jan. 2024.

BELENKAYA, M. Russia-Saudi Roller Coaster: From a High Five to a Price War. **Carnegie Endowment for International Peace**, 2020. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/2020/07/08/russia-saudi-roller-coaster-from-high-five-to-price-war-pub-81896>. Acesso em: 08 jan. 2024.

BENJAMIN, D.; SIMON, S. Why the U.S. Shouldn't Blindly Follow Saudi Arabia. **The Wall Street Journal**, 2017. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/why-the-u-s-shouldnt-blindly-follow-saudi-arabia-1497044216>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BLACK, I. End of an era as Prince Bandar departs Saudi intelligence post. **The Guardian**, 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/apr/16/prince-bandar-saudi-intelligence-syria>. Acesso em: 08 jan. 2024.

BLAS, J. Angola Quitting OPEC Is More Critical Than It Seems. **Bloomberg**, 2023. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2023-12-21/oil-markets-angola-quitting-opec-is-more-critical-than-it-seems>. Acesso em: 27 dez. 2023.

BORCK, T. **Saudi Arabia: The Kingdom of Oil**. London: RUSI, 2023. 27p.

BORDOFF, J. OPEC+ Cut Shows Saudi Geopolitical Ambitions. **Foreign Policy**, 2023. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2023/04/06/saudi-opec-oil-production-cut-price-geopolitics-biden-china/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

BRADLEY, J. R. Death of a dissident. **The Spectator**, 2018. Disponível em: <https://www.spectator.co.uk/article/death-of-a-dissident/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

BRONNER, E.; SLACKMAN, M. Saudi Troops Enter Bahrain to Help Put Down Unrest. **The New York Times**, 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/03/15/world/middleeast/15bahrain.html>. Acesso em: 07 dez. 2023.

BUCHHOLZ, K. 10 Years After the Arab Spring: Gains for Democracy? **Statista**, 2021. Disponível em: <https://www.statista.com/chart/26038/democracy-index-arab-countries/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

BUZAN, B.; WÆVER, O. **Regions and Powers: The Structure of International Security**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. 564p.

BYMAN, D. The Deadly Legacy of Khobar Towers. **The Wall Street Journal**, 2021. Disponível em:

<https://www.wsj.com/articles/the-deadly-legacy-of-khobar-towers-11623341179>. Acesso em: 20 dez. 2023.

CAMPANELLA, E. Is OPEC Over? **Foreign Policy**, 2020. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2020/11/23/is-pec-over/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. **Dependencia y desarrollo en América Latina**: Ensayo de interpretación sociológica. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1967. 37p.

CARISIO, M. C. D. **A política agrícola comum e seus efeitos sobre o Brasil**. Brasília: FUNAG, 2006.

CFR. A Conversation with Prince Turki al-Faisal. **Council on Foreign Relations**, 2006. Disponível em: <https://www.cfr.org/event/conversation-prince-turki-al-faisal>. Acesso em: 08 jan. 2024.

CENTRE FOR INDEPENDENT STUDIES. Israel-Hamas, Ukraine-Russia and China: John Mearsheimer on why the US is in serious trouble! **Centre for Independent Studies**, 2023. 1 vídeo (37 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=62FCVJycwSA>. Acesso em: 08 jan. 2024.

CEPIK, M. Estrutura e Ação na Sociologia das Revoluções Modernas: Skocpol & Tilly. **Revista Anos 90**, Issue n. 4, [S.l.], p. 153-178, 1995.

CGTN. Full text: Joint statement by China, Saudi Arabia and Iran. **CGTN**, 2023. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2023-03-11/Full-text-Joint-statement-by-China-Saudi-Arabia-and-Iran-1i4OS18bzos/index.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

CHEUNG, H. Taiwan in Time: The last great friend. **Taipei Times**, 2021. Disponível em: <https://www.taipeitimes.com/News/feat/archives/2021/07/04/2003760252>. Acesso em: 08 jan. 2024.

CHIAPPA, C. 6 new countries to join BRICS, including Iran and Saudi Arabia. **Politico**, 2023. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/brics-summit-south-africa-six-new-countries-join-alliance/>. Acesso em: 01 dez. 2023.

CHIVVIS, C. S.; MILLER, A. D.; GEAGHAN-BREINER, B. Saudi Arabia in the Emerging World Order. **Carnegie Endowment for International Peace**, 2023. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/2023/11/06/saudi-arabia-in-emerging-world-order-pub-9081>. Acesso em: 01 dez. 2023.

CLEMONS, S. 'Thank God for the Saudis': ISIS, Iraq, and the Lessons of Blowback. **The Atlantic**, 2014. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2014/06/isis-saudi-arabia-iraq-syria-bandar/373181/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

COCKBURN, P. Iraq crisis: How Saudi Arabia helped Isis take over the north of the country. **The Independent**, 2014. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/voices/comment/iraq-crisis-how-saudi-arabia-helped-isis-take-over-the-north-of-the-country-9602312.html>. Acesso em: 08 jan. 2024.

COHEN, A. OPEC Is Dead, Long Live OPEC+. **Forbes**, 2018. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/arielcohen/2018/06/29/opec-is-dead-long-live-opec/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

COHEN, S. Reabilitado na Liga Árabe, Bashar al-Assad mostrou que está de volta. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2023/05/23/reabilitado-na-liga-arabe-bashar-al-assad-mostrou-que-esta-de-volta.ghtml>. Acesso em: 19 dez. 2023.

COLGAN, J. D. How OPEC Lost Its Bite. **Foreign Affairs**, 2015. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/persian-gulf/2015-12-03/how-opec-lost-its-bite>. Acesso em: 27 dez. 2023.

COOK, S. A. Major Power Rivalry in the Middle East. **Council on Foreign Relations**. Discussion Paper Series on Managing Global Disorder, New York, n. 2, p. 1-35, mar. 2021.

CUNNINGHAM, E.; MURPHY, B. Islamic State claims responsibility for Shiite mosque blast in Saudi Arabia. **The Washington Post**, 2015. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/middle_east/reports-suicide-bomber-strikes-shiite-mosque-in-saudi-arabia/2015/05/22/467ba936-006d-11e5-833c-a2de05b6b2a4_story.html. Acesso em: 08 jan. 2024.

DANTAS, S. T. **Política Externa Independente**. Brasília: FUNAG, 2011. 370p.

DEL MIÑO, P. G.; MARTÍNEZ, D. H. La estrategia de Arabia Saudí en el Consejo de Cooperación del Golfo. Espacios de cooperación y conflicto. **Estudios de Asia y África**, [S.l.], v. 56, n. 1 (174), p. 5-36, 2020.

DETTMER, J. US, Western Diplomats See Political Motive Behind OPEC Oil Cut. **Voice of America**, 2018. Disponível em: <https://www.voanews.com/a/us-western-diplomats-see-political-motive-behind-opec-oil-cut/4692806.html>. Acesso em: 27 dez. 2023.

DICKINSON, E. Mohammed bin Salman Will Rule Saudi Arabia for Another 50 Years. **Foreign Policy**, 2017. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2017/06/21/mohammed-bin-salman-will-rule-saudi-arabia-for-another-50-years/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

DORSEY, J. M. Wahhabism vs. Wahhabism: Qatar Challenges Saudi Arabia. **RSIS Working Paper**, Singapore, n. 262, p. 1-25, 2013.

DUHEAUME, T. The Khobar Towers bombing of 1996; Shape of things to come? **Al Arabiya News**, 2018. Disponível em: <https://english.alarabiya.net/features/2018/06/12/The-Khobar-Towers-Apartment-Complex-Bombing-of-1996-Shape-of-things-to-come->. Acesso em: 20 dez. 2023.

DW DOCUMENTAL. El asesinato de Jamal Khashoggi. **DW Documental**, 2020. 1 vídeo (42 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Dn_sJJ8pip0. Acesso em: 28 dez. 2023.

EGAN, M. Saudi Arabia extends oil production cut even as US gas prices hit nine-month highs. **CNN Business**, 2023. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2023/08/03/energy/oil-production-cut-saudi-arabia/index.html>. Acesso em: 27 dez. 2023.

EMMONS, A. Saudi Arabia planned to invade Qatar last summer. Rex Tillerson's efforts to stop it may have cost him his job. **The Intercept**, 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/08/01/rex-tillerson-qatar-saudi-uae/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

ENSOR, J. Saudi crown prince defends China's right to put Uighur Muslims in concentration camps. **The Telegraph**, 2019. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/2019/02/22/saudi-crown-prince-defends-chinas-right-put-uighur-muslims-concentration/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

FANTAPPIE, M.; NASR, V. A New Order in the Middle East? **Foreign Affairs**, 2023. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/china/iran-saudi-arabia-middle-east-relations>. Acesso em: 20 dez. 2023.

FATTAH, Z. Ex-Saudi Spy Chief Says Palestinian Issue Key on Any Israel Deal. **Bloomberg**, 2023. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2023-12-08/ex-saudi-spy-chief-calls-palestine-priority-for-any-israel-deal>. Acesso em: 08 jan. 2024.

FAWCETT, L. Regional Institutions. In: WILLIAMS, P. D. (org.). **Security Studies: an introduction**. London: Routledge, 2008, p. 307-324.

FEIERSTEIN, G. M. For Saudi Arabia, the OPEC+ decision is a declaration of independence. **Middle East Institute**, 2022. Disponível em: <https://www.mei.edu/blog/special-briefing-policy-and-geopolitical-implications-opec-oil-production-cuts#feierstein>. Acesso em: 27 dez. 2023.

FEIERSTEIN, G. M.; GUZANSKY, Y. The Arab Peace Initiative returns. Will it supplant the Abraham Accords? **Middle East Institute**, 2022. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/arab-peace-initiative-returns-will-it-supplant-abraham-accords>. Acesso em: 20 dez. 2023.

FERNÁNDEZ, H. A. The Multiple Crises in the Middle East. **European Institute of the Mediterranean**, 2015. Disponível em: <https://www.iemed.org/publication/the-multiple-crises-in-the-middle-east/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

FILKINS, D. A Saudi prince's quest to remake the Middle East. **The New Yorker**, 2018. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2018/04/09/a-saudi-princes-quest-to-remake-the-middle-east>. Acesso em: 18 dez. 2023.

FLEMING, S.; FOY, H.; SCHWARTZ, F.; POLITI, J.; KERR, S. West presses UAE to clamp down on suspected Russia sanctions busting. **Financial Times**, 2023. Disponível em: <https://www.ft.com/content/fca1878e-9198-4500-b888-24b17043c507>. Acesso em: 08 jan. 2024.

FORTUNE. Global 500 2023. **Fortune**, 2023. Disponível em: <https://fortune.com/ranking/global500/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

FOX NEWS. 'GOOD NEGOTIATIONS': Saudi crown prince says 'every day' is a day closer to peace with Israel. **Fox News**, 2023. 1 vídeo (32 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y_u8ghPr3HE. Acesso em: 20 dez. 2023.

FRANTZMAN, S. J. Iran, Saudi Arabia, UAE, Egypt, and Ethiopia join BRICS, doubling membership. **The Jerusalem Post**, 2024. Disponível em: <https://www.jpost.com/international/article-780601>. Acesso em: 08 jan. 2024.

FRANTZMAN, S. J. New diplomatic era in Middle East in wake of Iran-Saudi rapprochement. **The Jerusalem Post**, 2023. Disponível em: <https://www.jpost.com/middle-east/article-734017>. Acesso em: 20 dez. 2023.

FREEDMAN, L. Hamas attacks Israel. **Substack**, 2023. Disponível em: <https://samf.substack.com/p/hamas-attacks-israel>. Acesso em: 20 dez. 2023.

FRIEDMAN, T. L. Biden Is Weighing a Big Middle East Deal. **The New York Times**, 2023a. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/07/27/opinion/israel-saudi-arabia-biden.html>. Acesso em: 18 jan. 2024.

FRIEDMAN, T. L. Israel Has Never Needed to Be Smarter Than in This Moment. **The New York Times**, 2023b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/10/10/opinion/israel-hamas-.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

FRIEDMAN, T. L. Saudi Arabia's Arab Spring, at Last. **The New York Times**, 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/11/23/opinion/saudi-prince-mbs-arab-spring.html>. Acesso em: 08 jan. 2024.

FRONTLINE PBS. The Crown Prince of Saudi Arabia. **Frontline PBS**, 2019. 1 vídeo (114 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5IBa88VkM6g>. Acesso em: 01 dez. 2023.

FURTADO, Celso. **A pré-revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

FÜRTIG, H. Iran and Saudi Arabia: Eternal "Gamecocks?". **Middle East Institute**, 2009. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/iran-and-saudi-arabia-eternal-gamecocks>. Acesso em: 20 dez. 2023.

FUSER, I. **O petróleo e o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico (1945-2003)**. 329 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais Santiago Dantas, (UNESP/UNICAMP/PUC-SP),

São Paulo, 2005. Disponível em:

https://editoraunesp.com.br/catalogo/9788571398191_petroleo-e-poder. Acesso em: 08 jan. 2024.

GALZO, W. Conheça a agência espacial dos Emirados Árabes, que compete com a Nasa em Marte. **CNN Brasil**, 2021. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/conheca-a-agencia-espacial-dos-emirados-arabes-que-compete-com-a-nasa/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

GAMBRELL, J. Saudi Arabia praises ‘positive results’ after Yemen’s Houthi rebels visit kingdom for peace talks. **AP News**, 2023. Disponível em:

<https://apnews.com/article/saudi-arabia-yemen-war-peace-talks-d2a9ad9efe1ab0b4f5d51597098f46a2>. Acesso em: 19 dez. 2023.

GARDNER, F. Saudi prince slams Hamas, Israel and the West. **BBC News**, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-67177684>. Acesso em: 08 jan. 2024.

GARTSIDE, B. Sanctioned Russian defence companies attend major arms fair in Riyadh. **The Telegraph**, 2022. Disponível em:

<https://www.telegraph.co.uk/business/2022/03/07/sanctioned-russian-defence-companies-attend-major-arms-fair/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

GAUSE III, F. G. Is Saudi Arabia really counter-revolutionary? **Foreign Policy**, 2011.

Disponível em:

<https://foreignpolicy.com/2011/08/09/is-saudi-arabia-really-counter-revolutionary/>. Acesso em: 07 dez. 2023.

GAUSE III, F. G. The Kingdom and the Power. **Foreign Affairs**, 2022. Disponível em:

<https://www.foreignaffairs.com/united-states/gregory-gause-kingdom-and-power-us-saudi-relationship>. Acesso em: 27 dez. 2023.

GAUSE III, F. G. What the War in Gaza Means for Saudi Arabia. **Foreign Affairs**, 2023.

Disponível em:

<https://www.foreignaffairs.com/middle-east/what-war-gaza-israel-means-saudi-arabia>. Acesso em: 30 nov. 2023.

GCC. Practical procedures for the establishment of the GCC Customs Union. **Cooperation Council for the Arab States of the Gulf**, 2023. Disponível em:

<https://www.gcc-sg.org/en-us/CooperationAndAchievements/Achievements/EconomicCooperation/TheCustomsUnion/Pages/Practicalproceduresfortheestab.aspx>. Acesso em: 18 dez. 2023.

GCC. The Charter. **Cooperation Council for the Arab States of the Gulf**, 1981. Disponível em:

<https://www.gcc-sg.org/en-us/AboutGCC/Pages/Primarylaw.aspx>. Acesso em: 18 dez. 2023.

GCC. The GCC Customs Union. **Cooperation Council for the Arab States of the Gulf**, 1981. Disponível em:

<https://www.gcc-sg.org/en-us/CooperationAndAchievements/Achievements/EconomicCooper>

[ation/TheCustomsUnion/Achievements/Pages/IITheGCCCustomsUnionJanuary200.aspx](#). Acesso em: 18 dez. 2023.

GCC41. The Al-Ula Declaration. **GCC Summit 41 Press Center**, 2021. Disponível em: <https://gcc41.org/press-releases/the-al-ula-declaration>. Acesso em: 18 dez. 2023.

GERGES, F. A. Introduction: A Rupture. In: _____. (org.). **The New Middle East: Protest and Revolution in the Arab World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 1-38.

GOLDBERG, J. Saudi Crown Prince: Iran's Supreme Leader 'Makes Hitler Look Good'. **The Atlantic**, 2018. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2018/04/mohammed-bin-salman-iran-israel/557036/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

GRAMER, R.; RATHI, A.; LU, C. OPEC to Cut Oil Production, Dealing a Blow to Biden. **Foreign Policy**, 2022. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2022/10/05/opec-cuts-oil-production-russia-war-biden/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

GUBASH, C.; MADANI, D.; SMITH, S. Saudi court issues final verdicts for 8 people in death of journalist Jamal Khashoggi. **NBC News**, 2020. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/world/saudi-arabian-court-issues-final-verdict-8-people-death-journalist-n1239468>. Acesso em: 28 dez. 2023.

HAAS, E. **The Uniting of Europe: Political, Social, and Economic Forces, 1950-1957**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1958.

HAHN, Maria da Graça. **Tribunal Sul-Americano: Uma Concepção Cibernética de Integração**. 286 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/11398>. Acesso em: 08 jan. 2024.

HAQ, F. Statement attributable to the Spokesperson for the Secretary-General - on the al Ula Declaration announced at the 41st GCC Summit. **United Nations Secretary-General**, 2021. Disponível em: <https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2021-01-05/statement-attributable-the-spokesperson-for-the-secretary-general-the-al-ula-declaration-announced-the-41st-gcc-summit>. Acesso em: 30 nov. 2023.

HARB, K. I. Why the United Arab Emirates Is Abandoning Saudi Arabia in Yemen. **Foreign Policy**, 2019. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/08/01/why-the-united-arab-emirates-is-abandoning-saudi-arabia-in-yemen/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

HARRIS, G. Tillerson Tries Shuttle Diplomacy in Qatar Dispute. **The New York Times**, 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/07/11/world/middleeast/tillerson-qatar-mideast.html>. Acesso em: 18 dez. 2023.

HASHEMITE KINGDOM OF JORDAN. The Library of King Hussein. Treaty of Peace Between The Hashemite Kingdom of Jordan And The State of Israel. **Hashemite Kingdom of Jordan**, 1994. Disponível em: <http://www.kinghussein.gov.jo/peacetreaty.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.

HAWES, C. Saudi Arabia's succession starts to take focus. **Foreign Policy**, 2012. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2012/11/09/saudi-arabias-succession-starts-to-take-focus/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

HEARST, D. Yemen president says UAE acting like occupiers. **Middle East Eye**, 2017. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/news/exclusive-yemen-president-says-uae-acting-occupiers>. Acesso em: 06 dez. 2023.

HELLER, S. The Upsides of Syrian Normalization. **Foreign Affairs**, 2023. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/syria/upsides-syrian-normalization-assad>. Acesso em: 19 dez. 2023.

HENAO, L. A. Qatar offers World Cup visitors an introduction to Islam. **AP News**, 2022. Disponível em: <https://apnews.com/article/religion-qatar-islam-doha-1fd7e9e6ac1b6f6bdcfa0b21ca271ab4>. Acesso em: 18 dez. 2023.

HENDERSON, S. Foreign Policy: A Prince's Mysterious Disappearance. **NPR**, 2010. Disponível em: <https://www.npr.org/2010/10/22/130747807/foreign-policy-a-princes-mysterious-disappearance>. Acesso em: 08 jan. 2024.

HENDERSON, S. Making Sense of the Saudi Rumors: A Guide to Royal Family Politics. **The Washington Institute for Near East Policy**, 2020. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/making-sense-saudi-rumors-guide-royal-family-politics>. Acesso em: 08 jan. 2024.

HENDERSON, S. Meet the Next Generation of Saudi Rulers. **The Washington Institute for Near East Policy**, 2017. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/meet-next-generation-saudi-rulers>. Acesso em: 20 dez. 2023

HENDERSON, S. Saudi Arabia's Domestic and Foreign Intelligence Challenges. **The Washington Institute for Near East Policy**, 2014. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/saudi-arabias-domestic-and-foreign-intelligence-challenges>. Acesso em: 08 jan. 2024..

HENDERSON, S. Saudi Defense Shake-Up Changes Minister and Ministry. **The Washington Institute for Near East Policy**, 2011. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/saudi-defense-shake-changes-minister-and-ministry>. Acesso em: 07 dez. 2023.

HENDERSON, S. Who Will Be the Next King of Saudi Arabia? **The Washington Institute for Near East Policy**, 2013. Disponível em:

<https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/who-will-be-next-king-saudi-arabia>. Acesso em: 08 dez. 2023.

HERSH, S. M. The Redirection. **New Yorker**, 2007. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2007/03/05/the-redirection>. Acesso em: 08 jan. 2024.

HERZ, D. Bases de um Programa para a Democratização da Comunicação no Brasil. V **Plenária do Fórum**, Salvador, Bahia, 1994.

HINDUSTAN TIMES. 'Do What India Did': Saudi Prince Rips Hamas & Israel; Opposes 'Armed Resistance' In Palestine. **Hindustan Times**, 2023. 1 vídeo (7 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WCTla5lupzc>. Acesso em: 20 dez. 2023.

HISTORY OF SAUDI ARABIA. In: **WIKIPEDIA**: the free encyclopedia, 2023. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_Saudi_Arabia. Acesso em: 08 jan. 2024.

HOAGL, J. Taiwanese Hired By North Yemen To Fly U.S. Jets. **The Washington Post**, 1979. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1979/05/28/taiwanese-hired-by-north-yemen-to-fly-us-jets/fe051ed4-6c63-4021-93b1-1135dd3b0985/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

HOLMES, A. A. The military intervention that the world forgot. **Al Jazeera America**, 2014. Disponível em: <http://america.aljazeera.com/opinions/2014/3/bahrain-uprisinginterventionsaudiarabiaemirates.html>. Acesso em: 07 dez. 2023.

HOPE, B. The Saudi-Israeli Deal Is Likely Off. MBS May Have Gotten What He Wants Anyway. **Vanity Fair**, 2023. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/news/2023/10/saudi-israeli-deal-likely-off-mbs>. Acesso em: 20 dez. 2023.

HOPE, B.; SCHECK, J. **Sangre y Petróleo**: La implacable lucha de Mohamed bin Salmán por el poder mundial. Barcelona: Ediciones Península, 2023. n.p.

HORVATH, M. America's adversaries are the real winners if the US halts security cooperation with Saudi Arabia. **Middle East Institute**, 2022. Disponível em: <https://www.mei.edu/blog/special-briefing-policy-and-geopolitical-implications-opec-oil-production-cuts#horvath>. Acesso em: 27 dez. 2023.

HOURANI, A. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 701p.

HOYOS, C. The evolution of the Seven Sisters. **Financial Times**, 2007. Disponível em: <https://www.ft.com/content/2103f4da-cd8e-11db-839d-000b5df10621>. Acesso em: 27 dez. 2023.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Creating Enemies of the State Religious Persecution in Uzbekistan**. New York: Human Rights Watch, 2004. 303p.

IOANES, E. Why Arab Countries Are Welcoming Back Assad. **Foreign Policy**, 2023. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2023/06/14/why-arab-countries-are-welcoming-back-assad/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

IRNA. Iran, Saudi Arabia agree to resume ties. **IRNA**, 2023. Disponível em: <https://en.irna.ir/news/85052808/Iran-Saudi-Arabia-agree-to-resume-ties>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ISACHENKOV, V. Saudi king arrives in Moscow on historic 1st visit to Russia. **AP News**, 2017. Disponível em: <https://apnews.com/general-news-9a1e83be77a248989f2bf90c9c2dec6a>. Acesso em: 08 jan. 2024.

JACOBS, J. Bannon Backs Isolation of Qatar, Comparing Threat to North Korea. **Bloomberg**, 2017. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-10-23/bannon-backs-isolation-of-qatar-comparing-threat-to-north-korea>. Acesso em: 18 dez. 2023.

JAFFE, A. M.; MORSE, E. By Amy Myers Jaffe and Ed Morse. **Foreign Policy**, 2013. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2013/10/16/the-end-of-opec/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

JARZABEK, J. All the Money Can Buy. The Saudi Arabian Armed Forces. *In*: OZAROWSKI, R.; GRABOWSKI, W. (org.). **Political Dilemmas of the Arab and Muslim World**. Warsaw: Rambler Press, 2017. p. 159-175.

JIN, W. China and Saudi Arabia: A New Alliance? **The Diplomat**, 2016. Disponível em: <https://thediplomat.com/2016/09/china-and-saudi-arabia-a-new-alliance/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

JINCUI, Y.; XIAOJING, X.; HAN, Z. Historic summits chart course for China-Arab, GCC ties. **Global Times**, 2022. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202212/1281544.shtml>. Acesso em: 08 jan. 2024.

JOBAIN, N.; MAGDY, S. Israel-Hamas war's staggering toll reaches a grim milestone: 20,000 dead. **AP News**, 2023. Disponível em: <https://apnews.com/article/israel-hamas-war-news-12-22-2023-7453c6f92d74eb1e12e506489031b91b>. Acesso em: 20 dez. 2023.

KALIN, S. China's Xi Jinping Meets Saudi Crown Prince in Pivotal Visit. **The Wall Street Journal**, 2022. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/chinas-xi-jinping-to-meet-saudi-crown-prince-in-pivotal-visit-1670480051>. Acesso em: 08 jan. 2024.

KARADSHEH, J.; TAWFEEQ, M. Turkey's Erdogan visits Saudi Arabia for first time in years, seeking to mend ties. **CNN**, 2022. Disponível em:

<https://edition.cnn.com/2022/04/28/middleeast/turkey-erdogan-saudi-arabia-visit-intl/index.html>. Acesso em: 19 dez. 2023.

KATULIS, B. For Washington, the OPEC+ decision further complicates the regional map. **Middle East Institute**, 2022. Disponível em: <https://www.mei.edu/blog/special-briefing-policy-and-geopolitical-implications-opec-oil-production-cuts#katulis>. Acesso em: 27 dez. 2023.

KÉCHICHIAN, J. A. Saudi Arabia and China: The Security Dimension. **Middle East Institute**, 2016. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/saudi-arabia-and-china-security-dimension>. Acesso em: 08 jan. 2024.

KHAN, A. J. Saudi Arabia officially adds Red Sea islands of Tiran and Sanafir to its map. **Middle East Eye**, 2023. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/news/saudi-adds-tiran-sanafir-new-map-red-sea-islands>. Acesso em: 20 dez. 2023.

KHAN, M. G. A. GCC To Discuss ‘Peninsula Shield’ Expansion. **Arab News**, 2006. Disponível em: <https://www.arabnews.com/node/285676>. Acesso em: 07 dez. 2023.

KHASHOGGI, J. Saudi Arabia wasn’t always this repressive. Now it’s unbearable. **The Washington Post**, 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/global-opinions/wp/2017/09/18/saudi-arabia-wasnt-always-this-repressive-now-its-unbearable/>. Acesso em: 28 dez. 2023.

KINGDOM OF SAUDI ARABIA. Aramco. Our history. **Kingdom of Saudi Arabia**, 2023a. Disponível em: <https://www.aramco.com/en/about-us/our-history>. Acesso em: 27 dez. 2023.

KINGDOM OF SAUDI ARABIA. Neom. About us: A vision of what a new future might look like. **Kingdom of Saudi Arabia**, 2024. Disponível em: <https://www.neom.com/en-us/about>. Acesso em: 08 jan. 2024.

KINGDOM OF SAUDI ARABIA. Saudi Embassy. His Royal Highness Prince Bandar bin Sultan. **Kingdom of Saudi Arabia**, 2023b. Disponível em: <https://www.saudiembassy.net/his-royal-highness-prince-bandar-bin-sultan>. Acesso em: 08 jan. 2024.

KINGDOM OF SAUDI ARABIA. Saudi Embassy. White Paper: Saudi Arabia and Counterterrorism. **Kingdom of Saudi Arabia**, 2017. Disponível em: <https://www.saudiembassy.net/reports/white-paper-saudi-arabia-and-counterterrorism>. Acesso em: 08 jan. 2024.

KINGDOM OF SAUDI ARABIA. Roshn. About Us. **Kingdom of Saudi Arabia**, 2022. Disponível em: <https://www.roshn.sa/en/about-us>. Acesso em: 08 jan. 2024.

KIRKPATRICK, D. D. Saudi Arabia Releases Senior Prince Arrested in Anti-Corruption Purge. **The New York Times**, 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/11/28/world/middleeast/saudi-prince-released.html>. Acesso em: 08 dez. 2023.

KISSINGER, H. **Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 427p.

KNICKMEYER, E.; ENTOUS, A. Saudi Arabia Replaces Key Official in Effort to Arm Syria Rebels. **The Wall Street Journal**, 2014. Disponível em:

<http://online.wsj.com/article/SB10001424052702303775504579392942097203608.html>.

Acesso em: 08 jan. 2024.

KOELBL, S.; SHAFY, S.; ZAND, B. The Cold War of Islam. **SPIEGEL International**, 2016. Disponível em:

<https://www.spiegel.de/international/world/saudia-arabia-iran-and-the-new-middle-eastern-cold-war-a-1090725.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

LAWLER, A.; LEWIS, B. Angola to quit OPEC, reducing membership to 12 countries.

Reuters, 2023. Disponível em:

<https://www.reuters.com/business/energy/angola-quit-opec-reducing-membership-12-countries-2023-12-21/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

LEONNING, C. D. Iran Held Liable In Khobar Attack. **The Washington Post**, 2006.

Disponível em:

<https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/12/22/AR2006122200455.html>

. Acesso em: 20 dez. 2023.

LIMA, J. A. G. G. V. **Arábia Saudita, Irã e as transformações do Complexo Regional de Segurança do Oriente Médio (2003-2020)**. 471 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-29082022-164518/pt-br.php>.

Acesso em: 08 jan. 2024.

LIPPMAN, T. W. Saudi Intel Chief Prince Bandar Is Out, But Is He Really Out? **Middle East Institute**, 2014. Disponível em:

<https://www.mei.edu/publications/saudi-intel-chief-prince-bandar-out-he-really-out>. Acesso em: 08 jan. 2024.

LONDON, D. Crown Prince Mohammed bin Salman's people. **Middle East Institute**, 2022.

Disponível em:

<https://www.mei.edu/publications/crown-prince-mohammed-bin-salmans-people>. Acesso em:

08 jan. 2024.

MacDONALD, H.; BACKER, N.; MULLER, G.; LOPRESTI, L. How Saudi Arabia's Crown Prince Mohammed bin Salman rose to power — and why it matters. **ABC News**, 2023.

Disponível em:

<https://www.abc.net.au/news/2023-02-09/who-is-mohammed-bin-salmans-mbs-saudi-arabia/101901392>. Acesso em: 29 nov. 2023.

MacFARQUHAR, N. Defense Minister New Heir to Throne in Saudi Arabia. **The New York Times**, 2012. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2012/06/19/world/middleeast/saudi-arabia-appoints-prince-salman-as-crown-prince.html>. Acesso em: 08 dez. 2023.

MACKEY, S. **Os Iranianos**: Pérsia, islã e a alma de uma nação. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008. 396p.

MAGHREB. *In*: **WIKIPEDIA**: the free encyclopedia, 2023. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Maghreb>. Acesso em: 04 dez. 2023.

MAGID, J. Saudi crown prince indicates Israel normalization can resume after war – White House. **The Times of Israel**, 2023. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/saudi-crown-prince-indicates-israel-normalization-can-resume-after-war-white-house/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

MALAS, N.; ABI-HABIB, M.; KARRAR, T. U.A.E. Quits Gulf Monetary Union. **The Wall Street Journal**, 2009. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/SB124285038025540481>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MAZZETTI, M.; BERGMAN, R.; KIRKPATRICK, D. D. Trump Jr. and Other Aides Met With Gulf Emissary Offering Help to Win Election. **The New York Times**, 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/05/19/us/politics/trump-jr-saudi-uae-nader-prince-zamel.html>. Acesso em: 08 jan. 2024.

McDOWALL, A. Saudi Prince Salman named defence minister. **Reuters**, 2011. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-saudi-appointment/saudi-prince-salman-named-defence-minister-idUSTRE7A41MS20111105/>. Acesso em: 07 dez. 2023.

MEHDI, S. Z.; From hostility to rapprochement: Timeline of Iran-Saudi Arabia ties. **Anadolu Ajansı**, 2023. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/middle-east/from-hostility-to-rapprochement-timeline-of-iran-saudi-arabia-ties/2865440>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MERZABAN, D. UAE withdraws, weakens Gulf monetary union plan. **Reuters**, 2009. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/emirates-fxunion/update-4-uae-withdraws-weakens-gulf-monetary-union-plan-idUSLK36462220090520/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MOHAMMAD, T. How Sudan Became a Saudi-UAE Proxy War. **Foreign Policy**, 2023. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2023/07/12/sudan-conflict-saudi-arabia-uae-gulf-burhan-hemeti-rsf/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MOHAMMED BIN SALMAN. *In*: **WIKIPEDIA**: the free encyclopedia, 2024. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Economist_Democracy_Index. Acesso em: 08 jan. 2024.

MOURA, G. **Relações exteriores do Brasil (1939-1915):** mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: FUNAG, 2012. 277p.

NAKAMURA, J. O que é a Opep+ e qual o impacto que pode exercer no mercado de petróleo. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/o-que-e-a-opep-e-qual-o-impacto-que-pode-exercer-no-mercado-de-petroleo/>. Acesso em: 01 dez. 2023.

NEDOPIIL, C. Countries of the Belt and Road Initiative (BRI). **Green Finance & Development Center**, 2023. Disponível em: <https://greenfdc.org/countries-of-the-belt-and-road-initiative-bri/?cookie-state-change=1701807290456>. Acesso em: 01 dez. 2023.

NEREIM, V. From ‘Hitler’ to ‘Sharing One Fate’: Saudi-Iran Pact Could Transform the Middle East. **The New York Times**, 2023a. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/03/12/world/middleeast/saudi-iran-china.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

NEREIM, V. Saudi Arabia and Iran Agree to Restore Ties, in Talks Hosted by China. **The New York Times**, 2023b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/03/10/world/middleeast/saudi-arabia-iran-reestablish-ties.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

NOZAKI, W.; LEÃO, R. Uma pequena história da corrupção e do petróleo. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/uma-pequena-historia-da-corrupcao-e-do-petroleo/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

OAKFORD, S.; SALISBURY, P. Yemen: The Graveyard of the Obama Doctrine. **The Atlantic**, 2016. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2016/09/yemen-saudi-arabia-obama-riyadh/501365/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

OAPEC. History. **Organization of Arab Petroleum Exporting Countries**, 2018. Disponível em: <https://www.oapecorg.org/Home/About-Us/History>. Acesso em: 27 dez. 2023.

OLIVEIRA, J. P. F. Soberania em Perspectiva Comparada: O Conselho de Cooperação do Golfo em 1981 e Pós-Primavera Árabe. **Revista Geonorte**, Edição Especial 3, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 849-865, 2013.

ONLEY, J. **Britain and the Gulf Shaikhdoms, 1820–1971:** The Politics of Protection. Doha: Georgetown University, 2009.

OPEC. OPEC makes history in Vienna. **Organization of the Petroleum Exporting Countries**, 2016. Disponível em: https://www.opec.org/opec_web/en/press_room/4052.htm. Acesso em: 27 dez. 2023.

OTTAWAY, D. GCC Blockade on Qatar Lifted: Trump’s Last Mideast Diplomatic Victory, Thanks (Partly) to President-Elect Biden. **Wilson Center**, 2021. Disponível em:

<https://www.wilsoncenter.org/article/gcc-blockade-qatar-lifted-trumps-last-mideast-diplomatic-victory-thanks-partly-president>. Acesso em: 08 jan. 2024.

OTTAWAY, D. B. **Mohammed bin Salman**: The Icarus of Saudi Arabia? London: Lynne Rienner, 2021. 231p.

OTTAWAY, D. B. The Struggle for Power in Saudi Arabia. **Foreign Policy**, 2013. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2013/06/19/the-struggle-for-power-in-saudi-arabia/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

PARIS, C.; SAID, S. Qatar Restrictions Confuse Oil, Gas Traders. **The Wall Street Journal**, 2017. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/qatar-restrictions-confuse-oil-gas-traders-1497022654>. Acesso em: 18 dez. 2023.

PARTRICK, N. Saudi Arabia's Yemen Gambit. **Carnegie Endowment for International Peace**, 2015. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/sada/61475>. Acesso em: 30 nov. 2023.

PERES, S.; NAOR, A. **O Novo Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. 264p.

PERSIAN GULF. In: **WIKIPEDIA**: the free encyclopedia, 2023. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Persian_Gulf. Acesso em: 04 dez. 2023.

POLLACK, K. What If Iran Was Behind al-Khobar? Planning for a U.S. Response. **The Washington Institute for Near East Policy**, 1997. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/what-if-iran-was-behind-al-khobar-planning-us-response>. Acesso em: 20 dez. 2023.

PRATES, B. J. **Pacto de elites e integração produtiva**: desafios para regionalização da América do Sul. 103 f. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/166101>. Acesso em: 08 jan. 2024.

PUTNAM, R. D. Diplomacia e a política doméstica: a lógica dos jogos de dois níveis. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 147-174, jun. 2010.

RAMANI, S. The Qatar Blockade Is Over, but the Gulf Crisis Lives On. **Foreign Policy**, 2021. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2021/01/27/qatar-blockade-gcc-divisions-turkey-libya-palestine/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

RASHAD, M. Saudis await prince's vision of future with hope and concern. **Reuters**, 2016. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-saudi-plan-idUSKCN0XL0B2/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

RAVID, B. Scoop: Israel OKs Red Sea islands deal, paving way for Saudi normalization steps. **Axios**, 2022. Disponível em:

<https://www.axios.com/2022/07/14/saudi-israel-normalization-red-sea-deal>. Acesso em: 20 dez. 2023.

REED, S.; HAMDAN, S. Aging of Saudi Royalty Brings Question of Succession to Fore. **The New York Times**, 2012. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/06/21/world/middleeast/aging-of-saudi-royalty-brings-question-of-succession-to-fore.html>. Acesso em: 08 dez. 2023.

REID, J. Angola's OPEC exit highlights group tensions – but is unlikely to rattle the market. **CNBC**, 2023. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2023/12/22/angolas-opec-exit-shows-group-tensions-but-market-wont-be-rattled.html>. Acesso em: 27 dez. 2023.

REUT GROUP. Resolutions 242 and 338. **Reut Group**, 2006. Disponível em: <https://www.reutgroup.org/Publications/resolutions-242-and-338->. Acesso em: 14 dez. 2023.

RIEDEL, B. 75 years after a historic meeting on the USS Quincy, US-Saudi relations are in need of a true re-think. **Brookings**, 2020. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/75-years-after-a-historic-meeting-on-the-uss-quincy-us-saudi-relations-are-in-need-of-a-true-re-think/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

RIEDEL, B. **Kings and Presidents: Saudi Arabia and the United States since FDR**. Washington, D.C.: Brookings Institution Press, 2018. 251p.

RIEDEL, B. Remembering the Khobar Towers bombing. **Brookings**, 2021. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/remembering-the-khobar-towers-bombing/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

RIEDEL, B. The Return of Prince Bandar: Saudi's New Spy Chief. **Brookings**, 2012. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/the-return-of-prince-bandar-saudis-new-spy-chief/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

RIEDEL, B. U.N. report firmly blames Saudi Arabia for the murder of Jamal Khashoggi. **Brookings**, 2019. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/u-n-report-firmly-blames-saudi-arabia-for-the-murder-of-jamal-khashoggi/>. Acesso em: 28 dez. 2023.

RIEDEL, B. What the Iran deal has meant for Saudi Arabia and regional tensions. **Brookings**, 2016. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/what-the-iran-deal-has-meant-for-saudi-arabia-and-regional-tensions/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

RIEDEL, B. Who are the Houthis, and why are we at war with them? **Brookings**, 2017. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/who-are-the-houthis-and-why-are-we-at-war-with-them/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

ROBINS, P. **A History of Jordan**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. 316p.

ROCHE, A. O Oriente Médio pós-Guerra Fria: a geopolítica e o processo de paz Israel-OLP. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 51, p. 17-45, jan./jun. 2012.

ROGAN, E. **Os Árabes: Uma História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 788p

ROGAN, E. **The Fall of the Ottomans: The Great War in the Middle East**. New York: Basic Books, 2015. 485p.

RUCKER, P.; DeYOUNG, K. Trump signs 'tremendous' deals with Saudi Arabia on his first day overseas. **The Washington Post**, 2017. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/politics/trump-gets-elaborate-welcome-in-saudi-arabia-embarking-on-first-foreign-trip/2017/05/20/679f2766-3d1d-11e7-a058-ddbb23c75d82_story.html. Acesso em: 08 jan. 2024.

SAID, S.; HUA, S.; NISSENBAUM, D. Saudi Arabia Eyes Chinese Bid for Nuclear Plant. **The Wall Street Journal**, 2023. Disponível em: <https://www.wsj.com/world/middle-east/saudi-arabia-eyes-chinese-bid-for-nuclear-plant-e4a56f>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SAID, S.; NISSENBAUM, D.; KALIN, S.; AL-BATATI, S. The Best of Frenemies: Saudi Crown Prince Clashes With U.A.E. President. **The Wall Street Journal**, 2023. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/frenemies-saudi-crown-prince-mbs-clashes-uae-president-mbz-c500f9b1>. Acesso em: 18 dez. 2023.

SAID, S.; SCHECK, J. Top Saudi Royal Family Members Detained. **The Wall Street Journal**, 2020. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/top-saudi-royal-family-members-detained-11583531033>. Acesso em: 08 dez. 2023.

SALLON, H. Bin Salman vs bin Zayed: The battle for influence in the Middle East. **Le Monde**, 2023a. Disponível em: https://www.lemonde.fr/en/international/article/2023/08/01/bin-salman-vs-bin-zayed-the-battle-for-influence-in-the-middle-east_6075487_4.html. Acesso em: 18 dez. 2023.

SALLON, H. West caught off guard by Arab world welcoming Assad back into the fold. **Le Monde**, 2023b. Disponível em: https://www.lemonde.fr/en/international/article/2023/05/22/west-caught-off-guard-by-arab-world-welcoming-assad-back-into-the-fold_6027545_4.html. Acesso em: 19 dez. 2023.

SANT'ANNA, L. O papel de Catar e Arábia Saudita na guerra entre Israel e Hamas. **Estadão**, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/lourival-santanna/o-papel-de-catar-e-arabia-saudita-na-guerra-entre-israel-e-o-hamas-leia-a-analise/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SANTORA, M.; NEREIM, V.; PIERSON, D. Ukraine Starts New Diplomatic Push to Weaken Russia. **The New York Times**, 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/08/05/world/europe/ukraine-war-saudi-arabia-russia.html>. Acesso em: 08 jan. 2024.

SAUDI ARABIAN MILITARY FORCES. In: **WIKIPEDIA**: the free encyclopedia, 2023. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Saudi_Arabian_Military_Forces. Acesso em: 08 jan. 2024.

SAUDI GAZETTE. Prince Bandar: Khashoggi case is now closed; CIA report is an evaluation, not evidence. **Saudi Gazette**, 2021. Disponível em: <https://saudigazette.com.sa/article/603993>. Acesso em: 08 jan. 2024.

SCHAER, C. Who gets to do Hajj in Saudi Arabia? **Deutsche Welle**, 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/en/who-gets-to-do-hajj-in-saudi-arabia/a-66016250>. Acesso em: 08 jan. 2024.

SILVA, A. M. M. D. **A Revolução Nacional na China**: entre a autarquia e a dependência. 238 f. Tese (Estudos Estratégicos Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/257472>. Acesso em: 08 jan. 2024.

SILVA, R. L. D. **Construção do Estado e Formação da Política Externa**: Causas das mudanças na política externa das potências regionais do Golfo Pérsico para o Iêmen (2011-2019). 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220616>. Acesso em: 08 jan. 2024.

SIRIPURAPU, A.; CHATZKY, A. OPEC in a Changing World. **Council on Foreign Relations**, 2022. Disponível em: <https://www.cfr.org/backgrounder/opec-changing-world>. Acesso em: 27 dez. 2023.

SPA. Joint Trilateral Statement by the Kingdom of Saudi Arabia, the Islamic Republic of Iran, and the People's Republic of China. **SPA**, 2023. Disponível em: <https://www.spa.gov.sa/w1867376>. Acesso em: 30 nov. 2023.

STARK, A.; GRISÉ, M. Fighting in Sudan Is Creating a Rift Among U.S. Security Partners. **RAND Corporation**, 2023. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/commentary/2023/07/fighting-in-sudan-is-creating-a-rift-among-u-s-security.html>. Acesso em: 18 dez. 2023.

STATE OF ISRAEL. Ministry of Foreign Affairs. 1947: The international community says YES to the establishment of the State of Israel. **State of Israel**, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/Jubilee-years/Pages/1947-UN-General-Assembly-Resolution-181-The-international-community-says-Yes-to-the-establishment-of-the-State-of-Israel.aspx>. Acesso em: 20 dez. 2023.

STIRLING, R. As oligarchs' capital flows into UAE, human rights circle the drain. **The Times of Israel**, 2022. Disponível em:

<https://blogs.timesofisrael.com/as-oligarchs-capital-flows-into-uae-human-rights-go-down-the-drain/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

TAMKIN, E. Why Did Several Arab Countries Suddenly Cut Ties With Qatar? **Foreign Policy**, 2017. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2017/06/05/why-did-several-arab-countries-suddenly-cut-ties-with-qatar/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

TAWFEEQ, M.; KARADSHEH, J.; QIBLAWI, T.; ROBERTSON, N. Jamal Khashoggi's children 'pardon' their father's killers, sparing them the death penalty. **CNN**, 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/05/22/middleeast/khashoggi-children-pardon-saudi-intl/index.html>. Acesso em: 28 dez. 2023.

TAYLOR, A. As Trump tries to end 'endless wars,' America's biggest Mideast base is getting bigger. **The Washington Post**, 2019. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/as-trump-tries-to-end-endless-wars-americas-biggest-mideast-base-is-getting-bigger/2019/08/20/47ac5854-bab4-11e9-8e83-4e6687e99814_story.html. Acesso em: 18 dez. 2023.

THE ECONOMIST DEMOCRACY INDEX. In: **WIKIPEDIA**: the free encyclopedia, 2023. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Economist_Democracy_Index. Acesso em: 05 dez. 2023.

THUDIUM, G. P. S. **A Alemanha em busca de uma grande estratégia**: infraestrutura, guerra e logística. 190 f. Tese (Estudos Estratégicos Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/247589>. Acesso em: 08 jan. 2024.

THUDIUM, G. P. S.; ROCHA, D. D. Q.; SANTOS, G. F. D.; CORRÊA, L. N.; SERPA, R. P.; CASSEL, R. D. S. Os Estudos de Segurança Internacional em Perspectiva Histórica: evolução teórica, regionalismo e a expansão da agenda securitária. **XIV Congresso Acadêmico sobre Defesa Nacional**, Resende, Rio de Janeiro, 2017.

TIEN-PIN, L.; CHIN, J. Air force highlights secret North Yemen operations. **Taipei Times**, 2019. Disponível em: <https://www.taipeitimes.com/News/taiwan/archives/2019/01/29/2003708858>. Acesso em: 08 jan. 2024.

TOOSI, N. Obama, in an awkward twist, becomes Saudi Arabia's defender. **Politico**, 2016; Disponível em: <https://www.politico.com/story/2016/09/obama-saudi-arabia-228521>. Acesso em: 08 jan. 2024.

TRADE BLOC. In: **WIKIPEDIA**: the free encyclopedia, 2023. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Trade_bloc. Acesso em: 08 jan. 2024.

TRT WORLD. Who is King Faisal of Saudi Arabia? **TRT World**, 2020. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FoHUWCURXyc>. Acesso em: 20 dez. 2023.

TURAK, N. Saudi Arabia and Turkey are emerging as the new peace brokers of the Russia-Ukraine war. **CNBC**, 2023. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2023/08/02/saudi-arabia-and-turkey-the-new-peace-brokers-of-russia-ukraine-war.html>. Acesso em: 01 dez. 2023.

ULRICHSEN, K. C. Saudi plans to ‘de-risk’ region have taken a hit with Gaza violence – but hitting pause on normalization with Israel will buy kingdom time. **The Conversation**, 2023. Disponível em: <https://theconversation.com/saudi-plans-to-de-risk-region-have-taken-a-hit-with-gaza-violence-but-hitting-pause-on-normalization-with-israel-will-buy-kingdom-time-215657>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ULRICHSEN, K. C. Why Is Qatar Leaving OPEC? **The New York Times**, 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/12/10/opinion/qatar-leaving-opec-saudi-arabia-blockade-failure.html>. Acesso em: 27 dez. 2023.

UNGER, C. **Los Bush y los Saud**: La relación secreta entre las dos dinastías más poderosas del mundo. Buenos Aires: Planeta, 2004. 416p.

UNITED ARAB EMIRATES. Embassy of the UAE. The Abraham Accords: Unlocking Sustainable and Inclusive Growth Across the Middle East. **United Arab Emirates**, 2023a. Disponível em: <https://www.uae-embassy.org/abraham-accords-sustainable-inclusive-growth>. Acesso em: 14 dez. 2023.

UNITED ARAB EMIRATES. Ministry of Economy. Emirates of the UAE. **United Arab Emirates**, 2023b. Disponível em: <https://www.moec.gov.ae/en/emirates-of-the-uae>. Acesso em: 18 dez. 2023.

UNITED ARAB EMIRATES. Ministry of Economy. GCC Free Trade Agreements Support the UAE's Top Global Rankings. **United Arab Emirates**, 2023c. Disponível em: <https://www.moec.gov.ae/en/-free-trade-agreements>. Acesso em: 18 dez. 2023.

UNITED NATIONS. Arab Peace Initiative – LAS Summit – Letter from Lebanon (excerpts). **United Nations Information System on the Question of Palestine**, 2002. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-181223/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

UNITED NATIONS. Fahd Plan of 1981 – Non-UN document. **United Nations Information System on the Question of Palestine**, 1981. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-209344/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Central Intelligence Agency. Crude oil – exports. **United States of America**, 2021. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/about/archives/2021/field/crude-oil-exports/country-comparison>. Acesso em: 27 nov. 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of State. Camp David Accords and the Arab-Israeli Peace Process. **United States of America**, 1980. Disponível em: <https://history.state.gov/milestones/1977-1980/camp-david>. Acesso em: 14 dez. 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of State. The Madrid Conference, 1991.

United States of America, 1992. Disponível em:

<https://history.state.gov/milestones/1989-1992/madrid-conference>. Acesso em: 14 dez. 2023.

USBORNE, D. Syria, the Saudi connection: The Prince with close ties to Washington at the heart of the push for war. **The Independent**, 2013. Disponível em:

<https://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/syria-the-saudi-connection-the-prince-with-close-ties-to-washington-at-the-heart-of-the-push-for-war-8785049.html>. Acesso em: 08 jan. 2024.

VAN EVERA, S. **Guía para estudiantes de ciencia política: métodos y recursos**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2002. 156p.

VERRASTRO, F. A.; CARUSO, G. The Arab Oil Embargo—40 Years Later. **Center for Strategic & International Studies**, 2013. Disponível em:

<https://www.csis.org/analysis/arab-oil-embargo-40-years-later>. Acesso em: 27 dez. 2023.

VICK, K. Crown Prince Mohammed bin Salman Talks to TIME About the Middle East, Saudi Arabia's Plans and President Trump. **Time**, 2018. Disponível em:

<https://time.com/5228006/mohammed-bin-salman-interview-transcript-full/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

VINOGRAD, C.; KERSHNER, I. Israel's Attackers Took About 240 Hostages. Here's What to Know About Them. **The New York Times**, 2023. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/article/israel-hostages-hamas-explained.html>. Acesso em: 20 dez. 2023.

VISENTINI, P. F. **A Primavera Árabe: Entre a Democracia e a Geopolítica do Petróleo**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012. 183p.

VISENTINI, P. F. **A Projeção Internacional do Brasil: 1930-2012**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2013. 157p.

VISENTINI, P. F. **Os paradoxos da revolução russa: ascensão e queda do socialismo soviético (1917-1991)**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017a. 176p.

VISENTINI, P. F. **Século XXI: Impasses e Conflitos**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2017b. 134p.

VISENTINI, P. F. **Oriente Médio e Afeganistão: Um Século de Conflitos**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002. 149p.

WAJID, A. The diplomatic surge between the GCC and Central Asian states. **International Institute for Strategic Studies**, 2023. Disponível em:

<https://www.iiss.org/online-analysis/online-analysis/2023/11/the-diplomatic-surge-between-the-gcc-and-central-asian-states/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

WALSH, D.; KIRKPATRICK, D. U.A.E. Pulls Most Forces From Yemen in Blow to Saudi War Effort. **The New York Times**, 2019. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2019/07/11/world/middleeast/yemen-emirates-saudi-war.html>. Acesso em: 06 dez. 2023.

WALSH, E. Israel Rejects Fez Proposals, Sees No Shift in Arab Views. **The Washington Post**, 1982. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1982/09/11/israel-rejects-fez-proposals-sees-no-shift-in-arab-views/d51ff29e-0883-4a72-8dfc-b49adebccc01/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

WALTZ, K. N. International Politics is not Foreign Policy. **Security Studies**, London, v. 6, n. 1, p. 54-57, autumn. 1996.

WALTZ, K. N. **O Homem, o Estado e a Guerra**: uma análise teórica. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2022.

WHITEHEAD, J. Are Newcastle United's PIF owners separate from Saudi Arabia – and why does it matter? **The Athletic**, 2024. Disponível em: <https://theathletic.com/5206964/2024/01/17/newcastle-united-pif-saudi-arabia-separate-explained/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

WONG, E.; LaFRANIERE, S. Tillerson Says Kushner Bypassed Him and Mattis to Make Foreign Policy. **The New York Times**, 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/06/27/us/politics/rex-tillerson-trump.html>. Acesso em: 18 dez. 2023.

WOOD, G. Absolute Power. **The Atlantic**, 2022. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2022/04/mohammed-bin-salman-saudi-arabia-palace-interview/622822/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

WRIGHT, L. **O Vulto das Torres**: A Al-Qaeda e o caminho até o 11/9. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 503p.

WYNBRANDT, J. **A Brief History of Saudi Arabia**. New York: Checkmark Books, 2004. 334p.

YOUNG, K. E. How Saudi Arabia Sees the World. **Foreign Affairs**, 2022. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/saudi-arabia/how-saudi-arabia-sees-world>. Acesso em: 27 dez. 2023.

ZEIDAN, A. Mujahideen. **Britannica**, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/mujahideen-Islam>. Acesso em: 08 jan. 2024.

ZERROUKY, M. Saudi Arabia exits war in Yemen. **Le Monde**, 2023. Disponível em: https://www.lemonde.fr/en/international/article/2023/04/14/saudi-arabia-exits-war-in-yemen_6022948_4.html. Acesso em: 19 dez. 2023.